



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

ROBSON ROGÉRIO REGO

**ESTUDOS TOPONÍMICOS DO NORTE CENTRAL
PARANAENSE – EM BUSCA DO CAFÉ**

Londrina
2013

ROBSON ROGÉRIO REGO

**ESTUDOS TOPONÍMICOS DO NORTE CENTRAL
PARANAENSE – EM BUSCA DO CAFÉ**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera

Londrina
2013

Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

R343e Rego, Robson Rogério

Estudos toponímicos do norte central paranaense: em busca do café / Robson Rogério Rego. – Londrina, 2013.
167 f. il.

Orientador: Vanderci de Andrade Aguilera.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2013.

Inclui bibliografia.

1. Toponímia – Teses. 2. Nomes geográficos – Paraná, Norte – Teses. 3. Paraná – Municípios – Teses. 4. Lingüística – Teses. I. Aguilera, Vanderci de Andrade. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 801.311

ROBSON ROGÉRIO REGO

**ESTUDOS TOPONÍMICOS DO NORTE CENTRAL PARANAENSE –
EM BUSCA DO CAFÉ**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
UEL – Londrina -

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquardo
UFMS – Mato Grosso do Sul - MS

Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
UFMG – Minas Gerais - MG

Londrina, 25 de fevereiro de 2013.

Pelos anos de ensinamentos e orientações para a vida, à minha mãe Elizabeth e meu pai Darcy. Minha esposa Susimere, e filhos Luisa e Arthur, pela paciência e compreensão nos momentos que me mantive ausente, esta conquista é nossa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me proporcionou o dom da Vida e não me deixou esmorecer diante de tamanhas dificuldades.

À minha amada família, por compreender meu estado de espírito, nem sempre dos mais bem-humorados.

Ao meu amigo, Cláudio, que me trouxe novamente ao mundo acadêmico.

À minha amiga “virtual”, Márcia Zamariano pelas contribuições bibliográficas e incentivos.

Aos docentes do curso de Estudos da Linguagem, por ensinamentos tão preciosos.

À Prof^a. Dr^a. Aparecida Negri Isquero, por me mostrar a seriedade e dedicação que se deve ter em um trabalho científico.

Especialmente, à Prof^a. Dr^a. Vanderci de Andrade Aguilera, pelas intermináveis correções, pela dedicação e profissionalismo. Sem a senhora, não seria possível.

Enfim, a todos que de maneira direta ou indireta, colaboraram para a realização deste sonho.

A cada dia que vivo, mais me convenço de que o desperdício da vida está no amor que não damos, nas forças que não usamos, na prudência egoísta que nada arrisca e que, esquivando-nos do sofrimento, perdemos também a felicidade. A dor é inevitável. O sofrimento é opcional.

Carlos Drummond de Andrade

REGO, Robson Rogério. **Estudos toponímicos do norte central paranaense – em busca do café**. 2013. 167 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

RESUMO

Este trabalho priorizou a catalogação, a classificação taxionômica, a descrição e a análise dos nomes dos acidentes físico-geográficos de 20 municípios paranaenses, localizados na Mesorregião Norte Central: Mandaguari, Marialva, Maringá, Paiçandu, Sarandi, Apucarana, Arapongas, Califórnia, Cambira, Jandaia do Sul, Marilândia do Sul, Mauá da Serra, Novo Itacolomi, Sabáudia, Cambé, Ibiporã, Londrina, Pitangueiras, Rolândia e Tamarana, os quais compõem as Microrregiões 09, 10 e 11, de Apucarana, de Maringá e de Londrina, respectivamente. Partindo do princípio de que o topônimo é um tipo de signo particularmente marcado por fatores extralinguísticos, na análise da motivação toponímica foram consideradas influências do ambiente físico do território pesquisado, ciclos econômicos que interferiram de forma marcante na história do Estado, em especial o ciclo do café. Os dados analisados foram coletados em mapas oficiais do IBGE, lançados em 2007, em escalas 1: 100.000 e 1: 50.000. Para a análise dos dados foram utilizados os princípios teórico-metodológicos propostos por Dick (1990), cuja proposta de classificação dos topônimos envolve vinte e sete categorias específicas, onze referentes ao ambiente físico e dezesseis ao ambiente sócio-cultural. A esse acervo foi acrescentada a sugestão de Isquierdo (1996) – que classifica os animotopônimos em eufóricos ou disfóricos. A pesquisa mostrou que: i) 259 topônimos nomeiam acidentes humanos e 642, acidentes físicos; ii) são três as taxionomias mais produtivas – *fitotopônimos*, *zootopônimos* e *hidrotopônimos*; iii) as marcas do café – ciclo econômico marcante na história social do Paraná – ficaram evidentes em apenas 06 topônimos que representam 0.06% do total; iv) os nomes de base portuguesa predominaram no *corpus* estudado – 54.19%, ainda que a presença da língua Tupi seja bastante significativa, apontando um total de 37.15%. Por fim, o estudo indicou que, apesar da grande influência do cultivo do café no Norte do Paraná, esse produto não se ramificou para a toponímia.

Palavras-chave: Toponímia. Paraná. Café. Norte Central.

REGO, Rogério Robson. **Studies toponymy Northern Central Paraná - in search of coffee**. 2013. 167 f. Dissertation (Master's degree in Language Studies) –Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013

ABSTRACT

This work prioritized cataloging, taxonomic classification, description and analysis of the names of the physical-geographical accidents of 20 municipalities of Paraná, located in North Central Mesoregion: Mandaguari, Marialva, Maringá, Paiçandu, Sarandi, Apucarana, Araongas, California, Cambira, Jandaia do Sul, Marilândia do Sul, Maua Serra, Novo Itacolomi, Sabaudia, Cambira, Ibiporã, Londrina, Pitangueiras, Rolândia and Tamarana, which comprise the Microregions 09, 10 and 11, Apucarana, Maringa and Londrina, respectively. Assuming that the toponym is a kind of sign particularly marked by extralinguistic factors in the analysis were considered toponymy motivation influences the physical environment of the area surveyed, economic cycles that interfered markedly in state history, especially the cycle coffee. Data were collected from official maps of IBGE, launched in 2007, at scales 1: 100,000 and 1: 50,000. For data analysis we used the theoretical and methodological principles proposed by Dick (1990), whose proposal involves the classification of toponyms twenty-seven specific categories, eleven for the physical environment and sixteen to the socio-cultural environment. To this collection was added the suggestion Isquerdo (1996) - which ranks euphoric or dysphoric animotopônimos on. The research showed that: i) 259 toponyms appoint accidents and 642 human, physical accidents, ii) are three taxonomies more productive - fitotopônimos, hidrotopônimos and zootopônimos iii) brands of coffee - economic cycle marked in the social history of Paraná - were 06 only evident in place names that represent 0.06% of the total, iv) the names of Portuguese base predominated in the corpus studied - 54.19%, although the presence of Tupi be quite significant, indicating a total of 37.15%. Finally, the study indicated that, despite the great influence of coffee cultivation in northern Paraná, this product is not branched to toponymy.

Keywords: Toponymy. Paraná. North Central. Coffee.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Nomes atual e anterior dos municípios e sua classificação.....	75
Quadro 2 – Topônimos do município de Apucarana.....	77
Quadro 3 – Topônimos de Araongas.....	83
Quadro 4 – Topônimos do município de Califórnia.....	86
Quadro 5 – Relação dos topônimos de Cambira e sua classificação.....	89
Quadro 6 – Relação dos topônimos de Jandaia do Sul e sua classificação.....	93
Quadro 7 – Relação dos topônimos de Marilândia do Sul e sua classificação.....	96
Quadro 8 – Relação dos topônimos de Mauá da Serra e sua classificação.....	99
Quadro 9 – Relação dos topônimos de Novo Itacolomi e sua classificação.....	101
Quadro 10 – Relação dos topônimos de Sabáudia e sua classificação.....	104
Quadro 11 – Relação dos topônimos de Cambé e sua classificação.....	108
Quadro 12 – Relação dos topônimos de Ibiporã e sua classificação.....	111
Quadro 13 – Relação dos topônimos de Londrina e sua classificação.....	114
Quadro 14 – Relação dos topônimos de Pitangueiras e sua classificação.....	122
Quadro 15 – Relação dos topônimos de Rolândia e sua classificação.....	124
Quadro 16 – Relação dos topônimos de Tamarana e sua classificação.....	128
Quadro 17 – Relação dos topônimos de Mandaguari e sua classificação.....	131
Quadro 18 – Relação dos topônimos de Marialva e sua classificação.....	134
Quadro 19 – Relação dos topônimos de Maringá e sua classificação.....	138
Quadro 20 – Relação dos topônimos de Paiçandu e sua classificação.....	142
Quadro 21 – Relação dos topônimos de Sarandi e sua classificação.....	143

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Classificação dos acidentes humanos e físicos de Apucarana e sua frequência	82
Tabela 2 – Classificação dos acidentes humanos e físicos de Arapongas e sua frequência	85
Tabela 3 – Classificação dos acidentes humanos e físicos de Califórnia e sua frequência	88
Tabela 4 – Classificação dos acidentes humanos e físicos de Cambira e sua frequência	92
Tabela 5 – Classificação dos acidentes humanos e físicos de Jandaia do Sul e sua frequência	95
Tabela 6 – Classificação dos acidentes humanos e físicos de Marilândia do Sul e sua frequência	98
Tabela 7 – Classificação dos acidentes humanos e físicos de Mauá da Serra e sua frequência	100
Tabela 8 – Classificação dos acidentes humanos e físicos de Novo Itacolomi e sua frequência	103
Tabela 9 – Classificação dos acidentes humanos e físicos de Sabáudia e sua frequência	106
Tabela 10 –Classificação dos acidentes humanos e físicos de Cambé e sua frequência.....	110
Tabela 11 –Classificação dos acidentes humanos e físicos de Ibiporã e sua frequência	113
Tabela 12 –Classificação dos acidentes humanos e físicos de Londrina e sua frequência	120
Tabela 13 –Classificação dos acidentes humanos e físicos de Pitangueiras e sua frequência	123
Tabela 14 –Classificação dos acidentes humanos e físicos de Rolândia e sua frequência	125
Tabela 15 –Classificação dos acidentes humanos e físicos de Tamarana e sua frequência	129
Tabela 16 –Classificação dos acidentes humanos e físicos de Mandaguari e sua frequência	133
Tabela 17 –Classificação dos acidentes humanos e físicos de Marialva e sua frequência	137

Tabela 18 –Classificação dos acidentes humanos e físicos de Maringá e sua frequência	140
Tabela 19 –Classificação dos acidentes humanos e físicos de Paiçandu e sua frequência	142
Tabela 20 –Classificação dos acidentes humanos e físicos de Sarandi e sua frequência	144

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Mesorregião Norte Central Paranaense	22
Mapa 02 – Microrregião geográfica de Apucarana	76
Mapa 03 – Município de Arapongas	83
Mapa 04 – Município de Califórnia	86
Mapa 05 – Município de Cambira	89
Mapa 06 – Município de Jandaia do Sul	92
Mapa 07 – Município de Marilândia do Sul	96
Mapa 08 – Município de Mauá da Serra	99
Mapa 09 – Município de Novo Itacolomi	100
Mapa 10 – Município de Sabáudia	103
Mapa 11 – Microrregião Geográfica de Londrina	107
Mapa 12 – Município de Cambé	107
Mapa 13 – Município de Ibiporã	111
Mapa 14 – Município de Londrina	114
Mapa 15 – Município de Pitangueiras	121
Mapa 16 – Município de Rolândia	123
Mapa 17 – Município de Tamarana	127
Mapa 18 – Microrregião Geográfica de Maringá	130
Mapa 19 – Município de Mandaguari	130
Mapa 20 – Município de Marialva	134
Mapa 21 – Município de Maringá	138
Mapa 22 – Município de Paiçandu	141
Mapa 23 – Município de Sarandi	143

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição percentual dos Topônimos segundo a natureza da categoria taxionômica. Microrregião Apucarana.....	145
Gráfico 2 – Distribuição dos Topônimos segundo as taxionomias de natureza física - Microrregião 10.....	146
Gráfico 3 – Distribuição dos Topônimos segundo as taxionomias de natureza antropocultural - Microrregião 10	147
Gráfico 4 – Distribuição percentual dos Topônimos segundo a natureza da categoria taxionômica. Microrregião Londrina.....	148
Gráfico 5 – Distribuição dos Topônimos segundo as taxionomias de natureza física - Microrregião 11.....	148
Gráfico 6 – Distribuição dos Topônimos segundo as taxionomias de natureza antropocultural - Microrregião 11	149
Gráfico 7 – Distribuição percentual dos Topônimos segundo a natureza da categoria taxionômica. Microrregião Maringá.....	150
Gráfico 8 – Distribuição dos Topônimos segundo as taxionomias de natureza física - Microrregião 09.....	151
Gráfico 9 – Distribuição dos Topônimos segundo as taxionomias de natureza antropocultural - Microrregião 09	151
Gráfico 10 – Distribuição percentual dos Topônimos segundo o tipo de acidente	152
Gráfico 11 – Distribuição percentual dos Topônimos segundo a natureza da categoria taxionômica	153
Gráfico 12 – Distribuição percentual dos Topônimos segundo as taxionomias de natureza física.....	153
Gráfico 13 – Distribuição dos Topônimos segundo as taxionomias de natureza antropocultural.....	154
Gráfico 14 – Distribuição dos Topônimos da microrregião de Apucarana, segundo a língua de origem	155
Gráfico 15 – Distribuição dos Topônimos da microrregião de Londrina, segundo a língua de origem	155
Gráfico 16 – Distribuição dos Topônimos da microrregião de Maringá, segundo a língua de origem	156

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrada de ferro Curitiba-Paranaguá 1978.....	44
Figura 2 – Detalhe do mapa geográfico da região de Paranaguá de 1653	50
Figura 3 – Sapeco da erva-mate: pintura de Alfredo Andersen do século XIX.....	53
Figura 4 – Embarque do Café – Porto de Santos. Século XIX.....	56
Figura 5 – Fazenda Monte Café, Sapucaia (RJ), 1885 Colheita de Café.....	57
Figura 6 – Companhia de Terras Norte do Paraná – Sede	62
Figura 7 – Anúncio da Cia. de Terras Norte do Paraná.....	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LA	Língua Árabe
LAF	Língua Africana
LC	Língua Caingang
LE	Língua Espanhola
LEV	Língua Eslovaca
LF	Língua Francesa
LG	Língua Grega
LGU	Língua Guarani
LGM	Língua Germânica
LH	Língua Hebraica
LI	Língua Italiana
L ING	Língua Inglesa
LQ	Língua Quimbundo
LP	Língua Portuguesa
LPS	Língua Persa
LPOL	Língua Polonesa
LS	Língua Sânscrito
LT	Língua Tupi
LNI	Língua não identificada

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO I - FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E PANORAMA HISTÓRICO DA TOPONÍMIA	22
1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
1.2 ASPECTOS LINGUÍSTICOS DA TOPONÍMIA	27
1.3 CARACTERIZAÇÃO DO TOPÔNIMO	28
1.4 PANORAMA HISTÓRICO – ORIGENS E EVOLUÇÃO DOS ESTUDOS TOPONÍMICOS	32
1.5 ORIGEM DOS ESTUDOS TOPONÍMICOS NO BRASIL	34
1.6 PANORAMA HISTÓRICO DOS ESTUDOS TOPONÍMICOS NAS DIVERSAS REGIÕES BRASILEIRAS	35
1.6.1 Estudos toponímicos na/sobre a região Norte	35
1.6.2 Estudos toponímicos na/sobre a região Nordeste	36
1.6.3 Estudos toponímicos na/sobre a região Centro-Oeste	37
1.6.4 Estudos toponímicos na/sobre a região Sudeste	38
1.6.5 Estudos toponímicos na/sobre a região Sul	40
CAPÍTULO II - O PARANÁ E SEUS ASPECTOS GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS E ECONÔMICOS	43
2.1 O SOLO PARANAENSE	45
2.2 OS PRINCIPAIS RIOS PARANAENSES	45
2.3 A FIGURA INDÍGENA NO TERRITÓRIO PARANAENSE	46
2.3.1 Os Tupis	46
2.3.2 Os Guaranis	46
2.3.3 Os Carijós	47
2.3.4 Os Crêns	48
2.3.5 Os Gês	48
2.4 OS PRINCIPAIS CICLOS ECONÔMICOS DA HISTÓRIA DO PARANÁ	48
2.4.1 O Ouro no Paraná	48
2.4.2 O Tropeirismo	51
2.4.3 A erva mate	52
2.4.4 O Ciclo do Café	54

2.4.4.1	O café no Paraná.....	57
2.5	A REGIÃO NORTE DO PARANÁ	61
2.6	PEQUENO HISTÓRICO DOS MUNICÍPIOS PARANAENSES QUE FORMAM A MESORREGIÃO NORTE CENTRAL DO PARANÁ	64
2.6.1	Apucarana.....	65
2.6.2	Arapongas.....	65
2.6.3	Califórnia.....	66
2.6.4	Cambé.....	66
2.6.5	Cambira	67
2.6.6	Ibiporã.....	67
2.6.7	Jandaia do Sul.....	68
2.6.8	Londrina	68
2.6.9	Mandaguari.....	68
2.6.10	Marialva.....	68
2.6.11	Marilândia do Sul	70
2.6.12	Maringá.....	70
2.6.13	Mauá da Serra.....	71
2.6.14	Novo Itacolomi.....	71
2.6.15	Paiçandu	72
2.6.16	Pitangueiras	72
2.6.17	Rolândia.....	73
2.6.18	Sabáudia	73
2.6.19	Sarandi.....	74
2.6.20	Tamarana	74
CAPÍTULO III – DESCRIÇÃO DOS DADOS		76
3.1	MICRORREGIÃO DE APUCARANA.....	76
3.1.1	Apucarana.....	77
3.1.2	Arapongas.....	83
3.1.3	Califórnia.....	86
3.1.4	Cambira	89
3.1.5	Jandaia do Sul.....	92
3.1.6	Marilândia do Sul	96
3.1.7	Mauá da Serra.....	99

3.1.8	Novo Itacolomi.....	100
3.1.9	Sabáudia.....	103
3.2	MICRORREGIÃO DE LONDRINA.....	106
3.2.1	Cambé.....	107
3.2.2	Ibiporã.....	111
3.2.3	Londrina.....	114
3.2.4	Pitangueiras.....	121
3.2.5	Rolândia.....	123
3.2.6	Tamarana.....	127
3.3	MICRORREGIÃO DE MARINGÁ.....	129
3.3.1	Mandaguari.....	130
3.3.2	Marialva.....	144
3.3.3	Maringá.....	138
3.3.4	Paiçandu.....	141
3.3.5	Sarandi.....	143
CAPÍTULO IV ANÁLISE DOS DADOS.....		145
4.1	ANÁLISE DOS DADOS DA MICRORREGIÃO 10 APUCARANA.....	145
4.2	ANÁLISE DOS DADOS DA MICRORREGIÃO 11 LONDRINA.....	147
4.3	ANÁLISE DOS DADOS DA MICRORREGIÃO 09 MARINGÁ.....	150
4.4	ANÁLISE CONJUNTA DO <i>CORPUS</i>	152
4.5	ANÁLISE DOS DADOS SEGUNDO A LÍNGUA DE ORIGEM.....	155
4.6	SÍNTESE DOS DADOS TOPONÍMICOS DE CADA MUNICÍPIO.....	156
4.6.1	Topônimos da microrregião de Apucarana.....	158
4.6.2	Topônimos da microrregião de Londrina.....	159
4.6.3	Topônimos da microrregião de Maringá.....	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		161
REFERÊNCIAS.....		163

INTRODUÇÃO

O homem utiliza a língua para desenvolver-se socialmente e através desta comunicação é possível transformar os caminhos da humanidade. Ela não pode ser imaginada como algo pronto e acabado, pelo contrário, está em constante modificação e busca a interação entre os falantes para fomentar uma renovação linguística ininterrupta. Para Bakhtin (2009, p.99),

[...] a língua, para a consciência dos indivíduos que a falam, de maneira alguma se apresenta como um sistema de formas normativas. O sistema linguístico tal como é construído pelo objetivismo abstrato é diretamente acessível à consciência do sujeito falante, definido por sua prática viva de comunicação social.

Neste aspecto, pelo seu caráter interacionista, necessita impreterivelmente de locutor e ouvinte. Essa comunhão linguística é capaz de nortear os rumos da evolução (não como melhora, mas sim como modificação) da palavra e através dela objetivar fatos que em um primeiro momento parecem simples, como por exemplo, a nomeação de lugares e pessoas. A interação entre locutor e ouvinte, fica evidente nesse momento, visto que, toda nomeação é carregada implicitamente de fatores históricos, motivacionais, linguísticos, geográficos, etc. Esta assertiva remete novamente às palavras de Bakhtin (2009, p. 117),

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de pote lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

Como um campo de investigação bastante abrangente, a Toponímia conduz o pesquisador por caminhos distintos, pois, sua base linguística se ramifica em experiências que vão além do ato da nomeação de um lugar. Questões sociais, políticas, históricas, econômicas, entre outras, oferecem ao estudioso uma gama de conhecimentos sobre o escopo pesquisado, aglutinando essas questões em uma teoria sólida e convincente.

As possibilidades interdisciplinares que acompanham os estudos toponímicos é outro fator que aproxima diversos pesquisadores, da área Linguística de

conhecimento entre outros ramos do conhecimento, sobretudo História, a Geografia, a Antropologia, a Sociologia, entre outras possibilidades.

As questões motivacionais, no ato de nomear, instigam a novas descobertas e a pesquisas mais abrangentes. Ao final de uma pesquisa acerca do assunto é possível identificar o quão importante é a motivação para chegarmos ao designativo toponímico.

Por essas questões, e por outras mais, a Toponímia vem galgando espaço considerável nas pesquisas de Mestrado e Doutorado em diversas universidades de reconhecimento nacional. As bases referenciais para as questões toponímicas estão alicerçadas nos estudos de Dick, em 1975, que propõe um modelo taxionômico, com o título *O problema das taxionomias toponímicas. Uma contribuição metodológica*. Posteriormente com sua tese de doutoramento intitulada *A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxionômicos* (1980).

O processo de dar nomes às pessoas e aos lugares é objeto de estudo da Onomástica, disciplina que explora a etimologia, as transformações, enfim, a análise e a catalogação dos nomes próprios de pessoas e de lugares. Agregados à Onomástica temos a Antropotopônimo nímia e a Toponímia. A primeira estuda os nomes próprios de pessoas e a segunda estuda os nomes próprios de lugares, cujo reconhecimento como disciplina surgiu apenas em 1878, com Auguste Longnon, na França (DICK, 1990b, p.1).

Este trabalho busca contribuir para a expansão do projeto ATEPAR¹ – Atlas Toponímico do Paraná, coordenado pela professora Vanderci de Andrade Aguilera, da Universidade Estadual de Londrina – UEL, tomando como escopo a região Norte Central do Paraná – Microrregiões Geográficas 09, 10 e 11, respectivamente, Maringá, Apucarana e Londrina.

O estudo dos nomes de elementos físicos (rios, ribeirões, riachos, arroios, sangas, montes, morros, montanhas, serras, saltos, cachoeiras) e humanos (cidades, distritos, vilas, povoados, lugarejos, bairros rurais, patrimônios, etc.) dos 20 municípios que compõem o Norte Central Paranaense, mais especificamente, a área coberta pela *Rota do Café*, compreende os municípios de Mandaguari, Marialva, Maringá, Paiçandu, Sarandi, Apucarana, Arapongas, Califórnia, Cambira, Jandaia do Sul, Marilândia do Sul, Mauá da Serra, Novo Itacolomi, Sabáudia, Cambé, Ibiporã, Londrina, Pitangueiras, Rolândia e Tamarana.

¹ Esboço de um Atlas Toponímico do Estado do Paraná – ATEPAR, desenvolvido por professores e alunos do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina – UEL.

Dentre os vários ciclos econômicos pelos quais passou o Paraná desde as primeiras vilas fundadas no final do séc. XVIII até a primeira metade do séc. XX, sobressai o do café, principalmente no norte paranaense.

Dessa forma, devido à importância da lavoura cafeeira para o desenvolvimento dessa região, que foi a maior propulsora da fundação de centenas de cidades a partir do final do século XIX, nosso propósito inicial foi o de buscar nos topônimos do norte central paranaense a relevância que esse ciclo econômico pudesse ter na denominação das novas cidades e vilas. Observamos também que toda economia desta região girava em torno deste produto, e a cada vilarejo que emergia nesse solo “roxo”, povos de diversas regiões brasileiras imigravam em busca de condições de subsistência mais dignas, o que acarretou em uma miscigenação abundante.

Analisando as predominâncias taxionômicas dessas regiões e possíveis influências históricas e sociais que levaram aos nomes encontrados, podemos verificar a relação existente entre língua, cultura e sociedade. Nessa perspectiva, percebemos que a língua funciona como fator interacional ente a pessoa e o meio em que ele está.

Esta dissertação traz como objetivo geral, identificar, catalogar e demonstrar, por meio dos dados toponímicos, a predominância dos fatores históricos como motivadores da denominação dos nomes de aglomerados humanos (cidades, vilas, distritos, bairros) e acidentes físicos (rios, ribeirões, córregos, serras).

Como objetivos específicos, propõe-se: a) inventariar os topônimos da região delimitada, a partir de mapas oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2011), de escalas 1:50.000 e 1:100.000; b) analisar os topônimos quanto à estrutura, à etimologia e à motivação; c) investigar em que proporção o *Ciclo do Café* deixou resquícios toponímicos nos municípios analisados.

Este trabalho é composto por quatro capítulos. O primeiro, *Fundamentos teórico-metodológicos e panorama histórico da toponímia*, discutimos as questões teóricas que deram suporte a nossas reflexões sobre a Toponímia, as possíveis motivações dadas pela interação da Linguística, História e da Lexicologia.

No segundo, *O Paraná e seus aspectos geográficos, históricos e econômicos*, apresenta-se uma breve história dos migrantes, os indígenas, a caça ao ouro, o tropeirismo, a erva-mate e o ciclo do café, com ênfase neste último, por representar um dos mais importantes fatos históricos para a formação do Norte Central Paranaense.

O terceiro capítulo, *Descrição dos dados*, utiliza tabelas para sistematizar e evidenciar o município descrito, o número de acidentes físicos e humanos.

No quarto capítulo, *Análise dos dados*, é apresentada uma análise por microrregião, por meio de gráficos e comentários acerca dos dados estudados, passando posteriormente ao *corpus* como um todo, utilizando os mesmos critérios, porém reunindo as três microrregiões. No quinto capítulo, tecemos as considerações finais.

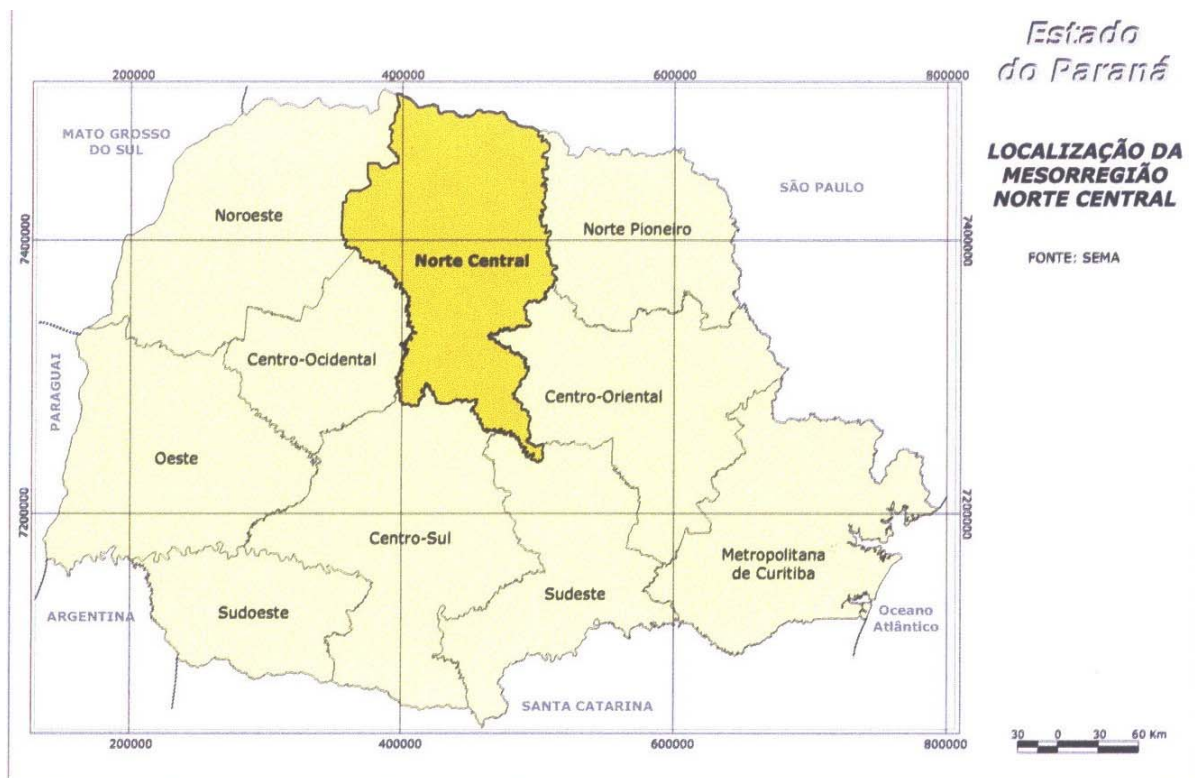
CAPÍTULO I

FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E PANORAMA HISTÓRICO DA TOPONÍMIA

Este trabalho propõe um estudo dos aspectos linguísticos dos topônimos de acidentes físicos e humanos dos municípios inseridos na mesorregião geográfica Norte Central paranaense, que compreende as microrregiões 9, 10 e 11, respectivamente, microrregião de Maringá, Apucarana e Londrina, compondo ao todo 20 (vinte) municípios distribuídos da seguinte maneira: Microrregião Geográfica de Maringá: Mandaguari, Marialva, Maringá, Paiçandu e Sarandi; Microrregião Geográfica de Apucarana: Apucarana, Arapongas, Califórnia, Cambira, Jandaia do Sul, Marilândia do Sul, Mauá da Serra, Novo Itacolomi e Sabáudia; Microrregião Geográfica de Londrina: Cambé, Iporã, Londrina, Pitangueiras, Rolândia e Tamarana.

O Norte Central abrange uma área de 18.215Km², que representa 9% do território paranaense (IAPAR, 2001). O mapa 01 mostra a área estudada neste trabalho

Mapa 01 – Mesorregião Norte Central Paranaense



Fonte: SEMA (2010)

As microrregiões de Apucarana, Maringá e Londrina, que fazem parte do Norte Central Paranaense, concentram uma grande parte da população deste estado e sua extensão territorial é da mesma forma abrangente, esses fatores que nos levaram a pesquisar a toponímia dessa microrregião. A pesquisa deve-se também à pretensão de colaborar para a construção do ATEPAR – Atlas Toponímico do Paraná, projeto desenvolvido no Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas, da Universidade Estadual de Londrina, desde 1996, atualmente coordenado pela professora Vanderci de Andrade Aguilera.

1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desta dissertação percorremos os seguintes passos: (i) levantamento bibliográfico para o embasamento teórico; (ii) levantamento dos trabalhos toponímicos realizados no Brasil e, em particular, no Paraná; (iii) constituição do *corpus*; (iv) consulta a dicionários de língua portuguesa e de língua tupi; (v) classificação dos topônimos segundo as taxionomias propostas por Dick (1990).

Inicialmente, para nossa pesquisa, foi feito um levantamento bibliográfico de trabalhos científicos relacionados aos princípios que orientam este estudo – Linguística, Toponímia, Etnolinguística, Lexicologia – incluindo informações de outras áreas de suma importância para a constituição deste trabalho – História do Paraná, Geografia e Antropologia - formando assim a interdisciplinaridade que compõe os estudos toponímicos.

Parte desse levantamento foi feito na biblioteca da sala de projetos, de nº 169 do Instituto de Referência em Ciências Humanas, da UEL, onde tivemos acesso às duas principais obras de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, *Toponímia e Antroponímia no Brasil* e *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*, além de entrarmos em contato com o acervo de trabalhos acadêmicos voltados para o desenvolvimento do ATEPAR, que serão descritos no capítulo 3. Essa tomada de consciência facilitou a escolha por um *corpus* ainda inexplorado.

Na sequência, centramos o trabalho na coleta de dados, ou seja, na seleção dos mapas estatísticos dos municípios das microrregiões estudadas. Para tanto, contatamos, via internet, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, regional de Curitiba; o Instituto Ambiental do Paraná – IAP; também o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES e a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos – SEMA, também em Curitiba.

Os mapas coletados junto aos órgãos oficiais do Estado nos proporcionaram a composição ideal para coleta dos acidentes geográficos físicos e humanos. Para seguir uma conduta sistemática, optamos por analisar os mapas disponibilizados pelo IBGE, que contêm uma escala recomendada de 1:50.000 ou de 1:100.000 – conforme Dick (1996, p.32) - e que, atualmente, mantém um acervo com dados coletados em 2010 com edição em 2011, ou seja, mapas atualizados e de visualização favorável ao pesquisador.

Esses mapas contemplam todas as convenções cartográficas necessárias para a realização de um trabalho eficiente, com informações em rodapé que facilitam a busca por dados e, no corpo, uma coloração diferenciada para cada município selecionado, que proporciona as delimitações territoriais adequadas à pesquisa sem causar dúvidas em relação à localização do topônimo e à área em que se encontra.

O acervo bibliográfico selecionado e consultado permitiu uma visão linguística, histórica e geográfica de todos os municípios propostos.

Para a definição dos itens lexicais que deram origem aos topônimos, foram consultados os seguintes dicionários:

- Aulete Digital – Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de Caldas Aulete (2012);
- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Vilar (2001);
- Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999).

Para a busca da etimologia de unidades lexicais de origem indígena, utilizamos como fontes básicas:

- O Tupi na Geographia Nacional, de Theodoro Sampaio (1928);
- Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi – significado dos nomes geográficos de origem tupi, de Luiz Caldas Tibiriçá (1985).

Para compreender a história da região Norte Central do Paraná, consultamos, entre outras, as seguintes obras:

- O Paraná e seus municípios, de João Carlos Vicente Ferreira (1996);
- Leituras Regionais – Mesorregiões Geográficas Paranaenses, disponibilizados pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – IPARDES (2004);

- Bacias Hidrográficas do Paraná disponibilizado pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos – SEMA (2010).

Não foi possível contar com uma vasta literatura sobre a língua Tupi, mas as consultadas foram de grande valia, haja vista que o étimo tupi é muito frequente na nomeação de acidentes físicos.

Quanto à classificação toponímica, recorremos a Dick (1990), que propõe uma divisão em dois blocos: as taxionomias de natureza física e as de natureza Antropotopônimo cultural, que são utilizadas tanto na classificação de topônimos de acidentes físicos (rios, águas, riachos, ribeirões, cachoeiras, montes, morros, serras, saltos, quedas d'água, planaltos) como na classificação de topônimos de acidentes humanos (vilas, povoados, patrimônios, distritos, bairros urbanos, bairros rurais).

Em relação às taxionomias, seguimos também a proposta de Dick (1990), com seu modelo de *Sistema Toponímico Taxionômico*, que se constitui de 27 taxes, distribuídas em dois grandes grupos:

(i) taxionomia de natureza física composta pelos astrotopônimos (relativos aos corpos celestes), cardinotopônimos (relativos às posições geográficas em geral), cromotopônimos (relativos à escala cromática), dimensiotopônimos (relativos às dimensões dos acidentes geográficos), fitotopônimos (índole vegetal), geomorfotopônimos (relativos às formas topográficas), hidrotopônimos (resultantes de acidentes hídricos), litotopônimos (índole mineral e constituição do solo), meteorotopônimos (relativos a fenômenos atmosféricos), morfotopônimos (sentido de forma geométrica), zootopônimos (índole animal); e

(ii) taxionomia de natureza antropocultural que compreende os animotopônimos (relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, não pertence à cultura física), antropotopônimos (relativos aos nomes próprios individuais), axiotopônimo (relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais), corotopônimos (relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes), cronotopônimos (indicadores cronológicos representados por adjetivos), ecotopônimos (relativos às habitações em geral), ergotopônimos (relativos aos elementos da cultura material), etnotopônimos (relativos aos elementos étnicos isolados ou não, a cidades, regiões, continentes ou indicativos de procedência geográfica), dirrematotopônimos (relativos a frases ou enunciados linguísticos), hierotopônimos (relativos a nomes sagrados de crenças diversas e que se subdivide em: hagiotopônimos (nomes de santos ou do hagiológico católico), mitotopônimos (entidades mitológicas); historiopotopônimos (relativos aos movimentos de cunho histórico-social, seus

membros e às datas comemorativas); hodotopônimos (relativos às vias de comunicação rural e urbana), numerotopônimos (relativos aos adjetivos numerais), poliotopônimos (constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade povoação, arraial), sociotopônimos (relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade, aglomerados humanos) e, finalmente, os somatotopônimos (relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou animal).

Para a organização e exposição dos dados estudados, utilizamos a estrutura de dois quadros, tendo como base os elementos sugeridos por Dick (2004) e Moreira (2006). No primeiro tipo de quadro foram adotados os seguintes procedimentos: 1. cabeçalho com os seguintes dados: a) identificação do quadro (ex: nome do município); b) mapa do município apontando em vermelho onde está localizado (IBGE, 2012); c) registro da motivação do topônimo que nomeia o município a partir de consulta ao “Glossário dos Municípios do Paraná”, elaborado pela equipe do Projeto ATEPAR (1999), e a Ferreira (1996); d) informação da data de instalação do município; e) indicação dos nomes anteriores do município com base em Ferreira (1996); f) registro da área total do território municipal em Km², com base ao site do IBGE; g) indicação do mapa consultado e sua respectiva escala; i) inclusão do gentílico² de cada município IBGE (2012). Segue o modelo abaixo.



Topônimo do Município de (...)

Motivação:

Data de Instalação:

Nome (s) anterior (es):

Área (Km²):

Escala:

População:

Gentílico:

² Para Aulete Digital (2012) ,diz-se de adjetivo que dá nome a um povo ou raça, ou ao lugar em que alguém nasceu, habita ou de onde procede.

Já para o segundo quadro, seguimos o modelo estruturado por Moreira (2006), no qual apresentamos uma divisão composta por 07 colunas: Acidente (acidente geográfico nomeado); Topônimo (o nome do acidente geográfico); Tipo de acidente (identificação do acidente geográfico, se humano (AH) ou se físico (AF)); Etimologia (etimologia dos nomes de origem indígena); Classificação Taxionômica (classificação dos topônimos, segundo os modelos de Dick (1990), de Isquierdo (1996) e do Projeto ATEPAR (1998)); e Estrutura Morfológica (a estrutura de formação de topônimo; se simples, quando se define por um só elemento, e composto, quando constituído de mais de um elemento). Segue o modelo proposto.

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica

No fechamento do quadro apresentamos o total de topônimos do respectivo município, divididos quanto ao tipo de acidente nomeado.

1.2 ASPECTOS LINGUÍSTICOS DA TOPONÍMIA

As manifestações vocais são escopo de estudo para a Linguística que as estuda como um sistema de signos e se manifesta entre os membros de uma condição comunicativa humana. O estruturalismo de Ferdinand Saussure elevou a Linguística à condição de ciência, o estudioso suíço analisou a língua como sistema. A língua é, pois, coletiva, social e sistemática. Em contrapartida, a fala é a execução da língua pelo indivíduo falante (SAUSSURE, 1971, p. 57).

Uma das dicotomias propostas por Saussure é a divisão entre sincronia e diacronia. Aquela faz um recorte da língua e estuda seu sistema como se apresenta em determinado momento temporal, excluindo o foco entendedor da evolução (no sentido de modificação) através do tempo; a outra, que pode ser considerada histórica, investiga a evolução (no sentido de modificação) através do tempo.

Ao falar, o indivíduo emite sequências sonoras, que são portadoras de significado e são chamadas de signos. Para Saussure (1971, p. 127), um signo consiste numa relação entre significante (imagem acústica) e significado (conceito).

A Linguística compreende vários níveis da língua, tais como: Semântica (estudo do sentido das palavras), Sintaxe (estudo das funções e relações entre as palavras em uma frase), Fonética (estudo da produção e percepção dos sons da fala), Fonologia (estudo do sistema sonoro das línguas e das funções que os fonemas desempenham nesse sistema) e a Lexicologia (estudo dos vocábulos da língua).

Os estudos toponímicos estão intimamente ligados às questões lexicógrafas que, para Biderman (1978), pode assim ser definido:

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos que abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. (BIDERMAN, 1978, p. 139).

A somatória das experiências a que Biderman se refere vai ao encontro das questões motivacionais da toponímia, mais precisamente dos estudos onomásticos. A nomeação não é feita aleatoriamente, o contexto histórico/geográfico entre outros fatores como, por exemplo, culturais, são ferramentas de grande valia para chegar ao léxico determinado para nomeação de lugar humano ou natural.

Para a toponímia, a linguagem é o instrumento da nomeação, usada como interação social a fim de demarcar uma realidade cultural do ser nomeado e assim inseri-lo dentro de um universo linguístico sistematizado por determinada comunidade.

1.3 CARACTERIZAÇÃO DO TOPÔNIMO

Ateremos-nos ao estudo do signo toponímico sem pretensão de defini-lo em sua última instância, mas buscar uma reflexão dos estudos propostos por estudiosos nesta área acerca do assunto. A pesquisa de tal estudo busca demonstrar os resultados contemporâneos em torno dos topônimos.

A Toponímia, ao estudar o signo linguístico em uma função específica de nome, insere-se no campo léxico-terminológico da linguagem. Juntamente com a Antroponímia, que estuda os nomes de pessoas, a Toponímia concentra-se em uma área maior de estudos que engloba a Onomástica, ciência dos nomes próprios.

A Onomástica estuda os nomes próprios indicando sua função, suas origens e processos de denominação, possíveis alterações e substituições e, além de significar, também indica.

O topônimo, ao ser criado, está sujeito às mudanças do tempo: às mudanças, às modificações (históricas, geográficas, naturais, etc.) sofridas pelo nome de lugar que por sua vez, implicam um futuro indeterminado para o objeto nomeado que pode, inclusive, desaparecer. Esses aspectos permitem afirmar que a Toponímia possui uma dupla dimensão: de referente espacial geográfico (função toponímica) e de referente temporal (memória toponímica). Nesse sentido, Dick esclarece que:

[...] a aproximação de topônimo aos conceitos de ícone ou de símbolo, sugerido pela própria natureza do acidente nomeado, [...], vai pôr em relevo outras das características do onomástico toponímico, qual seja não apenas a identificação dos lugares, mas indicação precisa de seus aspectos físicos, ou antropoculturais, contidos na denominação. (DICK 1990, p. 24).

A nomeação de um lugar envolve diversos fatores, que fazem da Toponímia uma disciplina multidisciplinar. Fatores históricos, religiosos, pessoais, entre outros, são comuns no momento da nomeação, é este nome que o torna membro de uma sociedade e será reconhecido ao longo do tempo. Como lembra Dick (1999, p. 137)

É o simbolismo das formas linguísticas que transforma nomes em lugares existenciais e indivíduos em personalidades sociais. A configuração de um local só acontece a partir do nome, o antecedente sendo o não-lugar, o não simbólico, o inativo. Do mesmo modo, é o nome que dimensiona a pessoa e caracteriza o humano e o animado, polarizando sua atividade sociolinguística.

A língua, na qualidade de instituição social, leva o homem a nomear e essa nomeação é que transforma coisas, faz nascer teorias, impõe características, engrandece ou diminui pessoas, cria conceitos e pré-conceitos. A língua é viva e dependente de uma nomeação para transformá-la em realidade.

Ao dominar a natureza, ao dominar as técnicas, ao dominar o conhecimento só se pode fazê-lo e transmiti-lo dando nome às coisas, dando nomes às idéias, criando conceitos. Então um dos traços fundamentais disso é que a memória do homem tem que ser amparada pela criação vocabular contínua. Em suma, o que o indivíduo vê, pressente, imagina, descobre ou inventa pode ser nomeado pela palavra. Uma vez nomeado, o conhecimento pode ser socializado e integrar-se na cultura coletiva. (HOUAISS 1983, p.20)

Assim, independentemente dos pressupostos teóricos que analisamos nesta dissertação, não podemos deixar de mencionar que os topônimos guardam riquezas culturais e ao mesmo tempo seguem tendências denominativas, como podemos constatar em Dick (1990, p. 35).

A tessitura toponímica, com efeito longe está de ser monótona no significado que recobre ou destituída de interesse prático ou científico. Através das camadas onomásticas, revelam-se numa perspectiva globalizante, as feições características do local seja as de ordem físicas quanto de sócio-culturais. De tal modo, esses aspectos se corporificam nos topônimos que podem, mesmo, muitas vezes, estabelecer a correlação entre o “nome” dos acidentes e o “ambiente” em que ele se acha inscrito.

Outra interessante definição a respeito da nomeação encontramos em Isquierdo e Krieger (2004) que fazem uma importante abordagem sobre o comportamento lexical, suas nuances históricas, seu comportamento social e pessoal por meio da nomeação:

Que traduz a visão de mundo do homem enquanto ser social. Valendo-se dela o homem nomeia e caracteriza o mundo, exerce seu poder sobre o universo natural e antropológico, registra e perpetua a cultura. Assim o léxico como repertório de palavras das línguas naturais traduz o pensamento das diferentes sociedades no decurso da história, razão porque o léxico implica também em resgatar a cultura. (ISQUERDO; KRIEGER 2004, p. 11).

Considera-se, então, que o ser humano está diretamente conectado com o mundo por meio da linguagem, a qual estabelece o relacionamento constante com outros seres humanos por meio dos signos linguísticos. Este instrumento eleva o pensamento em concreto e abstrato, possibilitando a interação através de inúmeras possibilidades de fala caracterizadas pelos nomes criados e recriados, ligados diretamente ao momento social, político, religioso e geográfico do falante.

Quanto ao conceito dos nomes próprios, assumimos as palavras de Ullmann (1973, p. 152):

[...] o fato de que muitas pessoas diferentes e não relacionadas, e mesmo vários lugares diferentes, podem ter o mesmo nome. Se, por outro lado, a fórmula for tomada no sentido de que a maioria dos nomes próprios se usa na fala efetiva como referência a uma pessoa ou coisa específica, então este critério coincide com o seguinte que exprime a mesma ideia em termos mais precisos.

Essa identificação acima citada, também é refletida por Stuart Hill, citado por Ullmann (1973), ao admitir que:

Um nome próprio não é mais que uma marca sem significado que relacionamos na nossa mente com a ideia do objeto, na intenção de que sempre que a marca se encontre com os nossos olhos, ou ocorra à nossa memória, possamos pensar naquele objeto individual. (HILL 1859, apud ULLMANN, 1973, p. 153)

O uso dos nomes próprios, como referência, por si só, não basta, existem relações externas para que esse nome exerça função específica perante a sociedade. Geralmente, quando a nomeação extrapola os padrões “aceitáveis” de uma sociedade, perde-se esta referência, é o que podemos constatar em Brito (2003, p. 37):

Nomes próprios dão mostra de que, como as expressões dêiticas e indexicais, também dependem de algum modo do contexto de uso para exercerem sua função, de sorte que refiram seus objetos independentemente da natureza e constituições deles. Mas nomes próprios também se ligam a seus portadores específicos, mesmo a despeito do contexto e, assim como as descrições definidas, parecem vincular-se aos seus objetos por causa da natureza particular deles.

Além de estar diretamente ligado ao léxico/lexicologia, o topônimo exerce uma importância social ampla, visto que seu registro indevido pode causar problemas de várias naturezas. Por meio dos mapas, conseguimos nos localizar e uma nomeação indevida pode causar um prejuízo sério ao usuário de tal ferramenta, impossibilitando-o até mesmo de conseguir uma localização exata (papel atribuído ao mapa). A sinalização com uso equivocado de determinados topônimos pode confundir e até desorientar o usuário em vias ou estradas. Por outro lado, os limites podem ser traçados por meio de uma toponímia precisa.

Por sua característica interdisciplinar, a Toponímia como aspecto social, permeia diversas áreas do conhecimento humano, tais como: a Sociologia (exerce um elo entre o ambiente, sociedade e cultura – identificando uma realidade social); a Geografia (sua importância relacionada aos mapas, divisões, acidentes físicos e humanos, em outras palavras, uma gama cartográfica, uma ferramenta imprescindível ao toponimista); a Antropologia (devido ao seu valor que permeia o folclore e aspectos culturais de diversas crenças e costumes); a História (um historiador que remeter seus estudos concomitantemente a Toponímia, poderá realizar um percurso histórico-cultural de diversos povos, analisando sua cronologia através dos nomes selecionados para aquele povo ou localidade).

Uma vez evidenciada a importância da Toponímia não somente para a Linguística, mas para uma rede de conhecimentos sociais, culturais, religiosos, naturais, entre outros, passamos para uma apresentação das taxionomias e seus critérios utilizados, baseando-nos nos estudos de Dick (1990, p. 10)

Podemos compor o signo toponímico dividindo-o em dois elementos:

- a) um termo genérico, acidente geográfico ou vocábulo toponímico básico – relativo à entidade geográfica a ser nomeada;
- b) um termo específico ou topônimo propriamente dito, identificador e singularizador da noção espacial nomeada:

Quando designamos um lugar com um nome, constituímos um conjunto – uma relação binômica, ou seja, ocorre uma conexão entre o acidente geográfico (o morro, o rio, a serra, etc.) e o nome atribuído a ele. Nessa perspectiva, no topônimo “rio Tietê”, “rio” indica o acidente geográfico nomeado, e “Tietê” o nome de batismo daquele acidente, o topônimo. Essa formação de acidente nomeado (termo genérico) e o nome que recebeu (termo específico) constitui um sintagma toponímico, vulgarmente chamado de nome de lugar (DICK, 1999, p. 138).

Desta maneira temos, em Estado do Paraná, Município de Londrina, Córrego Água Fresca, respectivamente, Estado, Município e Córrego como termos genéricos e Paraná, Londrina e Água Fresca como termos específicos, o topônimo.

Do ponto de vista da estrutura, os termos específicos ou topônimos podem apresentar a seguinte estrutura formal:

- a) simples - definidos por um só lexema, que poderá estar acompanhado de sufixos: Londrina, Nevada, Marrecas, etc.
- b) composto – dotados de mais de um lexema, de origens diversas entre si: Água Fresca, Santa Branca, Barra Grande, etc.
- c) híbrido – formados por elementos de diferentes procedências linguísticas (DICK, 1999, p. 138).

Essas bases foram utilizadas para sistematizar nosso trabalho e compor a classificação taxionômica.

1.4 PANORAMA HISTÓRICO – ORIGENS E EVOLUÇÃO DOS ESTUDOS TOPONÍMICOS

A Toponímia, como estudo sistematizado, surgiu na Europa, mais precisamente na França, em 1878, com a disciplina Geografia Histórica iniciada por Auguste

Longnon e Roger Dion, na École Pratique des Hautes-Études e no Colégio de França. Segundo Pires, Longnon, geógrafo e historiador, foi responsável por essa disciplina no Collège de France, de 1892 até 1911. Com a morte de Longnon, os estudos onomásticos passam a ser liderados por Albert Dauzat, a partir de 1922.

Em 1938, Dauzat realiza o I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia, com a participação de vários países. Em 1963 foi publicado o *Dictionnaire étymologique des noms de lieux en France*. De acordo com Dick (1990), as principais resoluções do I Congresso foram: 1) Realização periódica de Congressos Internacionais de Toponímia e Antroponímia; 2) Organização de uma Sociedade Internacional de Toponímia e Antroponímia; 3) Criação de departamentos oficiais para a elaboração de glossário de nomenclatura geográfica; 4) Sistematização dos processos de pesquisa. Com a sistematização na pesquisa toponímica, este processo torna-se uniforme e começa a ganhar consistência e caráter científico, tornando-se um campo interdisciplinar da Linguística, visto que até então o caráter histórico e geográfico eram os mais explorados.

A Toponímia também tem grande relevância no Canadá e Estados Unidos com uma demanda de pesquisadores e órgãos especializados, como por exemplo, a revista *Names*, em sua publicação oficial da *American Name Society*, fundada em Detroit (1951). O principal expoente nesta área, e mundialmente conhecido por seus trabalhos toponímicos é George Stewart³, com sua principal obra *Names of the land*, enfocando os meios ou mecanismos pelos quais os lugares são nomeados.

Já no Canadá, a partir de 1966, o *Grupo de Estudos de Coronímia e de Terminologia Geográfica*, na Universidade Laval de Québec concentra-se em questões toponímicas, abrindo a todas as disciplinas interessadas, como não poderia de ser, a Linguística, História e Antropologia. Em artigo publicado por Henri Dorion e Louis Hamelin em 1966, sugere-se a substituição da nomenclatura para Coronímia, considerando assim um leque maior de fenômenos e um campo mais amplo de pesquisas.

Na Europa russa, Pospelov, segundo Dick (1990), faz uma retrospectiva da Toponímia na União Soviética, depois de lhe apontar o caráter de produção maciça atual, e cita três modelos de orientação temática: 1) problemas gerais de teoria toponímica e de métodos de pesquisas geográficas; 2) os nomes geográficos da URSS; 3) nomes geográficos de países estrangeiros.

³ A Wikipedia traz que **George Rippey Stewart** foi um toponimista estado-unidense, um escritor e professor de inglês na Universidade de Berkeley, Califórnia (até 1962).

Os congressos idealizados por Dauzat são realizados regularmente, nos quais são tratados vários assuntos do mundo onomástico, incluindo diversos países de várias regiões. Para ilustrar, Dick (1990) cita o III Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia, em Bruxelas, e o VIII Congresso realizado em Haia (1966), em que estudam os problemas relativos a topônimos cristãos da África, estudos dos nomes de famílias russas, a influência dos topônimos em razão da migração na Turquia e a relação entre Toponímia e vida social, em Istambul.

1.5 ORIGEM DOS ESTUDOS TOPONÍMICOS NO BRASIL

No Brasil, o especialista em estudos toponímicos, Levy Cardoso, autor de “Toponímia brasílica”, em 1965, obra esta voltada para os topônimos brasílicos da Amazônia, notadamente os de origem caribe e aruaque, mostrava-se preocupado com a falta de sistematização relacionada a esse tipo de pesquisa, alertando que seria necessário um engajamento junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, para que houvesse uma abrangência maior do território. O mesmo especialista ressalta que o trabalho realizado por Theodoro Sampaio, com seu clássico *O Tupi na geografia nacional*, é de estudo primordial aos interessados em Toponímia, pelas seguintes razões: “pela criteriosa análise a que foram submetidos todos os vocabulários e pelo profundo conhecimento tupi.” (CARDOSO, 1961, p. 315).

Outro trabalho valoroso é o de Carlos Drumond, “Contribuição do Bororo à toponímia brasílica”, em que mostra que os estudos toponímicos ainda eram assistemáticos, realizados em sua maioria por curiosos, pondo em destaque a ocorrência dos nomes de origem tupi, não considerando seus aspectos históricos, a sua relação com a migração, a evolução fonética, suas questões mitológicas e proteção de deuses. Evidencia, assim, a falta de toponimistas para tratar cientificamente o tema.

Esta questão levantada por Drumond serve como alerta, visto que, no Brasil o estudo da Toponímia é contemplado apenas na Universidade de São Paulo como disciplina do curso de Letras. Mesmo assim, observa-se um interesse que transpõe essas dificuldades haja vista os diversos estudos espalhados pelo território brasileiro. Este fato se deve em grande parte ao esforço da professora Dr^a. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick que, posteriormente a Drumond, sistematizou a toponímia, e seus métodos são base de estudos até hoje, como exemplos a serem seguidos pelos interessados nesta área.

Com o propósito de elaborar o ATB – Atlas Toponímico do Brasil, e o ATESP – Atlas Toponímico de São Paulo, Dick sistematizou esse estudo na obra *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*, tese de doutorado defendida em 1980 e publicado em 1990, trabalho que propõe modelo taxionômico para a classificação dos topônimos e particularidades sobre a Toponímia brasileira. Outra obra de suma importância é *Toponímia e Antroponímia no Brasil*.

1.6 PANORAMA HISTÓRICO DOS ESTUDOS TOPONÍMICOS NAS DIVERSAS REGIÕES BRASILEIRAS

Para compreender o estágio atual da Toponímia no Brasil, fizemos um levantamento dos principais trabalhos que tivemos acesso pelas diversas regiões geográficas.

1.6.1 Estudos Toponímicos na/sobre a região Norte

Destacam-se nesta região dois importantes trabalhos elaborados sob a forma de tese acadêmica: o primeiro que inclui a Toponímia dos seringais no Acre (ISQUERDO, 1996) e o ATITO – Atlas Toponímico de Origem Indígena do Tocantins (ANDRADE, 2006).

Cronologicamente, temos a Tese de Doutorado da professora Aparecida Negri Isquerdo *O Fato Linguístico como recorte da realidade sócio-cultural* (1996), que inventaria e analisa o léxico utilizado pelos seringueiros do estado do Acre, incluindo a toponímia dos seringais. A pesquisadora organizou os topônimos em cinco campos lexicais, conforme os traços semânticos comuns entre eles, agrupados conforme os sintagmas *crença no futuro, nomes descritivos do ambiente, indicadores de origem, valorização da cultura regional e sentimento religioso*.

O segundo, o projeto ATITO – Atlas Toponímico de Origem Indígena do Tocantins, é o título da tese de Santos-Andrade defendida em 2006, na Universidade de São Paulo, que integra o macroprojeto Atlas Toponímico de Tocantins, coordenado pela Profa. Dra. Karylleila dos Santos Andrade, na Universidade Federal de Tocantins – UFT. Iniciado em 2006, está programado para ser concluído em 2015. A tese envolve um trabalho específico para os Topônimos de origem indígena daquele estado. O *corpus* compõe-se de 1350 topônimos e segue a taxionomia apresentada por DICK (1990).

Santos-Andrade assim descreve, em seu Currículo Lattes, o ATT:

faz parte do macro projeto Atlas Toponímico do Brasil ATB. Como parte do ATT, já estão concluídos o Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins Projeto ATITO, com um banco de dados de 1350 ocorrências; estudo sobre a Toponímia tocantinense no contexto da Belém-Brasília, pesquisa PIBIC 2007-2009, dividida em três sub projetos: a) estudo taxionômico de natureza antro-po-cultural e física dos topônimos localizados às margens da Belém-Brasília; b) estudo do processo de formação e estrutura dos topônimos tocantinenses no contexto da Belém-Brasília: aspectos morfossintáticos e semântico-lexicais e c) análise e descrição das fichas lexicográfico-toponímicas dos nomes dos municípios à margem da BR 153; Paraupava e Iabéberi: Caminho das águas, povos dos rios. Visão Etnolinguística dos rios Araguaia e Tocantins entre os séculos XVIII e XX; o estudo hodonímico do rio Araguaia nos séculos XVIII e XIX (PIBIC 2009-2010). Estão em andamento os seguintes projetos: O caminho (estudo hodonímico) do rio Araguaia nos séculos XVIII e XIX: estudo toponímico dos viajantes naturalistas no século XIX na região da Província de Goiás, hoje Tocantins (PIBIC 2010-2011) e o levantamento dos topônimos e produção de fichas lexicográfico-toponímicas dos municípios da região do Bico do Papagaio (PIBIC 2010-2011). Esta proposta, em particular, prevê a duração de 4 (quatro) anos. Esperamos, no eixo sincrônico, realizar o levantamento e a descrição semântica dos nomes nas cartas topográficas do estado, realizar um estudo sobre a importância do nome babaçu no processo de povoamento da região, classificar os topônimos a partir da taxionomia de DICK (1990) em natureza antro-po-cultural e física e, por fim, elaborar as fichas lexicográfico-toponímicas dos municípios da região. Em uma segunda etapa, pretendemos, discutir o caráter interdisciplinar da toponímia e refletir sobre a aplicação do estudo toponímico ao ensino, materiais didáticos, por exemplo. (<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/>)

1.6.2 Estudos Toponímicos na/Sobre a Região Nordeste

A história da Bahia se confunde com a história do Brasil, pois foi nessa região que, em 22 de abril de 1500, o português Pedro Álvares Cabral avistou as terras, onde hoje se encontra a cidade de Porto Seguro, dando início à colonização européia na América do Sul. A presença indígena e posteriormente africana é algo a se destacar, principalmente nos resquícios culturais e linguísticos presentes hoje no Estado.

É necessário ressaltar o trabalho toponímico de Ramos (2008) com sua Tese de Doutorado intitulada *Toponímia dos Municípios Baianos: Descrição, História e Mudanças*, trabalho pioneiro no estado da Bahia, que mostra alguns fatos importantes para os estudos toponímicos, como por exemplo, a quase inexistência de topônimos de origem africana, num estado onde a cultura afro-brasileira é tão presente. O trabalho aponta, também, a marcante presença, ao longo de toda a história do estado, de hagiopotônimos e antropopotônimos relativos a personalidades ligadas ao poder.

Outro trabalho é o de Anjos (2012), com sua tese de Doutorado intitulada *Marcas toponímicas em solo piauiense: seguindo as trilhas das águas*, trabalho que reúne um

total de 2881 Hidrônimos, selecionando as mesorregiões Sudeste e Sudoeste do Estado do Piauí e usas respectivas microrregiões. Divididos em dois tipos de fontes, as pretéritas (a Descrição do Piauí, três cartas e um mapa antigos), com 176 Hidrônimos; e as contemporâneas, com 2705.

1.6.3 Estudos Toponímicos na/Sobre a Região Centro-Oeste

A Região Centro-Oeste é dividida em quatro unidades federativas: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal, onde se localiza Brasília, a capital do país. Por abrigar uma quantidade menor de habitantes, apresenta algumas concentrações urbanas e grandes vazios populacionais. É a única região brasileira que faz fronteira com todas as demais.

Quanto aos estudos toponímicos, destaca-se a proposta do Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul (ATEMS), coordenado pela prof.^a Dr.^a Aparecida Negri Isquerdo, que, assim o descreve:

O projeto ATEMS configura-se como uma variante regional do Projeto ATB (Atlas Toponímico do Brasil), em desenvolvimento na USP, sob a coordenação da Prof.^a Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, e tem como objetivo geral a elaboração do Atlas Toponímico que, além de contribuir para o conhecimento da toponímia sul-mato-grossense, também demonstrará peculiaridades linguísticas, históricas, geográficas, culturais, sociais e ambientais do estado de Mato Grosso do Sul. A pesquisa orienta-se fundamentalmente pelo modelo teórico-metodológico de Dick (1990, 1992, 2004) e tem como fonte primária dos dados os mapas oficiais do IBGE, relativos aos 78 municípios de Estado (escalas 1:250.000 e 1:100.000). O projeto terá como produto final a organização de uma base de dados informatizada sobre a toponímia sul-mato-grossense, contendo dados detalhados sobre cada topônimo estudado (etimologia, estrutura morfológica, classificação taxionômica, histórico do topônimo, informações enciclopédicas sobre o nome...), e a confecção do Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul que, além de divulgar a toponímia regional, favorecerá estudos contrastivos com dados de outros atlas, o que propiciará a definição da matriz toponímica característica do Mato Grosso do Sul. O Projeto ATEMS tem também um caráter interinstitucional porque envolve pesquisadores de 03 universidades públicas do Estado: UFMS, UEMS e UFGD. As cartas toponímicas se configurarão como documentos disponíveis a pesquisas linguísticas e a outras áreas de conhecimento, uma vez que conterão análise dos dados e serão textos passíveis de compreensão por diferentes especialistas da área de Ciências Humanas. (<http://buscatextual.cnpq.br/>)

Em torno desse projeto, pesquisadores têm desenvolvido trabalhos em seus mestrados, como as de Schneider (2002) em que trata a toponímia física do Pantanal sul-mato-grossense. A pesquisadora conclui que fatores físicos e antropoculturais influenciam a designação dos nomes analisados. Outra dissertação é a de Dargel (2003) que tem como escopo a toponímia física do Bolsão sul-mato-grossense. Ainda vale ressaltar o trabalho de Tavares (2005), que demonstra a forte influência de línguas indígenas na toponímia física e humana das microrregiões sul-mato-grossense de Dourados, Iguatemi e Nova Andradina. Ainda nesse ano verificamos a dissertação de Gonsalves (2004), intitulado *Um estudo da toponímia da porção Sudoeste de Mato Grosso do Sul: acidentes físicos e humanos*, trabalho que priorizou o estudo dos nomes dos acidentes geográficos que integram três microrregiões de Mato Grosso do Sul – Baixo Pantanal (MR 01), Aquidauana (MR 02) e Bodoquena (MR 09). Outra dissertação nesse Estado é a de Souza (2006), trabalho que, centra-se no estudo dos topônimos rurais e urbanos de Bela Vista, de Jardim, de Guia Lopes da Laguna e de Nioaque, municípios sul-mato-grossenses que fizeram parte do percurso da Retirada da Laguna (maio/junho de 1867). Em 2008 encontramos a dissertação de mestrado de Castiglioni (2008), com o título *Glossário de topônimos do Bolsão sul-mato-grossense*, que verifica dados registrados em fichas lexicográfico-toponímica, cuja nomenclatura reúne 763 verbetes de topônimos, em sua grande maioria, de natureza física, localizados nos onze municípios que integram as três microrregiões administrativas do IBGE que compõem a região do Bolsão. Nessa linha de pesquisa encontramos ainda os trabalhos de dissertação de Mestrado de Pereira (2009), com o título: *A toponímia de Goiás: em busca da descrição dos nomes de lugares dos municípios do Sul Goiano* e Cazarotto (2010), entitulado *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses: uma proposta*.

1.6.4 Estudos Toponímicos na/Sobre a Região Sudeste

A região Sudeste é composta por quatro Estados: São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Limita-se ao norte e a nordeste com a Bahia; a leste e ao sul com o oceano Atlântico; a sudoeste com o Paraná; a oeste com Mato Grosso do Sul; a noroeste com Goiás e o Distrito Federal. Essa região é por excelência uma terra de transição entre a região Nordeste e a região Sul. Para se fazer essa divisão, foram usados critérios como semelhanças naturais, tais como relevo, clima, vegetação e solo, bem como afinidades socioculturais.

O primeiro movimento acadêmico relacionado aos estudos toponímicos surgiu em 1984, na Universidade de São Paulo em um Curso de Especialização em Estudos Onomásticos: Toponímia e Antroponímia solidificada a partir de 1989. Transformou-se posteriormente em linha de pesquisa, coordenado pela Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick que possui trabalhos pioneiros nesta área como *A motivação Toponímica e a Realidade Brasileira* (1990); *Toponímia e Antroponímia no Brasil – Coletânea de Estudos* (1990), também desenvolve projetos com diversas temáticas. Podemos citar como principais, o *Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (ATESP)*, variante regional e pioneira do *Atlas Toponímico do Brasil*; a *Toponímia Histórica das ruas de São Paulo e o Vocabulário geográfico de origem indígena (famílias Tupi-Guarani, Karib, Aruak e algumas do tronco Macro-Jê, presentes na toponímia)*.

Ainda na região Sudeste, estão avançados os estudos toponímicos com o projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, coordenado pela professora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, da Universidade Federal de Minas Gerais, que assim o define:

O projeto ATEMIG (Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais) configura-se como uma variante regional do Projeto ATB (Atlas Toponímico do Brasil), em desenvolvimento na USP. Além de ter como objetivo geral a elaboração do Atlas Toponímico, o ATEMIG pretende contribuir para o conhecimento da toponímia mineira, demonstrar peculiaridades lingüísticas, históricas, geográficas, culturais, sociais e ambientais do estado de Minas Gerais. Os dados que constituirão o corpus desta pesquisa abrangerão todo o território mineiro. Seguiremos, também nesta fase, os princípios teórico-metodológicos fornecidos por Dick (1990; 1992; 1996; 1999), que orientam os projetos do ATB. (<http://buscatextual.cnpq.br/>)

São referências para estudos toponímicos nessa região *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo* (SEABRA, 2004), tese de Doutorado, trabalho que analisou a Toponímia da Região do Carmo-MG, com base em pesquisa de campo nos municípios de Ouro Preto, Mariana, Barra Longa, Diogo de Vasconcelos, Alvinópolis, Ponte Nova, Rio Doce, Dom Silvério e Acaiaca.

Constata-se um trabalho sistematizado na região sudeste, com relevância metodológica, que se expandiu para outros Estados desse território. Serve invariavelmente como base de pesquisa e parâmetro para outros trabalhos desenvolvidos na área. Verifica-se também a dissertação de Mestrado de Mendes (2009), com o título *A hidronímia da região do Rio das Velhas: de Ouro Preto a Sumidouro*, trabalho estuda os hidrônimos das localidades que compreendem o Alto e Médio Rio das Velhas. Também destaca-se a dissertação de

Mestrado de Menezes (2009), intitulada *O léxico toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompéu*, que estuda os topônimos da região dos municípios de Pitangui; Pompéu e Papagaios; antiga área de domínio de Dona Joaquina do Pompéu - fazendeira do Alto São Francisco, Minas Gerais. Citamos ainda as dissertações de Mestrado de Carvalho (2010), *Língua e Cultura do Norte de Minas: a toponímia do município de Montes Claros* e Lima (2012), *A toponímia africana em Minas Gerais*.

1.6.5 Estudos Toponímicos na/Sobre a Região Sul

O Paraná, estado relativamente novo, com menos de dois séculos de emancipação da Província de São Paulo e formado, ao longo de quase 400 anos, pela união de povos das mais variadas origens, tem em seus topônimos o reflexo de uma história rica em contribuições sucessivas de povos e falares.

Fazer o levantamento e a análise dos nomes de lugares do Paraná, seja um município ou simples bairro rural; um rio, uma montanha, ou simplesmente um córrego, um arroio ou uma sanga, é percorrer um caminho instigante pleno de surpresas e até de enigmas que os instrumentos da Toponímia possibilitam desvendar.

Com esse pensamento, desde o início da década passada de 90, a Universidade Estadual de Londrina, por meio do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas, vem se dedicando aos estudos toponímicos com vistas à elaboração de um Atlas Toponímico do Paraná, ATEPAR, que já conta com uma série de trabalhos acadêmicos concluídos, tanto em nível de especialização, como de mestrado e de doutorado.

Dentre as principais monografias podemos citar *O Nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos em treze municípios da microrregião de Paranaíba* (1996), de Ignez de Abreu Francisquini; *Investigação toponímica dos municípios de Campina da Lagoa, Cascavel e Curitiba* (1996), de Elaine Maria Sperandio; *Estudos toponímicos das Regiões Oeste e Noroeste do Paraná* (1996), de Olga Kirylo de Matos; *Toponímia norte-paranaense: uma tentativa taxionômica* (1996), de Mara Dutra Pereira; *Especificidades da motivação toponímica na microrregião de Campo Mourão* (1996), de Elisângela Costa Rabello Cardoso; *Topônimos dos municípios paranaenses da região Sudoeste* (1996), de Nivaldete Aparecida Santos Costa; *Estudo toponímico em doze municípios do Norte do Paraná* (1996), de Claudécir da Silva; *Topônimos londrinenses: uma proposta taxionômica com base no motivo de denominação* (1996), de Célia Dias dos Santos; *Toponímia: uma contribuição aos estudos dos topônimos no estado do Paraná* (1996), de Lúcia Helena Alves

Casimiro; *Esboço de um Atlas Toponímico* (2000), de Leodmar Romam de Oliveira; *Toponímia dos mais novos municípios paranaenses* (2002), de Lídia Albino; *Estudo da toponímia de Londrina e municípios limítrofes* (2004), de Márcia Zamariano; entre outras.

O projeto ATEPAR é composto também por várias dissertações de mestrado como a de Ignez de Abreu Francisquini, *O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranavaí* (1998), que mostra um glossário de 730 topônimos de 29 municípios da microrregião de Paranavaí, apresentando etimologia, estrutura morfológica e motivação toponímica. Os resultados mostram 454 topônimos classificados pelas taxionomias de natureza antropocultural, 255 pelas de natureza física, 19 com classificação das taxionomias sugeridas e 02 topônimos não foram classificados por não se enquadrarem em nenhuma taxionomia existente. As taxionomias com maior número foram: antropotopônimos (101), corotopônimos (86), zootopônimos (77), hagiopônimos (76) e os fitotopônimos (62).

A segunda dissertação é de Albino (2004), intitulada “*A relação da Hidrotoponímia com a História Social do Paraná: uma descrição diacrônico-contrastiva*”, que apresenta os topônimos relativos aos afluentes e subafluentes do rio Iguaçu, selecionando mapas de períodos diversos: um mapa de 1878, outro de 1896 e outros 107 mapas atuais, a partir de 1980, mostrando os principais fatores que contribuíram para sua estruturação, seja do ponto de vista da proximidade linguística ou motivação histórica, relacionado com dados da História social do Paraná. O trabalho registra 87 nomes de afluentes e subafluentes do rio Iguaçu no mapa de 1876, 88 nomes no mapa de 1896 e de 1.240 nomes catalogados nos demais mapas. O estudo mostra que, nos mapas do século XIX predominam os topônimos classificados na categoria de natureza física, já nos mapas atuais as taxionomias de natureza antropocultural classificaram 618 topônimos, ou seja, 50% de todo material analisado, e 579 (47%) foram classificados na categoria de taxionomias de natureza física.

A terceira dissertação é a de Zamariano (2006), intitulada “*Toponímia paranaense do período histórico de 1648 a 1853*”. Este trabalho enfatizou a catalogação, classificação taxionômica, a descrição e a análise dos nomes dos acidentes físicos e geográficos dos 36 municípios paranaenses de 1648 a 1853. Os resultados são os seguintes: num total de 2.108 topônimos, 837, o que equivale a 39,8%, foram classificados pelas taxionomias de natureza antropocultural, 1.258, que representa 59,7% de natureza física, dos quais 13, equivalentes a 0,6%, não foram classificados. As taxionomias com maior número de reincidência foram: fitotopônimos (336 – 15,9%), zootopônimos (295 – 14,0%), geomorfotopônimos (185 – 8,8%), antropotopônimos (183 – 8,7%) e hidrotopônimos (156 –

7,4%). O estudo mostra ainda, que 430 topônimos têm origem na língua indígena, o que representa 20,40% dos dados analisados, evidencia que 16 topônimos são originários de línguas africanas e posteriormente, demonstra uma incidência maior de topônimos de origem portuguesa, ao total são 1.584, o que representa 75% dos dados analisados.

A quarta dissertação é a de Moreira (2006), intitulada “*A Toponímia Paranaense na Rota dos Tropeiros: Caminho das Missões e Estradas de Palmas*”. Trabalho que prioriza a catalogação, a classificação taxionômica, a descrição e a análise dos nomes dos acidentes físico-geográficos dos municípios paranaenses localizados no Caminho das Missões e na Estrada de Palmas, antigos Caminhos das Tropas. Procura mostrar também a influência que o ciclo econômico do Tropeirismo deixou na toponímia analisada. Os resultados demonstrados pelo trabalho foram: dos 1.729 topônimos catalogados, 615 nomeiam acidentes humanos e 1.165, acidentes físicos, dentre os quais, 1.114 nomeiam cursos d’água. Quanto às taxionomias mais produtivas, observa-se que, as incidências estão ligadas aos fitotopônimos, zootopônimos, hidrotopônimos, antropotopônimos e animotopônimos, que representam 1.010 topônimos, isto é, 56,75% do *corpus*. Os nomes de base portuguesa predominaram nos nomes estudados, ao todo foram 1.363 (76,57%) dos topônimos; já os nomes de origem indígena representaram 279 topônimos, o que equivale a 15,67% e 138 (32,53%) de outras línguas.

Outro trabalho de igual importância para as pesquisas toponímicas no estado do Paraná é a tese de doutorado de Zamariano (2010), a pesquisadora estudou 97 municípios que integram três mesorregiões paranaenses: Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro. Foram catalogados 4.306 topônimos, e a pesquisa revelou que, nos 97 topônimos que nomeiam os municípios, atingiram o primeiro lugar de produtividade três taxionomias de natureza física (fitotopônimos, zootopônimos e geomorfotopônimos) e uma de natureza antropocultural (antropotopônimos). A pesquisadora verificou uma predominância na nomeação de acidentes humanos com nomes de elementos oriundos da esfera antropocultural. Os resultados apontaram, ainda, que no conjunto dos 4.306 topônimos estudados predominaram os de base linguística portuguesa e o de estrutura formal simples.

No Paraná, mais especificamente na Universidade Estadual de Londrina, outros trabalhos estão em andamento e pretendem colaborar para elaboração do Atlas Toponímico do Paraná.

CAPÍTULO II

O PARANÁ E SEUS ASPECTOS GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS E ECONÔMICOS.

O Paraná está localizado na região Sul do Brasil, e é o resultado da bravura de um povo que, por muitos anos, lutou para conquistar um futuro mais promissor, através da exploração de riquezas naturais, principalmente na região de Paranaguá.

O então território representado pela Quinta Comarca da Capitania de São Paulo, já contava com a presença indígena e, posteriormente com a dos espanhóis e portugueses que vieram povoar a região.

O período do Paraná Espanhol se firmava em três cidades: Ontiveros, de pouca duração, junto à foz do Piquiri; Ciudad Real del Guayrá, também na confluência do Piquiri com o Rio Paraná; e Villa Rica do Espírito Santo, em 1576, considerada como o segundo dos grandes núcleos espanhóis na província de Guayrá.

Balhana (1969, p. 47) postula que

As terras ocidentais do Paraná, ou seja, a região de Guairá pertencia à governação espanhola do Paraguai. A viagem de Alvar Nunes Cabeza de Vaca colocara o próprio Adelantado em contato com a região, e, conhecedor das suas possibilidades, conceberia o projeto de ali criar, abrangendo terras paranaenses e catarinenses a nova Província de Vera, o qual, todavia, não teria concretização.

O povoamento português no interior, por outro lado, não ia além de São Paulo e no Litoral, restringia-se ao tráfico entre vicentistas e tupiniquins, e às incursões destinadas à presa aos Carijós. Ambas as precárias formas de contato não ultrapassavam os limites da costa de Paranaguá (FERREIRA, 1996, p. 9).

Sobre o português no Paraná, as palavras de Balhana (1969, p. 26) indicam que “o índio foi, no sul do Brasil, o braço de trabalho sobre o qual foi possível a colonização e o estabelecimento das instituições de fundo português”. E acrescenta que

o índio, e mais tarde o negro, tanto no período da escravidão, como no período dos aldeamentos, era a mão-de-obra que sustentava todas as estruturas superiores da sociedade colonial: nos trabalhos domésticos, nas derrubadas e lavouras, na jornada das minas e na condução das cargas, como soldados das guerras do sertão contra outros índios que deveriam ser caçados, nos serviços públicos de estradas, nos transportes de mercadorias, nas construções de fortalezas.

Sobre a exploração do ouro no Paraná pelos portugueses, observa-se que

Não obstante, ao lado das bandeiras caçadoras, os paulistas procuram ouro nos roteiros de leste. De fato, depondo numa devassa procedida pelas autoridades espanholas em Tucumã, sobre a pretensa exploração de ouro em Guairá, um marinheiro português que estava aí preso declarou, em 1647: que os paulistas exploravam ouro ‘a sete léguas da vila (de S. Paulo), num cerro chamado Ibituruna, e no Porto de Paranaguá, 12 léguas ao sul de Cananéia’, e disse mais, que o ouro era extraído por quem quisesse ir lá cavar, pois as minas eram em comum. (BALHANA, 1967, p. 28).

Em 1840, foi aberto o Caminho das Missões, e o Paraná era um grande espaço a ser explorado com suas florestas tropicais e demais espécies de vegetação, embora escasso de estradas, havendo apenas algumas trilhas quase intransitáveis até mesmo para as tropas de animais (BALHANA, 1969, p. 39).

Até a segunda metade do século XVIII, Paranaguá, com os recursos das suas minas de ouro, prosperou tanto quanto São Paulo, e foi mais importante que Curitiba, já capital da Província, pelo menos até que a estrada de ferro rompesse a serra da Graciosa. (MARTINS, 1995, p. 3).

Figura 1 – Estrada de ferro Curitiba-Paranaguá 1978.



Fonte: <http://www.guiaturismocuritiba.com/2010/09/perfil-da-cidade.html> - Acesso 04.09.2012

Quando o ouro deixou de ser um sonho de riqueza para os mineradores, que partiram para Minas Gerais e Cuiabá, o litoral de Paranaguá e os campos de Curitiba passaram a ser uma única base geográfica para a mesma comunidade paranaense.

2.1 O SOLO PARANAENSE

A extensão superficial do Paraná é de 199.879 quilômetros quadrados, divididos, quanto ao relevo do solo, em duas regiões bem distintas: a de Serra Abaixo, também conhecida como da Marinha; e a de Serra Acima ou do Planalto, onde as características consistem na divisão em três grandes terraços terminados a Leste por outras tantas escarpas, na seguinte ordem, de Leste para Oeste: Terraço Oriental, ou de Curitiba; Terraço Central, ou dos Campos Gerais; Terraço Ocidental, ou de Guarapuava (MARTINS, 1995, p. 10).

As serras do Paraná pertencem ao maciço Atlântico ou Oriental brasileiro, que forma três sistemas orográficos distintos, com uma definição composta como: Serra do Mar, Serra Geral e a Serra da Mantiqueira (esta não ocorre no Paraná).

2.2 OS PRINCIPAIS RIOS PARANAENSES

Os rios mais importantes, levando em consideração a possibilidade de navegação, pertencem à Bacia Continental do Prata. Do ponto de vista regional, porém, esses rios pertencem às bacias do Paranapanema e do Paraná, respectivamente ao Norte e a Oeste do território do Estado.

Na Bacia do Paranapanema, os principais rios são: Itararé, das Cinzas, Tibagi e Pirapó. São afluentes destes, os rios Jaguariaíva e Jaguaricatu; o Laranjinha e o Jacarezinho; o Iapó e o Pitanguí (do Tibagi).

O rio Tibagi nasce na altura da Serrinha, no município de Ponta Grossa e percorre quinhentos e trinta quilômetros, até sua foz no Paranapanema. São seus principais afluentes da margem direita o Jataí, o Jacutinga de Baixo, o Congonhas, o Iapó, o Pitanguí; e da margem esquerda o Jacutinga-Mirim, o rio das Abóboras, o rio dos Cágados, o Cerne, o Biguá, o Imbauzinho, o Imbaú, Capivari, Imbituva e Guaraúna.

O Tibagi tem largura muito variável, de 100 a 900 metros, chegando a mil metros na corredeira das Três Barras. Na foz sua largura é de duzentos e cinco metros e a profundidade de 2,50, no canal.

Os engenheiros Keller, que em 1865 exploraram este rio, dizem em relatório dos seus memoráveis trabalhos, que *“a largura, a profundidade e o leito mudam continuamente, reconhecendo-se que as seções transversais são mais anormais nas corredeiras, onde o rio, às vezes repartido por entre ilhas, espraia demasiadamente”* (MARTINS, 1995, p. 15-16).

Este rio representou grande papel histórico ao tempo da província espanhola de Guairá. Foi então o limite mais ocidental das reduções índio-cristãs e do domínio castelhano que visava progredir para o oriente até o litoral de Iguape. Foi também no seu imenso vale que se travaram os primeiros embates dos bandeirantes contra aquelas reduções, no século XVII. O acesso das bandeiras paulistas às nascentes do Tibagi se fazia pela transposição da Serrinha, que atingiam pelo caminho clássico do Assungui.

2.3 A FIGURA INDÍGENA NO TERRITÓRIO PARANAENSE

A figura indígena contribuiu para a cultura do povo paranaense, principalmente no que diz respeito à nomeação de lugares, mais a diante, iremos observar este fenômeno no instante em que expormos os dados toponímicos.

Baseados nos estudos de Ferreira (1996) e Martins (1995), fizemos um levantamento das tribos que aqui habitavam e, em alguns casos, ainda habitam este Estado.

2.3.1 Os Tupis

O tronco Tupi corresponde a diversas tribos, tais como: Guaranis, Carijós, Tinguis, Caignuás, Guaianás, Guarapiabas, Guapurás, Mimos, Chiquis, Teminimós, Mbiazais, Abapanis, Arés, Biturunas, Taiobas, Pinarés, Ibiticoís, Tupiniquins, Ibiticurus, Itambaracás, Camperos, Guarapuãs, Chovas Cheripás, Biopebas, Pés Largos, Chiringuanás, Papagaios, Guapuás, Guanós, Iraitins. As tribos de maior presença em terras paranaenses são os guaranis, os carijós, os crêns.

2.3.2 Os Guaranis

As primeiras explorações do sertão compreendido entre os rios Paranapanema, Paraná, Tibagi e Iguaçú acusaram numerosa presença, em toda a parte de

índios da nação Guarani (MARTINS, 1995, p. 29). Encontramos uma posição próxima no que diz respeito ao Tupi:

da nação Tupi, por exemplo, encontramos os Guaranis em todo o sertão compreendido entre os rios Paranapanema, Paraná, Tibagi e Iguaçu; no Litotopônimo ral, de Cananéia à Lagoa dos Patos, os Carijós; e, nos Campos de Curitiba, quase todas as localidades onde hoje se erguem poderosas metrópoles, constituíam, no passado, não simplesmente desertos, mas o domínio de inúmeras aldeias da tribo Tingui. São José dos Pinhais, Piraquara, Pinhais, Quatro Barras, Campo Largo, Araucária, Almirante Tamandaré, Colombo, Campina Grande do Sul, Bocaiúva do Sul, Tunas e Rio Branco do Sul constituíam seu território. (FERREIRA, 1996, p. 10)

2.3.3 Os Carijós

Dominadores de toda a costa marítima, de Cananéia à Lagoa dos Patos, foram atacados e presos em grandes levadas na região de Paranaguá pela bandeira de Jerônimo Leitão, em 1585. Pouco antes de 1640, Gabriel de Lara, ao procurar estabelecer-se em Paranaguá, recebeu a hostilidade do gentio Carijó, possivelmente ainda sentido do assalto bandeirante de 1585, e prudentemente se localizou com sua expedição na ilha de Cotonga, fronteira ao continente, para onde se transferiu depois, fundando a vila de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá.

Posteriormente, tendo conquistado a confiança dos índios, aproveitou para a descoberta e exploração de ouro. Assim, os Carijós não foram escravizados pela “bandeira”. Já os Carijós que não aceitaram aquela situação, refugiaram-se no sertão do vale do Paranapanema, mas isso não lhes garantiu segurança, já que encontraram as “bandeiras” seiscentistas, no baixo Iguaçu.

As outras tribos assim se dividiam: procedentes do Paraguai, no vale do Paranapanema e nos campos de Palmas domiciliaram-se os Cainguás; e fugidos das reduções de Guairá procedentes de São Paulo, os Pés-Largos; nos Campos de Palmas, os Biturunas, na sua retaguarda, os Guapuás e, no litoral de Guaraqueçaba, os Tupiniquins; os Mimos, no baixo Piquiri; ao norte do Iguaçu e sul do Piquiri, os Chiquis; entre o Piquiri e o Tibagi, os Temiminós.

2.3.4 Os Crêns

Já para o tronco Crêns, temos a seguinte divisão das tribos: Caingangues, Camés, Votorões, Dorins, Cairucrês, Chocrêns, Corutons, Xavantes, Cabeludos, Ibirajaras e Gualáchos.

Os Caingangues, embora reduzidos a pouco mais de três mil indivíduos, constituem um dos poucos grupos sobreviventes aos conquistadores, do ouro à soja. Procedentes das regiões ocidentais do rio Paraná, invadiram o território paranaense após a destruição de Guairá. Possuíam várias denominações, dependendo da região que ocupavam. Os Camés se autodenominavam Caingangues quando domiciliados entre os brancos.

Habitavam os sertões de Guarapuava, os Camés, na mesma região os Dorins e Chocrêns e, em seus campos, os Votorões e Curutons. Entre os rios Ivaí e Paranapanema, os Xavantes; nas nascentes do Iguaçu, Campos de Curitiba e de São José dos Pinhais, os Cabeludos, nos Campos de Palmas, até o ocidente da Serra do Mar e Cananéia, os Caiurucrês.

2.3.5 Os Gês

Este tronco possui apenas os Botocudos e, deste povo, a conquista legou à história apenas alguns crânios encontrados nos sambaquis e a tardia consciência de uma inestimável e definitiva perda para a pesquisa antropológica (FERREIRA, 1996, p. 11). MARTINS (1995, p.44) ressalta que o Ge-Botocudo paranaense que, por largos anos foi o temor dos viajantes do caminho do sul, na direção do Rio Grande, desaparece sem que quase nada se saiba dos seus costumes nem do seu vocabulário, o que já agora constitui uma das questões insolúveis da nossa pré-história.

2.4 OS PRINCIPAIS CICLOS ECONÔMICOS DA HISTÓRIA DO PARANÁ

2.4.1 O Ouro no Paraná

As esperanças lusitanas em encontrar ouro estavam concentradas em Paranaguá, tanto que em 1646, afirma Martins (1995, p. 221) que “Gabriel de Lara manifestava em São Paulo o descobrimento das minas de ouro de Peruna e simultaneamente eram divulgados descobrimentos semelhantes em Iguape, Cananéia e nos sertões do Ribeira, e do Assungui (sertão das Furnas e os campos de Curitiba)”.

Ao final da investigação se realmente existia ouro em terras paranaenses, postulou-se positivamente, porém, a exploração só seria possível se conseguissem mão de obra, isto é, índios e técnicos, o que não havia em Paranaguá.

Para tentar resolver este problema, o Provedor deslocou-se para as vilas do sul, e verificou a necessidade de escravos para a realização deste trabalho, porém seu pedido não foi atendido pela Câmara de São Paulo. Depois de certo tempo, conseguiu em Cananéia 30 índios, uns alugados e outros dados pelos oficiais da Câmara. (BALHANA, 1969, p. 34).

Sobre esta passagem histórica, recorreremos ao seguinte comentário:

Pedro de Souza Pereira é uma personagem muito importante na história da formação da comunidade de Paranaguá; organizou o serviço de mineração, instituiu as autoridades municipais, organizou a defesa militar do porto contra os corsários que rondavam as propaladas minas de ouro, fez o levantamento topográfico do lugar das minas e da baía de Paranaguá. (BALHANA, 1969, p. 34)

A descoberta do ouro, nos rios que descem a Serra do Mar, e nas águas do Assungui e da Ribeira, povoou o Litoral e mais tarde o planalto. E essa mesma esperança, que tão poucos quintos levou à casa de fundição, atraiu moradores, elevou Paranaguá à categoria de vila, instalou os primeiros sítios nos sertões de Curitiba e deu início aos tempos históricos.

No planalto, as principais incursões foram na região de Curitiba. Em São José dos Pinhais há vestígios de grandes trabalhos de mineração nas lavras de Saraiva, nas da serra que forma os vales dos rios Guaratubinha e da Prata. Em Lavrinhas, no sítio denominado Fazendinha, em Campo Largo, há indícios de exploração de ouro em veeiro de quartzo; e em lugar incerto, ainda em 1712, o capitão-mor João Rodrigues de França garimpava com sucesso (MARTINS, 1995, p. 223).

Figura 2 – Detalhe do mapa geográfico da região de Paranaguá de 1653, confirmando a existência das minas de ouro já cartografadas nesse período



Fonte: (autor anônimo – Museu Ultramarino de Lisboa). Acesso em: 04.09.2012

O resultado da “caça ao ouro” não é próximo do que esperavam os portugueses no início da exploração no território paranaense. Considerando a mão de obra escrava, que poderia tornar um negócio rentabilíssimo e o otimismo português com as terras virgens, quem de fato lucrou com este ciclo foram os comerciantes que, identificando a busca desenfreada pelo metal, resolveram “alimentar” esses exploradores, proporcionando moradias, alimentação, vestuário, entre outros. Fato este que incentivou o surgimento de novos vilarejos ao redor de toda esta ambição. Para corroborar com este aspecto, recorremos a Balhana (1969, p. 35), que afirma: “como quer que tenha sido, ainda não se conhece o valor da produção do

ouro das minas de Paranaguá. Não obstante, há indícios de que, já em 1659, se reconhecia que essas minas não correspondiam às expectativas do governo”.

2.4.2 O Tropeirismo

Esse ciclo começou a dar seus primeiros passos praticamente contíguos ao ciclo da mineração, dadas as necessidades dos moradores das vilas de obterem alimentação e desenvolver o transporte com abertura de novos caminhos, pois, em meados do século XVII, os ricos mineradores estavam morrendo de fome, mesmo tendo os bolsos cheios de ouro.

Um dos grandes motivos do favorecimento ao tropeirismo foram as paisagens naturais dos planaltos paranaenses, os quais possuíam excelentes áreas de pastagem e clima propícios à pecuária.

A criação de gado no Paraná estendeu-se pelos Campos de Curitiba; Campos Gerais; Campos de Guarapuava até os Campos de Palmas. Em sua vigência, o ciclo passou a ser visto como a mais importante atividade produtiva. Muitas pessoas dedicaram-se a ela, originando assim as fazendas e pequenos currais.

O tropeiro, porém, não se dedicava apenas a criar gado, mas também à comercialização, pois ele buscava o animal no Rio Grande do Sul, o grande produtor da época, revendendo nas feiras de Sorocaba, onde pessoas de várias partes do Brasil vinham comprar.

O Paraná foi uma grande estalagem, onde os tropeiros pousavam e descansavam, para dessa forma invernar o gado, ou seja, o período em que o gado fica engordando em fazendas para recuperar-se das longas viagens. Em sua maioria, essas fazendas eram grandes latifúndios pertencentes a famílias poderosas. Pelos caminhos do tropeirismo, foram aparecendo povoados como a Lapa, Jaguariaíva, Ponta Grossa, Castro, Palmeira, Guarapuava, Palmas, entre outros. (WACHOWICZ, 1977, p. 123)

Em geral, a vida das famílias nas fazendas era simples, produzindo tudo o que lhes era necessário, desenvolvendo, assim, algumas culturas agrícolas. Existiam, trabalhando nas propriedades, escravos agregados (sendo os agregados homens livres, mas devendo obediência aos donos da fazenda). As casas do local eram cercadas de pomar e hortas. E um dos mais importantes costumes era o rodeio, semelhante ao que acompanhamos na atualidade.

Além da criação bovina, existiam burros e mulas para o transporte de cargas. A mula foi utilizada como principal meio de transporte durante muito tempo,

principalmente no transporte do ouro de Minas Gerais para o litoral, da erva-mate no Paraná, do café para o porto de Santos. Só em 1840, cerca de 200.000 mulas transportavam o café para o porto de Santos. Aos poucos o comércio de mulas superou o de bois. A história do tropeirismo está intimamente ligada ao papel desempenhado pelo mular. Sobre este aspecto recorreremos às palavras de Jelson Bitran Trindade (apud LAZIER, 2005, p. 59).

A mula é um híbrido, resultado do acasalamento do jumento com a égua. Um acasalamento forçado. Ave-Lallemant, relata, em 1857, que as éguas ‘tem de ser quase enterradas para suportarem o estranho garanhão; as éguas jovens, sobretudo, parecem violentamente exaltadas quando pela primeira vez sucede sofrer, em seu esbelto corpo, esse atentado à natureza’. Os machos muares eram todos castrados depois de completarem dois anos, a fim de serem vendidos. Eram comumente chamados de machos, ao invés de mulos. (TRINDADE, 1992, p.61)

O comércio de mulas durou de 1731 a 1870, quando começaram a surgir as estradas de ferro e os muares conseqüentemente a perder o valor.

Vale ressaltar que o ciclo econômico do tropeirismo foi extremamente próspero, gerando maiores fortunas do que o da mineração e foi uma influência decisiva para o povoamento do território paranaense e responsável pelo início da vida doméstica.

2.4.3 A Erva Mate

Os moradores da quinta Comarca da Capitania, depois Província de São Paulo, a partir de 1811, começaram a reclamar governo próprio, alegando entre outras coisas que o Governo da Capitania lhes dava pouca atenção e, conseqüentemente, que seus produtos agrícolas eram pouco valorizados.

Estes moradores estavam cada vez mais descontentes, visto que os pólos comerciais estavam concentrados em Santos, Santa Catarina e Rio de Janeiro, deixando assim esta Província à margem deste avanço. Os paranaenses, desde os primórdios da ocupação da terra, conheciam bem o uso e as virtudes da erva-mate, mesmo quando era um produto apenas para a subsistência. Sobre este recurso produtivo acrescentamos o seguinte comentário:

É certo que o próprio Ouvidor Rafael Pires Pardini observara, em 1721, o uso do mate e suas possibilidades de comercialização. Desejando melhorar a vida, que lhe pareceu miserável, dos moradores das Vilas de Paranaguá e Curitiba, aconselhara ao rei de Portugal que permitisse que pudessem eles ir à nova Colônia do Sacramento, a fim de ali venderem suas congongas (BALHANA, 1969, p. 134).

Pouco adiantou o apelo do Ouvidor, tanto que somente um século depois, devido a questões políticas, a erva-mate paraguaia foi impossibilitada de entrar no Brasil e assim esta demanda se voltou para o mercado de Paranaguá. Iniciou-se então o processo de melhorias tecnológicas para o plantio, colheita e preparo deste produto, já que o solo era perfeito e a partir de então teria que servir um mercado amplo e exigente.

Observa-se nas palavras de Balhana (1969, p.135) que “surgiu assim, no litoral, os primeiros ‘engenhos de soque’, como os de Manuel Miro e de Antonio Ricardo dos Santos, iniciando-se, de fato, a fase do aproveitamento industrial do mate e da sua efetiva comercialização externa”.

Figura 3 – Sapeco da Erva-mate: pintura de Alfredo Andersen do século XIX.



Fonte: Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Erva-mate> - Acesso em 04.09.2012

Na década de 1820, o mate já era uma realidade, mas somam-se, a este momento, os obstáculos políticos e comerciais entre Paraguai (fornecedor de mate) e Buenos

Aires e Montevideu (compradores deste produto), que se voltaram ao mercado paranaense e tornaram-se os principais importadores de mate. Para corroborar com esses argumentos, nos apoiamos novamente em Balhana (1969, p. 135) ao mostrar que “a exportação da erva-mate constituía a base de todo o comércio exterior da 5ª Comarca, através do porto de Paranaguá, predominando sobre os demais produtos, com larga margem, e atingindo a 69,81% da exportação total do Paraná”.

Sobre a logística da importação do mate, observa-se que, inicialmente, era exportado via Paranaguá, quase que em estado bruto: depois de colhido, o mate é submetido ao sapeco, para a cristalização da seiva; à secagem, nos barbaquás ou carijos; e, finalmente cancheado ou triturado; sendo transportado em surrões de couro, posteriormente em barricas, no lombo de animais via Graciosa, Itupava e Arraial até o Porto de Cima e Morretes, de onde era levado aos portos de Antonina e Paranaguá. (FERREIRA, 1996, p. 48)

Verificando o trabalho excessivo e a falta de organização, os paranaenses logo vislumbraram melhorias, essas implementadas em 1853. O retrato agora já era outro, cerca de noventa engenhos estabelecidos ao redor de Curitiba, exigindo braços e fomento à produção de barricas, surrões e cestos para a exportação.

Este ciclo foi um dos mais produtivos para a economia paranaense, durante o qual formaram-se novas cidades, criaram-se fronteiras, era o sustento de todo um estado até praticamente o fim da República Velha, com a Revolução de 30. Este mesmo ciclo proporciona importantes modificações sociais como a diminuição da estrutura escravagista, emergindo as relações capitalistas de produção e introduzindo a modernidade no Paraná.

2.4.4 O Ciclo do Café

O café é originário da Arábia e da Etiópia. Pela tradição árabe os guerreiros tornavam-se invencíveis se antes da batalha tomassem a infusão estimulante feita das folhas e dos frutos do cafeeiro.

Durante o segundo reinado, governado por D. Pedro II 1840-1889, houve uma alteração na lista de atividades produtivas que movimentavam a economia do país. As lavouras tradicionais, que tanto ajudaram no desenvolvimento da colônia de Portugal, o Brasil, com as culturas da cana, algodão e tabaco, no século XIX começaram a dar lugar a um novo produto de consumo interno e de exportação, tido como sobremesa entre seus consumidores, o café (MOREIRA, 1998, p. 30).

Essa região cafeeira percorreu toda a região Nordeste, começando pela borda marítima e passando por Alagoas, Sergipe, Bahia, seguindo para região Sudeste como Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e difundindo-se pelo vale do rio Paraíba em São Paulo, onde se expandiu para o oeste paulista. Na primeira etapa, fixou-se no oeste velho (região de Campinas), logo atingiu o oeste novo (região de Ribeirão Preto), estendendo-se cada vez mais até atingir o Norte do Paraná. É importante frisar que toda essa peregrinação do café não representou um ciclo econômico, pois nesse período ele era comercializado apenas em quitandas, seu uso era mais caseiro, sem grande expansão econômica. Foi somente com o início do século XIX que a cultura cafeeira ganhou destaque e tornou-se o principal produto da economia brasileira. Mas no Paraná, seu cultivo ganhou ênfase na década de 1860, quando homens começaram a acreditar nas terras do Norte Paranaense (BRAZ, 2000, p. 11-12).

A cultura cafeeira possibilitou o surgimento de centros urbanos em estados como São Paulo, Minas Gerais e Paraná, além de financiar a industrialização do Sudeste, a expansão da rede ferroviária, a abertura de novos portos, a ampliação do número de bancos, significativas melhorias no setor de comércio e a vinda de imigrantes, cujo trabalho livre substituiria o trabalho escravo negro nas lavouras de café. Entretanto, a estabilidade da economia cafeeira foi fortemente abalada diante da crise da Bolsa de Valores de Nova York, em outubro de 1929. Essa crise provocou, no Brasil, a queima de aproximadamente 80 milhões de sacas de café estocadas e a erradicação de milhões de cafeeiros na tentativa de controlar a queda contínua dos preços (SILVA, 1977, p. 3).

O café foi introduzido no Brasil em 1727, entretanto só ganhou importância um século depois com a decadência do ouro e o descontentamento das lavouras praticadas, que nessa época começaram a abalar-se pelas condições internacionais desfavoráveis, como por exemplo, a concorrência existente por produtos similares de outras nações ou colônias.

Como consequência do cultivo do café, o mais importante produto de exportação da época, a partir de 1860, deu a nossa *balança comercial superávits* ao invés dos tradicionais *déficits* (BRAZ, 2000, p. 12).

Figura 4 – Embarque do Café – Porto de Santos. Século XIX



Fonte: <http://www.blogcaicara.com/2012/02/fotografias-antigas-ciclo-do-cafe-em.html>. Acesso em: 29 ago. 2012.

O café é uma planta delicada que requer muitos cuidados, sendo também sensível a geadas ou ao calor excessivo. Exige chuvas bem distribuídas e solos férteis e especiais. Foram esses quesitos que possibilitaram seu estabelecimento no Sul e Sudeste do Brasil. Acompanhando o caminho do café, muitas florestas foram destruídas, formaram-se povoados e expulsaram animais locais de seu habitat. As técnicas utilizadas para o plantio do café não respeitavam a natureza, o desmatamento foi gigantesco, pois os cafeicultores queriam limpar o terreno o mais rápido possível para iniciar o plantio. Inicialmente o trabalho era exercido por escravos, depois passou aos trabalhadores assalariados. Vieram nessa época muitos imigrantes para lidar com o plantio e a colheita do produto, isso devido à extinção do tráfico de escravos em 1850 e à abolição da escravatura por completo no Brasil em 1888. A cultura cafeeira requeria dedicação e um número muito grande de mão de obra (BRAZ, 2000, p. 17).

Figura 5 – Fazenda Monte Café, Sapucaia (RJ), 1885 Colheita de Café - Coleção Gilberto Ferraz.



Fonte: <http://www.blogcaicara.com/2012/02/fotografias-antigas-ciclo-do-caffe-em.html>. Acesso em: 29 ago 2012

2.4.4.1 O café no Paraná

Alguns relatos históricos remontam a 1801 quando o café já se encontrava na lista de produtos exportados pelo Paraná, com a remessa de algumas arrobas para o Rio de Janeiro.

Em 1875 já se plantava café, de ótima qualidade, na Colônia Militar de Jataí, no norte do Paraná. O tenente Antonio Vasconcelos de Menezes, comandante da colônia, em seu relatório de 1886 afirmou que, no futuro, as terras da região não teriam competidores na produção de café. Data de 1912 a entrada do primeiro grande cafeicultor no norte pioneiro e em 1920 já existiam 5.286.460 pés de café em Venceslau Braz.

O Norte do Paraná, por possuir a fertilíssima terra roxa (de origem vulcânica), um clima favorável e obtendo uma liberdade na produção, pelo regime de quotas (ou prestação) que foi imposto aos outros Estados, mas a ele não, aos poucos foi desenvolvendo e expandindo a cultura cafeeira pelo Paraná. Os produtores sabiam que as raízes do café precisavam de solos férteis e profundos e esse estado era ideal.

As palavras de Steca e Flores a esse respeito são esclarecedoras.

O Paraná oferecia as melhores condições para o plantio do café: clima e solo fértil. Isso incentivou agricultores das tradicionais regiões cafeeiras a virem formar suas fazendas neste Estado. Mas é importante observar que o início da produção cafeeira, no Norte do Paraná, não deixou de ser um prolongamento da produção paulista. Segundo Francisco Magalhães Filho, em *Evolução da Economia Paranaense* (1972), a entrada em nosso território foi através do Vale do Rio Itararé, onde surgiram fazendas e núcleos urbanos, com santo Antônio da Platina. (STECA; FLORES, 2002, p. 193)

Se o café a partir de 1850 exerceu importante papel na vida brasileira, o mesmo aconteceu no Paraná a partir de 1930. O café mudou o Paraná. Em 10 anos, de 1950 a 1960 a população dobrou, e o número de propriedades agrícolas aumentou de 90.000 para mais de 270.000. Só no ano de 1960 foram criados 57 municípios, 40 dos quais só no Norte do Paraná.

A folha de Londrina, em sua edição de abril de 1980, traz entrevista com um importante pioneiro do Norte Paranaense, o Sr. Bráulio Barbosa Ferraz, um dos maiores produtores de café desta região. Ele conta que, no início do século XX, época de abertura de várias “picadas” no meio da selva, a mais relevante em matéria de área plantada, chegou ao número de 30 alqueires de terras, plantando 165 mil pés de café que, quatro anos depois, mostravam o seu viço, uniforme e portentoso, com uma carga de frutos que evidenciava a fertilidade do solo e a sua potencialidade para a expansão da cultura cafeeira, que fez nascer a cidade de Andirá (FOLHA DE LONDRINA, 1980, p. 25).

Para ter uma noção da representatividade deste produto no Norte Paranaense, recorremos agora às palavras da historiadora Cancian (1981, p. 133).

Sintetizando o que foi a conjuntura dinâmica da cafeicultura paranaense cabe uma imagem. Um hipotético viajante que, em 1950, tivesse percorrido o Norte do Paraná partindo da fronteira com São Paulo, em Ourinhos, indo em direção ao Itararé, teria visto cafeeiros em declínio e pastagens em algumas áreas onde já havia se processado erradicação; próximo, a emergência de alguns núcleos que pouco depois seriam municípios e onde o café fora plantado pouco antes; de Jacarezinho a Londrina, cafeeiros ainda da vigorosos em plena produção e outros novos, plantados quando os preços começaram a subir e o Departamento Nacional do Café afirmava não possuir mais estoques. De Londrina, na direção noroeste, teria visto cafezais em produção, de 5 e 10 anos e alguns um pouco mais, em toda a extensão até Maringá. Mais acima, até Paranaíba e na linha de Campo Mourão, cafezais ainda pequenos, recém plantados, alguns possivelmente em suas primeiras floradas. Mais além e na direção de Cianorte e Umuarama haveria derrubadas com vistas a novas plantações.

Em 1960, o panorama geral se constituía de um mar ondulante de cafezais, monocultura em alguns municípios, misturados a lavouras temporárias em outros. Nas terras menos próprias ao café ou onde ele perdia a produtividade havia uma tendência nova emergente com o desenvolvimento da pecuária com pastagens artificiais. O café estava sendo plantado no Extremo Oeste Paranaense.

Em 1970, o Norte do Paraná assemelhava-se a uma colcha de retalhos, com lavouras diversificadas e pastagens ao lado do café em algumas áreas, em outras ainda apenas lavouras temporárias; não estavam ausentes nem monocultura do gado, nem a do café

Em 1961, o Norte do Paraná atingiu marca histórica e passou a ser considerado o maior produtor de café do mundo, sendo responsável por um terço da produção mundial. Porém, a tecnologia utilizada nessas lavouras era arcaica, fato que não permitia uma expansão internacional já que o café produzido no estado de São Paulo atingia uma qualidade superior.

Estados como Paraná e São Paulo, juntamente com o café africano, desequilibraram o mercado internacional, tanto que em 1958 foi proposto um Acordo Internacional do Café entre os produtores e consumidores. Assim a exportação seria mais bem controlada.

Para escoamento de todo este café produzido eram necessárias vias de transporte condizentes com a produção naquele momento. Então as ferrovias ligaram o interior do Norte do Paraná aos portos de Santos e Paranaguá. O porto de Santos passou a ser o preferido por possuir uma infraestrutura mais adequada e barata em relação ao de Paranaguá.

Outro meio de escoamento foi o rodoviário, o que muito contribuiu pra o crescimento desta região e movimentou o porto de Paranaguá, pela proximidade. A principal via de escoamento ligando o norte e o sul foi a construção da Rodovia do Café (STECA; FLORES, 2008, p. 197).

Em 1962 o governo brasileiro realizou uma erradicação de lavouras improdutivas, visando diminuir o parque cafeeiro que produzia face de má qualidade e propiciando uma diversificação dos tipos de cultura agrícola como milho, arroz e feijão. Muitos proprietários agrícolas utilizavam um menor número de trabalhadores e podiam abusar da tecnologia e mecanização. Foi a partir da década de 60 que começaram a surgir mudanças no meio rural com a criação do *Estatuto de Terras* e o maior rigor das leis trabalhistas no campo. Esta medida foi mal recebida pelos fazendeiros visto que o plantio e a colheita absorviam muitos trabalhadores rurais.

Steca e Flores esclarecem alguns fatores que contribuíram para o início da queda deste ciclo:

Na década de 1960, apesar da produção cafeeira paranaense estar em posição de destaque, houve alguns reveses. As frequentes geadas, a concorrência da produção africana com preços praticados bem mais baratos, a superprodução sem mercado consumidor levaram o Governo a ampliar a política de erradicação dos cafeeiros. Na década de 1970, o perfil econômico do Paraná começou a mudar, surgindo as grandes propriedades que engoliram as pequenas, aumentando o interesse pela produção de grãos e a mecanização da agricultura. Com a diversificação da agricultura e a atualização de tecnologia, extinguiu-se o sistema de colonato e o trabalhador enfrentou um novo sistema de trabalho, o temporário, com o pagamento de salários diário, cuja consequência foi o êxodo rural e o inchamento das cidades. (STECA; FLORES, 2008, p. 197)

A economia cafeeira começou a entrar em decadência por vários motivos: as geadas, as pragas, o solo empobrecido, a Legislação Trabalhista, o Estatuto da Terra, intervenções governamentais, crédito, produtividade, modernização, custo de produção e preço. Por esse conjunto de fatores, a cafeicultura foi cedendo espaço a outras culturas, como a soja, que se estendeu por grande parte do território paranaense.

Um dos fatores mais desestimulantes aos cafeicultores foram, sem dúvida, as geadas de 1975, quando muitas plantações, por não suportarem o frio, morreram.

Primeiramente houve a geada negra, com ventos fortes e gelados que queimaram folhas e ramos. No dia seguinte, a geada branca que, com o orvalho e a umidade do solo por ocasião da chuva, fez congelar os pés de café desde a raiz. Por todos os lados, via-se gelo e naquele ano, milhares de pés de café foram destruídos, perdendo-se todo o plantio.

Depois da geada, o governo incentivou novamente a plantação de café, mas muitos produtores não aceitaram, por saberem que o risco a partir daquele momento era constante. Já em 1978 o governo passou a estimular o plantio do trigo e da soja. Nesse momento as máquinas começaram a substituir os trabalhadores do campo.

Houve o êxodo rural de grandes proporções e as famílias seguiam a rota do café em direção a Minas Gerais.

Foi na década de 70 que surgia a figura do “bóia-fria”, denominado dessa forma por preparar sua comida de madrugada e a comer no almoço, quando já está fria. Os bóias-frias são recrutados para trabalhar nas fazendas por uma pequena duração de tempo. São transportados em caminhões lotados, sem a mínima condição de segurança. São muito pobres e sem grandes perspectivas para o futuro.

2.5 A REGIÃO NORTE DO PARANÁ

Esta área é marcada principalmente pela miscigenação de etnias, procedentes dos povos europeus e asiáticos para a povoação dessa região. Estas pessoas chegavam ao chamado Norte Pioneiro, seduzidas pelo cultivo do café, e muitas já haviam trabalhado em outras lavouras, principalmente em São Paulo e Minas Gerais.

Os japoneses, por exemplo, foram os primeiros a chegar. A ‘porta de entrada’ foi o Norte Pioneiro, em 1912. Fixaram-se em cidades como Ribeirão Claro, Jataizinho e Bandeirantes. Fundaram cidades como Uraí e Assai e mais tarde adentraram para o chamado Norte Novo, sendo que, em 1930, eles adquiriram os primeiros lotes de terras vendidas pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) (STECA; FLORES, 2008, p. 42)

No ano de 1924, um agrônomo inglês, conhecido como Lord Lovat, visitou o Brasil a convite do presidente Arthur Bernardes. Sua missão era estudar as possibilidades econômicas e sociais do nosso país para receber uma poderosa companhia investidora. Nas primeiras viagens ao Brasil, Lovat visitou o Norte do Paraná, e ficou encantado com as perspectivas e as características da terra. Sem demora, voltou para Londres e formou um grupo de investidores para agirem diretamente no Brasil, em especial, nessa região paranaense. Logo surgiu a *Companhia de Terras Norte do Paraná*.

Figura 6 - Companhia de Terras Norte do Paraná – Sede. Coleção Gilberto Ferraz.



Fonte: <http://www.ipesdaminhaterra.com.br/historia.htm> - Acesso em: 04 set..2012

Em sua primeira etapa, ela tentou implantar a cultura do algodão, mas esse plantio não prosseguiu por muito tempo. Já em 1928, a companhia dedicou-se à colonização das terras à margem esquerda do rio Paranapanema, entre os rios Tibagi e Ivaí.

A Companhia de Terras Norte do Paraná adquiriu do Governo do Estado, a princípio, 415 alqueires paulistas de terras para efeito de colonização. Desenvolveu um projeto particular, visando explorar a venda de lotes de terras, e também uma ferrovia, atividade econômica que veio colaborar na concretização do projeto de colonização e que foi fator de grande lucratividade para os empreendedores. (STECA; FLORES, 2008, p. 42)

Esta companhia iniciou suas vendas tanto no Brasil quanto na Europa, e este foi um fator preponderante para a imigração para o norte paranaense. Chegaram à região alemães, judeus, italianos, russos, entre outros, aproximadamente 33 nacionalidades diferentes. Muitos se organizaram em colônias, tais como:

- Colônia Roland de imigrantes alemães – entre Cambé e Rolândia;
- Os teuto-russos (alemães) – patrimônio de Heimtal;
- Os eslavos de nacionalidade Romênia – na região de Ivaiporã;
- Os poloneses – que formaram o patrimônio Warta, próximo a Londrina.

Figura 7 – O anúncio informa que a Cia. de Terras Norte do Paraná está abrindo estradas de rodagem onde florescem 31 cidades e povoações e conclui: “Vá conhecer Maringá e venha buscar a família”. Publicado dia 1 de janeiro de 1949, jornal Estadão de São Paulo.



Nas matas virgens do NORTE DO PARANÁ reitam as madeiras de lei e os padrões de terra boa. Em torno da florescente cidade de Maringá abunda o melhor cedro vermelho, livre de brocas e defeitos. Peroba rosa de múltiplas aplicações, cabrieva para esquadrias e construções rodoviárias, pau marfim para móveis e parquês, caviunas, paus d'alho e figueiras brancas se multiplicam, belos e robustos.

Cia. de TERRAS NORTE do PARANÁ

Sede: São Paulo: Rua São Bento, 329 - 8.º andar.
Centro de Administração e Agência principal:
Londrina S.V.P.S.C. Paraná

Datas e Chacaras em MARINGÁ, os interessados na compra de Datas e Chacaras em Maringá deverão procurar a secção de vendas da Cia. naquela cidade.

© Direitos registrados sob n.º 12 de acordo com o Decreto 2.076 de 15 de setembro de 1936

VOCÊ SABIA QUE

...A COMPANHIA DE TERRAS NORTE DO PARANÁ abriu, neste mundo que surge, 9.104 quilômetros de excelentes estradas de rodagem?
...ao longo dessas estradas, 31 cidades e povoações se ergueram?
...entre as cidades que assim brotaram, figuram Londrina e Maringá, duas das mais prósperas centros urbanos do País?
...a Companhia concede facilidades para o pagamento dos lotes que vende?

Vá conhecer Maringá...

...e venha buscar a família.

Logo, essa companhia trocou de dono e passou para as mãos de brasileiros, tornando-se *Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná*. Por meio dela desenvolveu-se grande parte do Norte Paranaense, por ter sido a maior responsável pela colonização, com a venda de terras, a instalação de ferrovias e a abertura de estradas, as quais na época eram praticamente intransitáveis, ora escondidas pela poeira, ora transformadas em lamaçais por causa das chuvas.

No seu plano de colonização, a companhia idealizou quatro núcleos populacionais, estrategicamente distanciados uns dos outros: Londrina, Maringá, Cianorte e Umuarama. Todos eles planejados minuciosamente com suas ruas, praças, zona de comércio, zonas de indústria e zonas residenciais. E ao redor desses núcleos existem os chamados cinturões verdes, ou seja, as chácaras e os sítios. (BRAZ, 2000, p. 22)

Enfim, as características de muitas cidades ou municípios do atual Estado do Paraná não foram criadas de forma espontânea, muitas vezes essas cidades foram idealizadas no papel, com um planejamento detalhado.

Com o início do ciclo do café no Norte Paranaense, muitos proprietários rurais tinham pressa em derrubar as árvores e plantar o café, e, assim, o desmatamento foi avassalador. Surgiam muitas serrarias, pois alguns cafeicultores também comercializavam a madeira existente em suas terras, madeiras essas de muito boa qualidade. Essas atividades de depredar as florestas começaram a se agravar na década de 1960 e muitas espécies de árvores extinguíram-se. Porém, desde 1949, a Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná impressionava-se com o desmatamento de extensas áreas, com isso ela sentiu a necessidade de criar um serviço florestal que garantisse a preservação dos recursos naturais e ao mesmo tempo estimulasse o reflorestamento e a arborização das cidades recém-criadas.

Foi determinante, também, no crescimento do norte, o transporte ferroviário. O trem chegou em 1932 em Jataizinho, em 1935 em Londrina, em 1943 em Apucarana, em 1954 em Maringá, atingindo Cianorte em 1973. Foi a mais lucrativa ferrovia da América do Sul.

2.6 PEQUENO HISTÓRICO DOS MUNICÍPIOS PARANAENSES QUE FORMAM A MESORREGIÃO NORTE CENTRAL DO PARANÁ.

Recuperamos dados pontuais sem a pretensão de ser exaustivo sobre a história dos 20 municípios que compõem as microrregiões de Apucarana, Londrina e

Maringá. Tomamos como base, os dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012).

Esses pequenos relatos nos ajudam a entender melhor alguns fatores preponderantes para a nomeação dos lugares, entre eles, as motivações.

2.6.1 Apucarana

Apucarana foi projetada em 1934 pela Companhia de Terras Norte do Paraná, que colonizou esta região para ser apenas um dos pólos intermediários da produção agrícola destinados a abastecer núcleos maiores (Londrina e Maringá), distantes 100 quilômetros aproximadamente um do outro, que receberiam toda assistência e benefícios da empresa.

Embora tenha enviado para cá o mineiro de Angostura, Benevides Mesquita, como seu preposto, a empresa não tinha por objetivo aqui investir seu capital. Em virtude disso, seu trabalho se resumiu à demarcação das áreas urbana e rural para vendas.

Apucarana ressentiu-se da falta de apoio da empresa colonizadora e, posteriormente, também da administração municipal de Londrina, à qual pertencia. Tudo que aqui se fez nos primórdios do patrimônio, visando incrementar o seu desenvolvimento, se deve unicamente à iniciativa particular.

Mas o espírito empreendedor de seus primeiros moradores, oriundos de vários pontos do território nacional, quiçá do mundo inteiro, se aliou ao trabalho fecundo e perseverante. Com a garra indescritível, não se deixaram abater pelo estado de abandono em que se encontravam, e, confiantes na perspectiva de um futuro promissor, todos se empenhavam com o melhor de seus esforços, formando assim um elo indestrutível que embalou seus primeiros passos.

2.6.2 Araçongas

O município de Araçongas, situado na região do Norte do Paraná, é resultante da iniciativa da Companhia de Terras Norte do Paraná, pioneira do progresso e desbravamento de toda uma região. A cidade de Araçongas, como as demais idealizadas, planejadas e fundadas pela referida companhia, não surgiu por acaso, nem foi construída sem um plano diretor, previamente elaborado. Seu idealizador e fundador foi William da Fonseca Brabason Davids, diretor da Companhia de Terras Norte do Paraná, que, na época da

fundação de Arapongas, exercia o cargo de prefeito municipal de Londrina. No ano de 1935, o comerciante francês René Cellot e sua filha Geanine Cellot compraram os primeiros lotes de terrenos, destinados à construção urbana. Assim, em 28 de setembro de 1935, ambos se estabeleceram com uma casa comercial no mesmo local onde ainda hoje se encontra o prédio do Banco Brasileiro de Descontos. No mesmo ano, foi aberto e vendido o primeiro lote rural ao agricultor brasileiro Floriano Freire. Imediatamente, diversos outros lavradores, de diferentes nacionalidades, fixaram residência no lugar e se estabeleceram com casas de comércio. Nos anos seguintes foram povoadas as glebas destinadas às colônias formadas por imigrantes japoneses e eslavos, surgindo, assim, em 1937, as Colônias Esperança e Orle, já povoadas, que muito contribuíram para o progresso e expansão do novo patrimônio. A lei nº 199 de 30 de dezembro de 1943, criou o Distrito Judiciário de Arapongas, pertencendo ao Município de Rolândia.

2.6.3 Califórnia

Auxiliada pelo topógrafo Minotti Bolinelli, a fundação de Califórnia é obra de Alberto L. V. Duplessés, engenheiro civil, de nacionalidade francesa, que realizou os primeiros trabalhos de medição e demarcação dos terrenos. A partir de 1942, de Minas Gerais acorreram, para o novo Patrimônio, numerosos colonos que, comprando datas, se estabeleceram na localidade. Em 14 de setembro de 1948 era elevado à categoria de Distrito Judiciário, criado pela lei Estadual nº 93, pertencente ao Município de Araruva, atual Marilândia do Sul, e a município, em 1954. A denominação de Califórnia, dada ao município, é de autoria de seu fundador, Alberto L. V. Duplessés, devido à semelhança encontrada entre a nova localidade e a região americana de igual denominação.

2.6.4 Cambé

Os pioneiros chegaram a Cambé oriundos da cidade de Dantzig, atual Gdansk, na Polônia, tornada independente após a 1ª Guerra Mundial. O nome Nova Dantzig foi escolhido pela Companhia de Terras, que previu para Cambé a vinda de um grande número de pessoas de Dantzig. Por causa do clima tropical a que não estavam acostumados e devido à flora e fauna intocadas, enfrentaram muitas dificuldades para iniciar a colonização. Vieram em seguida os japoneses, italianos, eslovacos, portugueses, alemães, espanhóis, libaneses, além de paulistas e nordestinos. O Norte do Paraná, afinal, significava a

oportunidade de reiniciar vida nova em ambiente fértil e promissor. A cultura cafeeira, que impulsionou a região durante 40 anos, constituía-se a principal atividade dos colonizadores. O comércio, inicialmente instalado para atender a demanda local, acompanhou a passos largos a evolução da colônia, o mesmo acontecendo com a indústria, na época de característica puramente agro-industrial. Já na década de 40, com o advento da 2ª Guerra Mundial, o Governo do Estado obrigou as cidades e as colônias de nomes relacionados com os países inimigos a trocarem de denominação. Nova Dantzig passou a se chamar Cambé, nome de um Ribeirão que banha o município.

Em 09 de outubro de 1937, o então Patrimônio de Nova Dantzig é elevado a categoria de Distrito Judiciário, através da Lei nº 191; somente em outubro de 1947, a agora Cambé é elevada a município emancipado de Londrina.

2.6.5 Cambira

A povoação do município de Cambira originou-se de diversos Estados da Federação, notadamente São Paulo e Minas Gerais.

Após a execução dos primeiros trabalhos demarcatórios do sítio urbano, iniciou-se o assentamento das famílias pioneiras de São José do Cambira, primeira denominação do núcleo. A proximidade com o município de Apucarana foi um alento para os moradores daquele lugar, visto que a cidade era considerada um grande núcleo econômico se comparado a Cambira. A principal causa do desenvolvimento financeiro foi o advento da cafeicultura, o que, a exemplo de outros municípios próximos, era um atrativo muito forte para todo o norte-central paranaense.

Em 25 de janeiro de 1961, pela Lei Estadual nº 4.338, foi criado o município, com a denominação simplificada para Cambira.

2.6.6 Ibiporã

Parte da área que hoje abrange o solo ibiporãense começou a aparecer nos mapas cartográficos do século XIX, por conta do Aldeamento Indígena São Pedro de Alcântara, fundado pelo frei Timóteo Castel Nuevo.

Em 1931 a Companhia de Terras Norte do Paraná, formada com capital inglês, fundou a cidade de Londrina, ao mesmo tempo em que se verificava um verdadeiro corredor imigratório, no trecho compreendido entre Jataí e Londrina, cuja estrada foi feita em

cima de uma picada aberta no atual município de Ibiporã. Em 1936, com a área bastante povoada, iniciava-se o plantio de café, que se constituiu na base econômica da região.

A cidade fundada pelo engenheiro Beltrão foi elevada à categoria de Distrito Administrativo de Sertanópolis no dia 20 de outubro de 1938. Mais tarde, com o desaparecimento do fundador, seu filho, Alexandre Beltrão, continuou sua obra. Em 10 de outubro de 1947, foi criado o município de Ibiporã, com território desmembrado do município de Sertanópolis.

2.6.7 Jandaia do Sul

Com a fundação do município de Apucarana, que, em 30 de dezembro de 1943, se tornou município emancipado, iniciou a Companhia de Terras Norte do Paraná o povoamento de importante zona, que até então se encontrava quase que totalmente inexplorada.

Integrada à prodigiosa região fisiográfica denominada “norte novo”, a gleba onde a companhia colonizadora formou o patrimônio de Jandaia recebeu, desde logo, a contribuição fecunda e dinâmica da cultura cafeeira, que projetou a região e o Estado do Paraná como unidade federativa de primeira grandeza, num período relativamente curto, genericamente conhecido pela historiografia brasileira como o “Ciclo do Café”.

Em 14 de dezembro de 1951, o então governador Bento Munhoz da Rocha Neto criou o município de Jandaia do Sul, com território desmembrado do município de Apucarana, instalado no dia 14 de dezembro de 1952.

2.6.8 Londrina

O projeto Cidade de Londrina foi a mais importante obra realizada pela Companhia de Terras Norte do Paraná, e a história de ambas se confundem, sendo sinônimos de sucesso. A fundação ordenada e planejada de Londrina marcou o início das atividades da CTNP, assim como o desenvolvimento do norte novo paranaense, juntamente com a expansão econômica do Estado. O núcleo primitivo que deu origem ao atual município de Londrina denominava-se Patrimônio Três Bocas. Em 1930 foi construída uma estrada de rodagem, ligando o município de Jataí ao patrimônio, que nesta época já tinha o nome alterado para Londrina. Esta cidade, considerada a “Capital do Café”, possui várias histórias interessantes em seu período de formação. Uma delas é a de Celso Garcia Cid, que trabalhava como

motorista da Companhia de Terras, e quando a empresa quis terceirizar o transporte de passageiros e viajantes, não teve dúvidas, largou o emprego e lançou-se na nova empreitada, surgindo então, após associar-se a José Garcia Villar, uma das maiores empresas de transporte rodoviário do país, a Viação Garcia.

O município de Londrina foi criado em 03 de dezembro de 1934 e instalado uma semana após.

2.6.9 Mandaguari

Mandaguari também foi fundada pela Companhia de Terras Norte do Paraná, cujo núcleo inicial de colonização, denominado Lovat, passou a existir a partir de 1936.

Em 10 de outubro de 1947, foi sancionado pelo governador Manoel Ribas o Decreto Lei que criava o distrito Administrativo de Lovat, formado com parte do território do distrito de Caviúna (Rolândia) e jurisdicionado do recém criado município e comarca de Apucarana. Foi a partir desta data que houve alteração na denominação da localidade, que passou a chamar-se Vila de Mandaguari.

Ao ser criado o município de Mandaguari, os distritos de Maringá, Marialva e Paranavaí compunham o vasto território mandaguariense, que se estendia das barrancas do Rio Paranapanema até o Rio Paraná, no extremo oeste paranaense.

2.6.10 Marialva

O histórico deste município também está ligado intimamente à expansão cafeeira desta região, caracterizado fortemente nas décadas de quarenta e cinquenta. Juntamente com outros municípios, o setentrião paranaense teve origem num patrimônio, isto é, num loteamento de terras roxas, próprias para o cultivo do café.

A colonização de Marialva foi, igualmente, obra da Companhia de Terras Norte do Paraná. Esta empresa intensificou a publicidade sobre os predados do lugar, não tardando em se verificar forte fluxo de famílias interessadas em adquirir lotes e se fixar na região, especialmente as vindas dos Estados de São Paulo e Minas Gerais. A excepcional qualidade do solo, aliada à situação geográfica e econômica de Marialva proporcionou progresso e crescimento à localidade. O desenvolvimento da povoação foi rápido e absorvente. As vendas dos terrenos atingiram números verdadeiramente impressionantes.

Marialva não passou pelo estágio de distrito administrativo, tendo sido elevada diretamente à categoria de município emancipado. Sancionada a lei pelo governador Bento Munhoz da Rocha Netto, foi criado o município de Marialva, com território desmembrado do município de Mandaguari cuja instalação oficial ocorreu no dia 14 de dezembro de 1952.

2.6.11 Marilândia do Sul

As primeiras movimentações com fins de colonização no atual município ocorreram no início da década de trinta, período que coincidiu com o desbravamento da região norte do Estado. O surgimento de Marilândia do Sul deve-se ao pioneirismo de Santiago Lopes José e João Pedro Juliano que, em pleno sertão, lançaram os alicerces de uma nova povoação.

Em 1932 surgiu o primeiro núcleo de colonização, denominado Marilândia em homenagem à Imaculada Mãe de Deus. Nesta ocasião verificou-se forte fluxo migratório na região, principalmente de agricultores que vinham em busca de terras próprias para o cultivo de café. O Distrito Administrativo e Judiciário de Marilândia foi criado em 1938, com território pertencente ao município de Londrina. O município foi criado em 14 de novembro de 1951, com território desmembrado de Apucarana.

2.6.12 Maringá

O projeto da cidade de Maringá foi idealizado obedecendo às mais avançadas normas de planejamento, desenvolvido por Gastão de Mesquita Filho e Cássio Vidigal, com base no anteprojeto do urbanista Jorge Macedo Vieira. Uma das exigências que a Companhia de Terras Norte do Paraná fazia aos compradores de lotes urbanos é que a construção das casas deveria ser em prazo pré-estabelecido. Isto fez o perímetro urbano de Maringá, no início da colonização, transformar uma verdadeira clareira na mata em uma sequência imensurável de imóveis.

Um interessante comentário sobre esta cidade veio de Alfredo Nyffeler, em depoimento no livro *Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná*, que trata do cinquentenário da CTNP, págs. 140-142:

[...] iniciamos a derrubada da mata no local onde hoje se ergue a estação rodoviária, ao mesmo tempo em que outro grupo preparava o lugar onde construiríamos o hotel Maringá... Nos primeiros anos, a cidade não diferia das demais que abrimos no norte do Paraná. Ruas sem terra, mal definidas e com terrenos de um lado e de outro onde se viam raízes e troncos semicarbonados. Muita poeira em dia de sol e lama até os tornozelos em dia de chuva. Era uma beleza ver a mata de pertinho: altas perobas, figueiras, paus-d'alho, tudo ao alcance dos olhos, bastando chegar à janela... Era mesmo o sertão, que abríamos a machado para oferecer novas oportunidades ao agricultor brasileiro.

Maringá, a princípio simples patrimônio, localizado no interior do município de Mandaguari, fundado pela CTNP, não tardou em cumprir sua profecia, tornando-se uma das mais importantes cidades do Estado do Paraná, conhecida pelo metro quadrado de verde para cada habitante, e por sua qualidade de vida, comparada à das melhores do mundo.

Em 14 de novembro de 1951, foi criado o município de Maringá, com território desmembrado de Mandaguari.

2.6.13 Mauá da Serra

As primeiras notícias que se têm sobre o povoamento de Mauá vêm da década de quarenta. De localização estratégica, antes de ser conhecido por Mauá, o patrimônio recebeu as denominações de Lagoa Bonita e Munhoz da Rocha, respectivamente.

O pioneiro Jamil Assad Jamus adquiriu uma gleba de terras nestas imediações e pôs-se a implantar um loteamento, surgindo então o projeto Cidade de Mauá. Na década de setenta, a cidade de Mauá se firmou economicamente, suas terras de topografia amena eram disputadas e o sítio urbano cresceu. Em 24 de maio de 1990, o distrito de Mauá foi elevado à categoria de município emancipado, com território desmembrado do município de Marilândia do Sul, com a denominação alterada para Mauá da Serra, para diferenciá-la da homônima existente no estado de São Paulo.

2.6.14 Novo Itacolomi

O patrimônio de Itacolomi foi previsto pela Companhia de Terras Norte do Paraná, em sua saga colonizadora, na década de quarenta. A primeira denominação do atual município foi Patrimônio das Taquaras, e as famílias vinham especialmente atraídas pela qualidade do solo, propício ao plantio de café. Com a denominação de Itacolomi, o núcleo foi

elevado à categoria de Distrito Administrativo, em 1961, com território pertencente à Cambira cuja instalação se deu em 01 de janeiro de 1993.

2.6.15 Paiçandu

A saga pioneira que colonizou Paiçandu chegou à região por volta do ano de 1944. Muitas famílias se fixaram atraídas pela fertilidade das terras, próprias para o cultivo do café, que, na época do desbravamento, se constituía na maior fonte de riqueza da região.

Os trilhos de aço da ferrovia que alicerçou o povoado chegaram a Apucarana em 1943, a Maringá em 1954 e somente em 1973 atingiu Cianorte. Como Paiçandu estrategicamente era passagem da estrada de ferro, o povoado se fortaleceu, começando a surgir as primeiras casas comerciais nas proximidades da futura estação ferroviária.

A cultura do café e cereais próprios da região setentrional do Paraná, o grande afluxo de pioneiros e a tenacidade dos homens que planejaram e lançaram os fundamentos da cidade transformaram o Patrimônio de Paiçandu em próspera cidade.

2.6.16 Pitangueiras

Primeiramente surgiu o patrimônio de Santo Antônio, em 1942, quanto Antonio Rodrigues Paes doou um alqueire de terras, de sua fazenda, para a implantação do referido povoado.

Nesta época era grande a movimentação de famílias que objetivavam abrir fazendas com fins de plantar café. Os proprietários vinham morar nas fazendas e seus empregados também se fixavam nestas propriedades. Havia, portanto, uma demanda considerável por serviços de pedreiros, carpinteiros, poceiros, etc. Estes prestadores de serviços, como não tinham vínculos com as propriedades agrícolas, foram se instalando no patrimônio e juntamente com a comunidade local, consolidaram-no.

Em setembro de 1990, foi criado o município de Pitangueiras, com território desmembrado do município de Rolândia.

2.6.17 Rolândia

Este município teve início com os colonos alemães, no ano de 1932. Rolândia é obra de bem sucedido empreendimento colonizador, idealizado e organizado na Alemanha de 1931, por Erich Koch Weser, Oswaldo Nixdorf, Herman IV e Freden Nixdorf, os quais participaram das ações preliminares, que culminaram com o surgimento da Colônia Roland.

Localizada a área pela sociedade alemã, os trabalhos de demarcação da gleba foram imediatamente iniciados e, pela proximidade com Londrina, as demarcações também eram feitas pela Companhia de Terras Norte do Paraná.

O primeiro marco colonizador de Rolândia é datado de 14 de junho de 1932, quando foi erguido o primeiro rancho, construído de palmito e coberto de tabuinhas. Nesse mesmo ano, foi terminada a construção da estrada de ferro com ligação até Nova Dantzig (atualmente Cambé). No dia 1º de novembro chegou ao local Sr. Jorge Philipp, que montou uma pequena serraria na localidade.

2.6.18 Sabáudia

Este município surgiu às margens da Estrada da Boiadeira, aberta a mando do Interventor Manoel Ribas, no ano de 1939 e estendia-se de Arapongas até a Colônia Paranaíba.

Sabáudia foi a primeira povoação que se formou no interior do município de Arapongas, também colonizada pela Companhia de Terras Norte do Paraná. Uma das características marcantes da empresa colonizadora, nas dezenas de cidades que fundou, foi a implantação do patrimônio em áreas de espigão, excluindo-se preferências por margens ou proximidades de rios.

Sem passar pelo estágio de distrito, dado ao grau de desenvolvimento alcançado, em 1954, foi criado o município de Sabáudia, com território desmembrado de Arapongas.

2.6.19 Sarandi

Este município é um dos vários fundados pela Companhia de Terras Norte do Paraná. A fundação oficial da localidade deu-se em 1947 quando se iniciou a venda dos lotes urbanos que constituiu o patrimônio. Antes, porém, já se encontravam na área rural, inúmeras famílias, que desbravaram a terra, abrindo clareiras na mata e formando as primeiras lavouras de café.

A história do povo sarandiense está intimamente ligada à de duas cidades, Marialva e Maringá. A primeira por ter ficado a ela jurisdicionado, política e administrativamente desde sua fundação até a emancipação. A segunda pela proximidade física e afinidade econômica. Quem não conhece a localidade, não consegue definir fronteiras entre Maringá e Sarandi, salvo por um obelisco na rodovia, que divide os municípios.

2.6.20 Tamarana

Tamarana teve início com o povoado nos anos de 1915 a 1925 quando safristas vindos do Sul e do Norte Velho do Estado paranaense iniciaram a criação de porcos na região. Dentre eles encontrava-se o pioneiro Evaristo Camargo que construiu uma capelinha para São Roque, seu santo protetor. Ao redor dessa capela foi surgindo um agrupamento de casas que mais tarde atraiu os tropeiros vindos da região de Tibagi, São Jerônimo da Serra e outras regiões. Por volta de 1937, Gustavo Avelino Corrêa fez um minucioso levantamento para ligar sua propriedade até o Rio Taquara (divisa de suas terras) através da estrada em direção à Vila de São Roque. Até então não havia sequer uma picada ligando São Roque a Londrina, era preciso dar a volta por Apucarana. Em 1940, graças ao esforço do Doutor Gustavo e de outros moradores, que contribuíram com a prefeitura com custos dos serviços e fornecimento de tábuas serradas à mão, vigas e caibros e até todas as ripas para construção das pontes, deu-se a ligação de São Roque com Londrina e, portanto a todo o norte do Paraná.

O Quadro 1 traz os nomes dos municípios analisados e a classificação taxionômica, inclui também nomes anteriores e suas respectivas classificações.

Quadro 1 – Nomes atual e anterior dos municípios e sua classificação

Município	Nome(s) anterior(es)	Classificação	Classificação do atual
Apucarana	-	-	Geomorfotopônimo
Arapongas	-	-	Zootopônimo
Califônia	-	-	Corotopônimo
Cambé	Nova Dantzig	Cronotopônimo	Zootopônimo
Cambira	São José do Cambira	Hagiotopônimo	Fitotopônimo
Ibiporã	-	-	Animotopônimo eufórico
Jandaia do Sul	Jandaia	Zootopônimo	Zootopônimo
Londrina	Três Bocas	Numerotopônimo	Corotopônimo
Mandaguari	Lovat	Antropotopônimo	Zootopônimo
Marialva	-	-	Axiotopônimo
Marilândia do Sul	-	-	Hierotopônimo
Maringá			Animotopônimo
Mauá da Serra	Lagoa Bonita	Hidrotopônimo	Antropotopônimo
Novo Itacolomi	-	-	Cronotopônimo
Paçandu	-	-	Corotopônimo
Pitangueiras	Santo Antonio	Hagiotopônimo	Fitotopônimo
Rolândia	-	-	Históriotopônimo
Sabáudia	Nova Itália	Cronotopônimo	Corotopônimo
Sarandi	-	-	Litotopônimo
Tamarana	São Roque	Hagiotopônimo	Ergotopônimo

O Quadro 1 revela que, dentre os vinte municípios pesquisados, nove tiveram seus nomes alterados desde sua primeira nomeação e, conseqüentemente, a classificação taxionômica também se alterou. Constata-se que, destes nove municípios, em sua primeira nomeação, predominavam os hagiotopônimos, com 33%, o que equivale a três incidências. Já na denominação atual dos 20 municípios, predominam os corotopônimos com 20% do total, isto é, quatro incidências, seguidos dos zootopônimos (3) e dos antropotopônimos (3).

CAPÍTULO III

DESCRIÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo, descrevemos os topônimos das três microrregiões estudadas: Apucarana, Maringá e Londrina, com base no modelo proposto no Capítulo I Procedimentos metodológicos (p. 10), ou seja, apresentamos cada município informando a provável motivação do nome, a data de instalação do município, os nomes anteriores, quando houver, a superfície, a população e o gentílico. Na sequência do cabeçalho, organizamos os quadros com todos os topônimos constantes dos mapas do IBGE, de cada uma das localidades, indicando o tipo de acidente (físico ou humano), a etimologia e a língua de origem (documentadas nos dicionários ou presumidas por nós), encerrando com a classificação taxionômica e a estrutura morfológica. Com os dados de cada Quadro elaboramos Tabelas resumitivas com a frequência de cada topônimo seja de Acidente Físico ou de Acidente Humano.

3.1 MICRORREGIÃO DE APUCARANA

A Microrregião de Apucarana é formada por nove municípios: Apucarana, Arapongas, Califórnia, Cambira, Jandaia do Sul, Marilândia do Sul, Mauá da Serra, Novo Itacolomi e Sabáudia.

Mapa 02 – Microrregião geográfica de Apucarana.



Fonte: IPARDES (2010)

3.1.1 Apucarana

Motivação: Referência à serra onde se localiza o município. (ATEPAR 1999)

Data de Instalação: 28.01.1944 (<http://www.apucarana.pr.gov.br/>)

Nome (s) anterior (es):

Área (Km²): 558,390

Mapa Municipal Estatístico / 2007 – Escala= 1:50.000 (IBGE)

População: 120.919 (IBGE, 2010)

Gentílico: apucaranesense

O levantamento e classificação dos topônimos referentes a acidentes físicos e acidentes humanos do município de Apucarana permitiram elaborar o Quadro 2⁴, do qual constam o tipo de acidente, o nome, a classe, a etimologia, a língua de origem, a classificação taxionômica e a estrutura morfológica.

Quadro 2 – Topônimos do município de Apucarana

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Apucarana	AH	Tupi: corr. apó-carã, apó fazer, actuar, obrar; carã em círculo, ao redor; ir em roda. (SAMPAIO, 1901, p. 111)	LT	Geomorfotopônimo	Simples
Distritos	Correia de Freitas ⁵	AH		LP + LP	Antropotopônimo	Composto
	Pirapó	AH	Tupi: contr. pira-pora; pira-pora local do rio encachoeirado onde o peixe pula. (SAMPAIO, 1901, p. 147)	LT	Hidrotopônimo	Simples
	São Pedro	AH		LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
Vila	Reis	AH		LP	Antropotopônimo	Simples
Povoados	Água da Raposa	AH		LP + LE	Hidrotopônimo	Composto híbrido
	Água do Xaxim	AH		LP + LT	Hidrotopônimo	Composto híbrido
	Alguergues	AH			Litotopônimo	Simples
	Barra ⁶ Nova	AH		LP	Hidrotopônimo	Composto
	Barro Preto	AH		LP	Litotopônimo	Composto
	Biguaçu	AH	Tupi mi'üa ave pelicaniforme, biguá+açü (grande)	LT	Zootopônimo	Simples

⁴ Este quadro foi elaborado com base em outros apresentados em monografias, dissertações e teses a que tive acesso.

⁵ Port. Homenagem a Manuel Correia de Freitas, deputado federal pelo Paraná no início do século XX.(ATEPAR, 1999).

⁶ Para Aulete (DIGITAL, 2012), banco ou coroa de areia e outros sedimentos que os rios trazem e depositam no local em que desembocam.

			(CUNHA, 1999)			
	Caixa de São Pedro	AH		LP + LP	Ergotopônimo	Composto
	Cascalhada	AH		LP	Litotopônimo	Simples
	Fenato	AH		LP	Antropotopônimo	Simples
	Franco	AH		LF	Antropotopônimo	Simples
	Jacucaca	AH		LT	Zootopônimo	Simples
	Jangadinha ⁷	AH	Do malaiala changadam, de or. sânscr. (AULETE, 2010)	LS	Fitotopônimo Ergotopônimo	Simples
	Luzia	AH		LP	Antropotopônimo	Simples
	Nova Ucrânia	AH		LP	Cronotopônimo	Simples
	Onze e Meia	AH		LP	Numerotopônimo	Composto
	Paineirinha	AH	Tupi: Payna, c pai-ná, fructo de redenho ou de entrançado, o fructo da paineira. (SAMPAIO, 1928).		Fitotopônimo	Simples
	Pinhalzinho	AH		LP	Fitotopônimo	Simples
	Rio do Cerne ⁸	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	São Domingos	AH		LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Pedro da Taquara	AH		LP + LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido
	Serrinha	AH		LP	Geomorfotopônimo	Simples
	Tatuzinho	AH	Tupi: ta-tu, casco encorpado ou denso. (SAMPAIO, 1928).	LT	Zootopônimo	Simples
Água	Abutre ⁹ , do	AF		LP	Zootopônimo	Simples
	Araras, das	AF	Tupi: s. aumentativo de ará, nome aplicado aos papagaios grandes. (SAMPAIO, 1928).	LT	Zootopônimo	Simples
	Baitaca ¹⁰ , da	AF		LP	Zootopônimo	Simples
	Batovi	AF	Tupi: Batovy, corr. ybátoby, alt. ba-tory rio da canna verde; Rio Grande do Sul, Santa Catharina. (SAMPAIO, 1928).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Cacequi	AF	Mesmo que “cacique”. Duas possibilidades: Tupi: Morubichaba, c. <i>morubi-chab</i> , o chefe, o principal, o primeiro na guerra. (SAMPAIO, 1928), ou Espanhol:	LT ou LE	Axiotopônimo	Siples

⁷ Segundo Aulete (DIGITAL, 2012), Embarcação constituída por uma plataforma de troncos de árvores, unidos com cavilhas de madeira, e uma vela triangular, us. para a pesca, esp. no Nordeste do Brasil.

⁸ A lexia “cerne”, para Aulete (DIGITAL, 2012), significa a parte mais interior e dura do tronco das árvores, entre a medula e a casca.

⁹ Conforme Aulete (DIGITAL, 2012), denominação comum a várias espécies de aves de rapina da família dos acipitrídeos, que se alimentam de carniça, têm asas compridas e cauda curta, e ocorrem na Europa, Ásia e África.

¹⁰ De acordo com Aulete (DIGITAL, 2012), s. f. (Bras.) || espécie de papagaio (*Pionus maximiliani*, Ruhl.).

			cacique (AULETE, 2012)			
	Graúna	AF	Corr. <i>guirá-uma</i> , pássaro preto (SAMPAIO, 1928).	LT	Zootopônimo	Simples
	Icatu	AF	Tupi: corr. <i>y-catú</i> , água boa, rio bom. (SAMPAIO, 1928).	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Indaiá	AF	Tupi: ant. <i>Ynaiá</i> , a palmeira. (SAMPAIO)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Ipigúá	AF	Tupi: de ypu - olho d'água e Kûá - baía. (http://www.ipigua.sp.gov.br/)	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Jangadinha	AF	Do malaiala <i>changadam</i> , de or. sânscr. (AULETE)	LS	Ergotopônimo	Simples
	Juruba, da	AF	de jurujuba, planta da família das verbenáceas. (CUNHA, 1999).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Mambuca ¹¹	AF		LI	Zootopônimo	Simples
	Maratá	AF	Var. de <i>maracá</i> [T. <i>mara'ka</i>] Espécie de chocalho.	LI	Ergotopônimo	Simples
	Maritaca ¹²	AF	Tupi: <i>mba'é taka</i> , que significa "coisa ruidosa, bulhenta" (FERREIRA, 1986)	LT	Zootopônimo	Simples
	Pequim ¹³	AF	Tupi: <i>pe'ki</i> (AULETE, 2012)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Pinhalão	AF		LP	Fitotopônimo	Simples
	Pitombeira	AF	Tupi: <i>pi'toma</i> , fruto da pitombeira. (AULETE)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Purus	AF	Tupi: corr. <i>purú</i> , rumorejar, saltar, ferver; o que rumoreja ou ronca; Amazonas, corr. <i>purú</i> ou <i>pur-ú</i> , o que come gente, o antropófago, o devorador; nome de uma tribo selvagem do Amazonas. (SAMPAIO, 1928)	LT	Etnotopônimo	Simples
	Sérgio Juruba, De	AF		LP +LT	Antropotopônimo	Composto
	Tarumã	AF	Tupi: <i>taru'mã</i> , Árvore (<i>Vitex orinocensis</i>) da fam. das verbenáceas, comum em áreas florestais (esp. às margens de rios); por	LT	Fitotopônimo	Simples

¹¹ Conforme Aulete (DIGITAL), s. f. (Bras.) || abelha meliponídea (*Melipona capitata*). Também lhe chamam mambuca, mambucão e papa-terra.

¹² Para Aulete (DIGITAL), é uma ave, semelhante na cor ao periquito, mas um pouco maior.

¹³ De acordo com Aulete (DIGITAL, 2012), é um nome comum a árvores da fam. das cariocaráceas, gênero *Caryocar*, de boa madeira e frutos ger. Edules.

			isso sua madeira é us. em estruturas em lugares úmidos. (AULETE, 2012)			
Córrego	Aranguá	AF	Variante de aracuã? T. Variantes: <i>aracoá, aracoã, aquaham, haracoa, aracoa, aracoam, arcuaã, araquan, aracoan, aracoám, aracoão, aracuan, aracan, araquán, araraquan, arancuan, aracuã</i> . [T. ara' kuã] Nome comum a diversas aves da ordem dos galiformes, família dos cracídeos, semelhantes ao jacu.	LT	Zootopônimo	Simples
	Barra Funda	AF		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Beija-flor	AF		LF	Zootopônimo	Composto
	Cotegipe	AF	Tupi: <i>Akuti'ype</i> , que significa "No Rio das Cutias". (http://www.fflch.usp.br/dlcv/tupi/vocabulario.htm) ¹⁴	LT	Zootopônimo	Simples
	D'Ouro	AF		LP	Animotopônimo eufórico	Simples
	Gurupi	AF	Tupi: <i>gurupy</i> , corr. <i>guru=gurup-y</i> , rio das onças. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Herval	AF		LP	Fitotopônimo	Simples
	Iguaporé	AF	Tupi: Guaporé = rio dos banhados marginais, esta é a característica deste grande afluente do <i>Mamoré</i> . (SAMPAIO, 1928)	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Itacuatara	AF	Tupi: c. <i>ita-cuatara</i> , a pedra pintada, a pedra escripta. (SAMPAIO, 1928)	LT	Litotopônimo	Simples
	Jacutinga	AF	Tupi: corr. <i>yacú-tinga</i> , o jacu branco. (Penelope leucoptera). Nome de uma rocha friável, argilosa, servindo de jazida ao ouro. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Juperagui	AF	Var. de Superagui. Tupi: 'rainha dos peixes'		Zootopônimo	Simples
	Jurema	AF	Tupi: corr. <i>yu-r-ema</i> , o espinheiro suculento;	LT	Fitotopônimo	Simples

¹⁴ (<http://www.fflch.usp.br/dlcv/tupi/vocabulario.htm>). Acesso 21/12/2012.

			arvore espinhenta do sertão. (SAMPAIO, 1928)			
	Mucuri	AF	Tupi: <i>mucury</i> , s. c. <i>mocur-y</i> , rio das mucuras ou gambás. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Ouro Fino	AF		LP + LP	Corotopônimo	Composto
	Pacu	AF	Tupi: corr. <i>pág-ú</i> , o comer desperto, isto é, o que é vivido no mar ou tomar a isca. E o peixe fluvial. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Paraguaçu	AF	Tupi: c. <i>pará-guaçu</i> , mar grande, e também rio grande. (SAMPAIO, 1928)	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Paraibuna	AF	Tupi: c. <i>pará-y-buna</i> , rio d'água escura. (SAMPAIO, 1928)	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Piapara	AF	Var.: <i>piampára</i> [T.?] Peixe da família dos caracídeos. Tupi: corr. <i>pi-apara</i> , os pés tortos. Nome de homem. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Salomão	AF			Antropotopônimo	Simples
	Tangará	AF	Tupi: corr. <i>ata-cará</i> , andar aos saltos, o pulador, em alusão ao costume da ave deste nome (Tanagra). (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Ubatuba	AF	Tupi: corr. <i>ybá-tyba</i> , o sítio das frutas, o frutal. (SAMPAIO)	LT	Fitotopônimo	Simples
Lago	Jabuti	AF	Tupi: corr. <i>ya-u-tí</i> , aquele que não bebe; o kagado, que os índio tinham como insensível a sede. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
Ribeirão	Barra Nova	AF		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Biguaçu	AF	Tupi <i>mi'üa</i> ave pelicaniforme, <i>biguá+açu</i> (grande) (CUNHA, 1999)	LT	Zootopônimo	Simples
	Cambira	AF	Tupi: <i>Cambyra</i> , galho pungente, espinhento. (FERREIRA)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Caviúna	AF	Tupi: o mesmo que <i>cabiúna</i> , corr. <i>caá-pinna</i> , a folha escura; a madeira preta. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Cerne	AF		LNI	Fitotopônimo	Simples
	Dourados, dos	AF	Tupi: mesmo que <i>pirajú</i> , corr. <i>pira-yú</i> ,	LT	Zootopônimo	Simples

			forma contracta de <i>pira-yuba</i> , o peixe amarelo, o dourado.			
	Pinhalzinho	AF		LP	Fitotopônimo	Simple
	Raposa, da	AF		LE	Zootopônimo	Simple
	Xaxim, do	AF	Tupi: (xanchin) corr. chan-chin, ou çam-ci, a corda lisa, a fibra macia (SAMPAIO, 1928).	LT	Fitotopônimo	Simple
Rio	Bom	AF		LP	Animotopônimo eufórico	Simple
	Cambira	AF	Tupi: <i>Cambyra</i> , galho pungente, espinhento. (FERREIRA, 1999)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Pirapó	AF	Tupi: contr. pira-pora; pira-pora, local do rio encachoeirado onde o peixe pula. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simple
Total de topônimos de Apucarana = 81 (AH = 27; AF = 54)						

No município de Apucarana foram contabilizados 81 topônimos, dos quais 27 se referem a acidentes humanos e 54 a acidentes físicos. Dentre os topônimos de acidentes humanos, temos:

Tabela 1 – Tabela dos topônimos de Apucarana e sua frequência taxionômica.

Taxionomia	AH	Nº	Porcentagem	AF	Nº	Porcentagem
Antropotopônimos		5	18.6%		2	3.7%
Hidrotopônimos		5	18.5%		7	12.9%
Zootopônimos		3	11.1%		20	37%
Hagiotopônimos		3	11.1%		-	-
Litotopônimos		3	11.1%		1	1.9%
Geomorfotopônimos		2	7.4%		-	-
Fitotopônimos		2	7.4%		16	29.5%
Poliotopônimos		1	3.7%		-	-
animotopônimos eufóricos		1	3.7%		2	3.7%
Cronotopônimos		1	3.7%		1	1.9%
Ergotopônimos		1	3.7%		2	3.7%
Corotopônimos		-	-		1	1.9%
Dimensiotopônimo		-	-		1	1.9%
Etnotopônimos		-	-		1	1.9%
Total		27	100%		54	100%

Dessa forma, juntando os topônimos referentes a acidentes humanos aos dos acidentes físicos, observamos que predominam os zootopônimos (28.4%), os fitotopônimos (22.2%) e os hidrotopônimos (14.8%), demonstrando a força dos elementos da natureza na denominação dos topos.

3.1.2 Arapongas

Mapa 03 – Município de Arapongas

Fonte: IPARDES, 2010

Motivação: Nome dado pela grande quantidade desta ave na região. (ATEPAR, 1999)

Data de Instalação: 10.10.1947 (<http://www.arapongas.pr.gov.br/>)

Nome (s) anterior (es): O mesmo

Área (Km²): 381,081

Mapa Municipal Estatístico / 2007 – Escala= 1:50.000 (IBGE)

População: 104.150 (IBGE, 2010)

Gentílico: araponguense

No município de Arapongas detectamos os seguintes topônimos, expostos no Quadro 3:

Quadro 3 – Topônimos de Arapongas

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Arapongas	AH	Tupi: c. <i>ará-ponga</i> , papagaio que soa, papagaio estridente, pássaro ferrador ou martelo. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
Povoado	Água Coqueiral	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água Jaçanã	AH		LP + LT	Hidrotopônimo	Composto híbrido
	Água da Mantiqueira	AH		LP + LT	Hidrotopônimo	Composto híbrido
	Água da Taiúva	AH		LP + LT	Hidrotopônimo	Composto híbrido
	Água Três Bocas	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Araguari	AH	Tupi: s. c <i>aráguá-r-y</i> , a água ou rio da baixada dos papagaios.	LT	Zootopônimo	Simples

			(SAMPAIO, 1928)			
	Colônia Esperança	AH		LP + LP	Poliotopônimo	Composto
	Maiaque	AH	Var. de <i>Mayaca</i> (taxonomo). Bot. Família das plantas floríferas da ordem das farinosas [...] (FERREIRA, 1999)	LL	Fitotopônimo	Simples
	Novo Mundo	AH		LP + LP	Cronotopônimo	Composto
	Sete Casas	AH		LP + LP	Numerotopônimo	Composto
	Três Ilhas	AH		LP + LP	Numerotopônimo	Composto
Bairro	Cruzeiro	AH		LP	Astrotopônimo	Simples
Água	Aterro do Caçador, do	AF		LP + LP	Geomorfotopônimo	Composto
	Bocaiúva	AF	Tupi: o mesmo que <i>bocayuva</i> , palmeira. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Botocudos ¹⁵	AF		LP	Etnotopônimo	Simples
	Campinho, do	AF		LP	Geomorfotopônimo	Simples
	Caturetê	AF	Var. <i>cateretê</i> . Dança rural (AULETE, 2012)	LNI	Sociotopônimo	Simples
	Coqueiral	AF		LP	Fitotopônimo	Simples
	Jaçanã ¹⁶	AF	Do tupi: <i>yasa 'nã</i> , ave (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Lajeado	AF		LP	Litotopônimo	Simples
	Mantiqueira, da	AF	Tupi: corr. <i>mã-tykyr</i> , coisa que verte; ou a vertente. (SAMPAIO, 1928)	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Palmeirinha	AF		LP	Fitotopônimo	Simples
	Porteira Preta, da	AF		LP + LP	Ergotopônimo	Composto
	Riacho Verde	AF		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	São Benedito	AF		LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
Córrego	Aimoré	AF		LT	Etnotopônimo	Simples
	Alecrim	AF		LA	Fitotopônimo	Simples
	Arlindo	AF		LP	Antropotopônimo	Simples
	Damasco	AF		LP	Fitotopônimo	Simples
	Sapo, do	AF		LP	Zootopônimo	Simples
	Tabapuana	AF	T. <i>taba+poan</i> : Reunião de casas ou aldeias http://pt.wikipedia.org/wiki/Tabapuã	LT	Sociotopônimo	Simples
	Taiúva ¹⁷	AF	Do tupi: <i>tai'iuva</i> , árvore de grande porte. (AULETE, 2012)	LT	Fitotopônimo	Simples

¹⁵ Conforme Aulete (DIGITAL, 2012), indígena de qualquer tribo que tivesse por tradição o uso de botoque no lábio inferior [Designação dada pelos portugueses.]

¹⁶ Aulete (DIGITAL, 2012), ave paludícola, da fam. dos jacanídeos (*Jacana jacana*), de dorso vermelho-castanho vivo, cabeça, nuca e parte inferior pretas, e bico amarelo com escudo frontal vermelho, tem pernas longas e dedos compridos e bem abertos, adaptados a andar sobre a vegetação aquática; CAFEZINHO; PIAÇOCA.

¹⁷ De acordo com Aulete (DIGITAL, 2012), árvore de grande porte da fam. das moráceas (*Maclura tinctoria*), nativa do Brasil, de madeira amarela da qual se extrai tintura, espinescente e de frutos doces, comestíveis; AMARELINHO; AMOREIRA-DE-ÁRVORE; AMOREIRA-DE-ESPINHO; PAU-AMARELO.

Ribeirão	Apertados, dos	AF		LP	Dimensiotopônimo	Simples
	Caviúna	AF	Tupi: o mesmo que <i>cabiúna</i> , corr. <i>caá-piuna</i> , a folha escura; a madeira preta. É o chamado jacarandá do campo (SAMPAIO, 1928).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Esperança	AF		LP	Animotopônimo eufórico	Simples
	Frouxo, do	AF		LP	Dimensiotopônimo	Simples
	Três Bocas	AF		LP + LP	Numerotopônimo	Composto
	Três Ilhas	AF		LP + LP	Numerotopônimo	Composto
	São Pedro	AF		LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
	Pirapó	AF	Tupi: contr. pira-pora; pira-pora local do rio encachoeirado onde o peixe pula. (SAMPAIO, 1928).	LT	Zootopônimo	Simples
	Saci	AF	Tupi: Var. <i>sacy</i> , <i>saci</i> , <i>saci</i> [* T. sa'si]. (CUNHA, 1999)	LT	Mitotopônimo	Simples
	Xaxim	AF	Tupi: (xanchin) corr. chan-chin, ou çam-ci, a corda lisa, a fibra macia (SAMPAIO, 1928).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Bandeirantes do Norte	AF		LP + LP	Etnotopônimo	Composto
Total de topônimos de Arapongas = 44 (AH = 13; AF = 31)						

Sintetizando os topônimos do Quadro 2 do município de Arapongas, de acordo com a frequência dos acidentes humanos e físicos, chegamos à seguinte Tabela 2:

Tabela 2 – Tabela dos topônimos de Arapongas e sua frequência taxionômica.

Taxionomia	AH	Nº	Porcentagem	AF	Nº	Porcentagem
hidrotopônimos,		5	38.4%		2	6.5%
numerotopônimos		2	15.4%		2	6.5%
Zootopônimos		2	15.4%		3	9.6%
Poliotopônimos		1	7.7%		-	-
Fitotopônimos		1	7.7%		8	25.8%
Cronotopônimos		1	7.7%		-	-
Astrotopônimos		1	7.7%		1	3.2%
Etnotopônimos		-	-		3	9.6%
Sociotopônimos		-	-		2	6.5%
Geomorfotopônimos		-	-		2	6.5%
Hagiotopônimos		-	-		2	6.5%
Dimensiotopônimos		-	-		2	6.5%
animotopônimos eufóricos		-	-		1	3.2%
Litotopônimos		-	-		1	3.2%
Antropotopônimos		-	-		1	3.2%
Ergotopônimos		-	-		1	3.2%
Total		13	100%		31	100%

Somando os topônimos referentes a acidentes humanos aos acidentes físicos, verificamos que, em Arapongas, predominam os fitotopônimos (20.5%). Os demais, inclusive os zootônimos, apresentam índices bem baixos (11.4%). Embora todas as ruas do município sejam nomes de aves, os demais acidentes não receberam denominações ligadas ao mundo animal.

3.1.3 Califórnia

Mapa 04 – Município de Califórnia



Fonte: IPARDES, 2010

Motivação: O Dr. Alberto Duplesses atribuiu à localidade a denominação Califórnia por achar a região semelhante a do estado americano. (ATEPAR 1999)

Data de Instalação: 17.12.1955 (<http://www.california.pr.gov.br/>)

Nome (s) anterior (es):

Área (Km²): 141,817

Mapa Municipal Estatístico / 2007 – Escala= 1:50.000 (IBGE)

População: 8.069 (IBGE 2010)

Gentílico: californiano

Os dados coletados no município de Califórnia permitiram a elaboração do Quadro 4.

Quadro 4 – Topônimos do município de Califórnia

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Califórnia	AH	“...teria sido um nome indígena ouvido por <i>Ximenes</i> , descobridor da península da Califórnia.” (ATEPAR, 1999)	LI	Corotopônimo	Simples

Povoado	Água Limpa	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água Oito	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Barra Nova	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Boa Sorte	AH		LP + LP	Animotopônimo eufórico	Composto
	Boa Vista	AH		LP + LP	Animotopônimo eufórico	Composto
	Figueirinha	AH		LP	Fitotopônimo	Simples
	Jacutinga	AH	Tupi: corr. <i>yacú-tinga</i> , o jacu branco. (Penelope leucoptera). Nome de uma rocha friável, argilosa, servindo de jazida ao ouro. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Laranjal	AH		LP	Fitotopônimo	Simples
	Taquarinha	AH	Tupi: c. ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Timburi	AH	Tupi: o mesmo que <i>Tymbohy</i> , corr. timbó-y, rio do timbó (planta cujo suco mata o peixe) (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Tiziu	AH		LP	Zootopônimo	Simples
Água	Bela Vista	AF		LP + LP	Animotopônimo eufórico	Composto
	Oito	AF		LP	Numerotopônimo	Simples
	Rasa	AF		LP	Dimensiotopônimo	Simples
	Seis	AF		LP	Numerotopônimo	Simples
	Sete	AF		LP	Numerotopônimo	Simples
	Varginha, da	AF	Dim. de vargem. Var. de várzea. Possivelmente do baixo latim varcena. (FERREIRA, 1999)		Morfotopônimo	Simples
Córrego	Atum	AF	Do grego thýnnos, pelo lat. thunnus,i e pelo ár. at-tun. (AULETE, 2012)	LG	Zootopônimo	Simples
	D'Ouro	AF	Latim: <i>Aurum</i> (AULETE, 2012)	LL	Animotopônimo eufórico	Simples
	Dragão	AF	Do gr. drákon, pelo lat. draco, onis. (AULETE, 2012)	LG	Zootopônimo	Simples
	Marcuino	AF			Antropotopônimo	Simples
	Marta	AF		LP	Antropotopônimo	Simples
	Piriza	AF	Tupi: o mesmo que <i>piri</i> , o junco, planta aquática de que se fazem esteiras. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Saltinho ¹⁸	AF		LP	Hidrotopônimo	Simples
	São João	AF		LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
	Sílvio	AF		LP	Antropotopônimo	Simples

¹⁸ Conforme Aulete (DIGITAL, 2012), queda d'água que existe na corrente de um rio; CATARATA.

Ribeirão	Califórnia	AF	“...teria sido um nome indígena ouvido por <i>Ximenes</i> , descobridor da península da Califórnia.”(ATEPAR 1999)	LI	Corotopônimo	Simple
	Faleiro	AF		LP	Antropotopônimo	Simple
	Lima	AF		LP	Antropotopônimo	Simple
	Taquarinha	AF	Tupi: c. ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Jacucaca	AF	Tupi: Ave galiforme, cracídeos (...) (FERREIRA, 1999)	LT	Zootopônimo	Simple
Rio	Taquara	AF	Tupi: c. ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple
Total de topônimos de Califórnia = 33 (AH = 12; AF = 21)						

Os dados, distribuídos pelas taxionomias, apresentaram os seguintes números e percentuais expostos na Tabela 3:

Tabela 3 – Tabela dos topônimos de Califórnia e sua frequência taxionômica.

Taxionomia	AH	Nº	Porcentagem	AF	Nº	Porcentagem
Fitotopônimos		4	33.3%		3	14.3%
Hidrotopônimos		3	25.0%		1	4.7%
animotopônimos eufóricos		2	16.7%		2	9.5%
zootopônimos		2	16.7%		3	14.3%
corotopônimos		1	8.3%		1	4.7%
antropotopônimos		-	-		5	23.8%
numerotopônimos		-	-		3	14.3%
dimensiotopônimos		-	-		1	4.8%
morfotopônimos		-	-		1	4.8%
hagiotopônimos		-	-		1	4.8%
Total		12	100%		21	100%

Ao analisar os acidentes humanos e os acidentes físicos em conjunto, verificamos que em Califórnia também predominam os fitotopônimos com 21.2% do total, enquanto os zootopônimos e antropotopônimos representam 15.1% cada e os hidrotopônimos (12.2%) do total.

3.1.4 Cambira

Mapa 05 – Município de Cambira

Fonte: IPARDES, 2010

Motivação: Designando um cipó, existente em grande quantidade na região, no período da colonização. (ATEPAR, 1999)

Data de Instalação: 22.10.1961 (IPARDES)

Nome (s) anterior (es): São José do Cambira

Área (Km²): 163,388

Mapa Municipal Estatístico / 2007 – Escala= 1:50.000 (IBGE)

População: 7.236 (IBGE, 2010)

Gentílico: cambirense

O levantamento e classificação dos topônimos referentes a acidentes físicos e acidentes humanos do município de Cambira permitiram elaborar o Quadro 5.

Quadro 5 – Relação dos topônimos de Cambira e sua classificação.

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Cambira	AH	Tupi: <i>Cambyra...</i> galho pungente, espinhento. (ATEPAR, 1999)	LT	Fitotopônimo	Simple
Patrimônio	Sete de Maio	AH		LP + LP	Numerotopônimo	Composto
Povoado	Benjoim ¹⁹	AH	Do ár. lubên gauí. Sin.ger.: bejoim. (AULETE, 2012)	LA	Fitotopônimo	Simple
	Bom Jesus	AH		LP + LH	Animotopônimo eufórico	Composto
	Dourados	AH	Tupi: mesmo que <i>pirajú</i> , corr. <i>pira-yú</i> , forma contracta de <i>pira-yuba</i> , o peixe	LT	Zootopônimo	Simple

¹⁹ Para Aulete (DIGITAL, 2012), este nome significa resina amarelada e aromática extraída do benjoeiro, cuja substância entra na composição de cosméticos e medicamentos; CALAMITA; ESTORAQUE.

			amarelo, o dourado. (SAMPAIO, 1928)			
	Maratá	AH	Var. de <i>maracá</i> [T. mara'ka] Espécie de chocalho.	LT	Ergotopônimo	Simples
	Marumbizinho	AH	Tupi: do guarani arcaico <i>mbaérombi</i> , coisa suprema, a coisa mais alta. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Cardinotopônimo	Simples
	Palmeirinha	AH			Fitotopônimo	Simples
	Pedreira	AH		LP	Litotopônimo	Simples
	Santo Antônio	AH		LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
Água	Iracema	AF	Tupi: <i>ira-acema</i> , a saída do mel. Como nome de mulher é sinônimo <i>meliflua</i> , doce. (SAMPAIO, 1928)	LT	Antropotopônimo	Simples
	Maripu	AF			N/C	
	Tamandaré	AF	Tupi: O nome do Noé da lenda do dilúvio entre o gentio brasileiro. (SAMPAIO, 1928)	LT	Antropotopônimo	Simples
	Tâmara ²⁰	AF	Do ár. <i>támar</i> híndi (AULETE, 2012)	LA	Fitotopônimo	Simples
Córrego	Almeida	AF		LP	Antropotopônimo	Simples
	Anhangá	AF	Tupi: o diabo, o mau espírito.. V. Anhã. (SAMPAIO, 1928)	LT	Mitotopônimo	Simples
	Butinga	AF	Var. de Ibitinga T. Terra branca http://www.ibitinga.sp.gov.br/novoportal/principal.php?go=10	LT	Litotopônimo	Simples
	Cambucy	AF	Tupi: o vaso d'água, o pote, cântaro. Pode proceder, ainda, de <i>caá-mbocy</i> , fruto de duas partes juntas. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Gabiroba	AF	Tupi: o comestível amargo, ou fruto que trava. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Ingazeira	AF	Tupi: alusão a polpa da fruta. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Itacoarida	AF			N/C	
	Itapé	AF	Tupi: pedra plana, laje, lajeado. (SAMPAIO, 1928)	LT	Litotopônimo	Simples
	Laborado	AF		LP	Sociotopônimo	Simples
	Ligeiro	AF		LP	Animotopônimo	Simples
	Maratá	AF	Var. de <i>maracá</i> ?[T.	LT	Ergotopônimo	Simples

²⁰ Aulete (DIGITAL, 2012) traz a seguinte definição: Fruto comestível da tamareira, de cor marrom, polpa doce e forma alongada.; DATIL

			mara'ka] Espécie de chocalho.			
	Murundu ²¹	AF	Do quimbundo mulundu. (AULETE, 2012)	LQ	Geomorfotopônimo	Simples
	Militar	AF		LP	Sociotopônimo	Simples
	Nana ²²	AF	Do italiano. <i>nanna</i> .	LI	Antropotopônimo	Simples
	Oaxaca ²³	AF		LE	Corotopônimo	Simples
	Subaia	AF	Der. de Subaio (RJ) (FERREIRA, 1999)	LP	Corotopônimo	Simples
	Sussuarana	AF	Tupi: o que se assemelha ao veado; o que tem a cor do veado. É o nome de um felino de pele parda. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Vegetal	AF		LP	Fitotopônimo	Simples
Ribeirão	Benjoin ²⁴	AF	Do ár. lubên gaudi. Sin.ger.: beijoin. (AULETE, 2012)	LA	Fitotopônimo	Simples
	Cambira	AF	Tupi: <i>Cambyra</i> ... galho pungente, espinhento. (ATEPAR, 1999)	LT	Fitotopônimo	Simples
	dos Dourados	AF	Tupi: mesmo que <i>pirajú</i> , corr. <i>pira-yú</i> , forma contracta de <i>pira-yuba</i> , o peixe amarelo, o dourado. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Itacolomi	AF	Tupi <i>Ita</i> ...pedra + <i>corumin</i> ...menino: Menino de Pedra. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Litotopônimo	Simples
	Marumbi	AF	Tupi: <i>mrumbi</i> , Lagoa cheia de tábuas. (FERREIRA, 1999)	LT	Hidrotopônimo	Simples
Total de topônimos de Cambira = 37 (AH = 10; AF = 27)						

Os dados de Cambira, distribuídos pelas taxinomias, apresentaram os seguintes números e percentuais expostos na Tabela 4:

²¹ Para Aulete (DIGITAL, 2012) a denominação se dá a uma pequena elevação de terra, geralmente arredondada, construída por diferentes insetos, como cupins e formigas; MURUNDUM.

²² Aulete (DIGITAL, 2012), mostra que é a ação ou resultado de ninar.

²³ É um dos 31 estados do México, localizado na parte meridional do país, ao oeste do Istmo de Tehuantepec. Fonte consultada: <http://www.explorandomexico.com.mx/state/19/Oaxaca/history/> Acesso em 11.07.2012

²⁴ De acordo com Aulete (DIGITAL, 2012), este nome significa resina amarelada e aromática extraída do benjoeiro, cuja substância entra na composição de cosméticos e medicamentos; CALAMITA; ESTORAQUE.

Tabela 4 – Tabela dos topônimos de Cambira e sua frequência taxionômica.

Taxionomia	AH	Nº	Porcentagem	AF	Nº	Porcentagem
fitotopônimos		3	30%		7	26%
animotopônimos eufóricos		1	10%		2	7.4%
zootopônimos		1	10%		2	7.4%
cardinotopônimos		1	10%		-	-
ergotopônimos		1	10%		1	3.7%
litotopônimos		1	10%		3	11.1%
hagiotopônimos		1	10%		-	-
numerotopônimos		1	10%		-	-
antropotopônimos		-	-		3	11.1%
mitotopônimos		-	-		1	3.7%
corotopônimos		-	-		2	7.4%
sociotopônimos		-	-		2	7.4%
geomorfotopônimos		-	-		1	3.7%
hidrotopônimos		-	-		1	3.7%
Não classificados		-	-		2	7.4%
Total		10	100%		27	100%

Somando-se os topônimos relativos a acidentes físicos aos humanos, verificamos que, novamente têm preferência na denominação dos lugares os fitotopônimos com 27% das ocorrências, seguidos dos litotopônimos com apenas 10.8% do total. Não foi possível classificar apenas dois nomes: água Maripu e córrego Itacoarida.

Considerando o total dos topônimos (acidentes humanos + acidentes físicos), verificamos que em Cambira predominam os fitotopônimos (27%), seguidos dos litotopônimos com (10%) do total.

3.1.5 Jandaia do Sul

Mapa 06 – Município de Jandaia do Sul

Fonte: IPARDES, 2010

Motivação: O periquito jandaia, ave muito estimada pelos silvícolas, deu origem ao nome da cidade. O acréscimo do termo “Sul” veio em razão de já existir, no Estado de Goiás, município com o nome de Jandaia. (ATEPAR, 1999)

Data de Instalação: 14.12.1952

Nome (s) anterior (es):

Área (Km²): 187,811

Mapa Municipal Estatístico / 2007 – Escala= 1:50.000 (IBGE)

População: 20.269 (IBGE 2010)

Gentílico: jandaiense-do-sul ou jandaiense

O levantamento e classificação dos topônimos referentes a acidentes físicos e acidentes humanos do município de Jandaia do Sul permitiram elaborar o Quadro 6.

Quadro 6 – Relação dos topônimos de Jandaia do Sul e sua classificação.

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Jandaia do Sul	AH	Tupi: <i>nhand-ai</i> , ave da família dos psitacídeos, designada papagaio andejo ou periquito-rei. (ATEPAR, 1999)	LT + LP	Zootopônimo	Composto híbrido
Distrito	São José	AH		LP	Hagiotopônimo	Composto
Povoado	Água do Bagre	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Barro Preto	AH		LP + LP	Litotopônimo	Composto
	Cambará	AH	Tupi: o mesmo que <i>Câmara</i> , arbusto conhecido. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Cimerezinho	AH			N/C	
	Dourados	AH	Relativo ao peixe amarelo, o dourado.	LP	Zootopônimo	Simples
	Maracanã	AH	Tupi; semelhante ao maracá; o que imita, no som, o maracá ou chocalho. É o nome de uma espécie de papagaio. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Pouso Alto	AH		LP + LP	Ecotopônimo	Composto
	Quilômetro Três	AH		LP + LP	Cardinotopônimo	Composto
	Quilômetro Vinte	AH		LP + LP	Cardinotopônimo	Composto
	Santo Antônio do Humaitá	AH		LP + LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido
	São Pedro do Guaporé	AH		LP + LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido
	Serrinha	AH		LP	Geomorfotopônimo	Simples
Água	Araguari	AF	Tupi: a água ou rio da baixada dos papagaios. (SAMPAIO, 1928)	LT	Hidrotopônimo	Simples

	Bagre ²⁵	AF		LP	Zootopônimo	Simple
Córrego	Andaraí	AF	Tupi: o rio dos morcegos. (SAMPAIO, 1928)	LT	Hidrotopônimo	Simple
	Araruna	AF	Tupi: o mesmo que <i>araraúna</i> , designa os grandes papagaios. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simple
	Assori	AF			N/C	
	Astúrias ²⁶	AF		LE	Corotopônimo	Simple
	Buriti	AF	Tupi: árvore que emite líquido; a palmeira. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Camutanga	AF	Tupi: a cabeça vermelha, a crista. (SAMPAIO, 1928)	LT	Somatotopônimo	Simple
	Orquídeas, das	AF		LP	Fitotopônimo	Simple
	Coqueiro, do	AF		LP	Fitotopônimo	Simple
	Guaporé	AF	Tupi: rio dos banhados marginais, esta é a característica deste grande afluente do <i>Mamoré</i> . (SAMPAIO, 1928)	LT	Hidrotopônimo	Simple
	Ibiapaba	AF	Tupi: a estância da terra alta, ou da chapada. (SAMPAIO, 1928)	LT	Morfotopônimo	Simple
	Iracema	AF	Tupi: <i>ira-acema</i> , a saída do mel. Como nome de mulher é sinônimo <i>melflua</i> , doce. (SAMPAIO, 1928)	LT	Antropotopônimo	Simple
	Itaguaçu	AF	Tupi: pedra grande	LT	Litotopônimo	Simple
	Jandaia	AF	Tupi: <i>nhand-ai</i> , ave da família dos psitacídeos, designada papagaio andejo ou periquito-rei. (ATEPAR 1999)	LT	Zootopônimo	Simple
	Jequitibá	AF	A palavra "jequitibá" é originária do termo <u>tupi</u> para a árvore, <i>yekiti'ba</i> (FERREIRA, 1999)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Laguna	AF			Hidrotopônimo	
	Mano	AF		LP	Etnotopônimo	Simple
	Pouso	AF		LP	Sociotopônimo	Simple
	Pouso Alto	AF		LP	Sociotopônimo	Composto
	Tabaúna	AF	T. casa+preta	LT	Sociotopônimo	Simple
	Tuiuti	AF	Tupi: brejo branco (IBGE)	LT	Geomorfotopônimo	Simple
Ribeirão	Camará	AF	Tupi: o mesmo que <i>camará</i> , arbusto conhecido. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple

²⁵ Conforme Aulete (DIGITAL, 2012), é uma designação comum a diversos peixes das fam. dos ariídeos e pimelodídeos, sem escamas, dotados de longos barbilhões ao redor da boca, e que vivem no fundo de rios e mares; JUNDIÁ; NHANDIÁ.

²⁶ De acordo com Aulete (DIGITAL, 2012) é um indivíduo nascido ou que vive nas Astúrias (Espanha).

	Humaitá	AF	Tupi: o papagaio pequeno, também conhecido por maitaca. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Marumbizinho	AF	Tupi: <i>mrumby</i> , cilada, emboscada. (ATEPAR 1999)	LT	Corotopônimo	Simples
	Rochedo	AF		LP	Litotopônimo	Simples
	Keller	AF		L ING	Antropotopônimo	Simples
Total de topônimos de Jandaia do Sul = 41 (AH = 14 AF = 27)						

No município de Jandaia do Sul, os 41 topônimos permitiram elaborar a Tabela 5 com a classificação e frequência dos nomes referentes a acidentes físicos e acidentes humanos.

Tabela 5 – Tabela dos topônimos de Jandaia do Sul e sua frequência taxionômica. .

Taxionomia	AH	Nº	Porcentagem	AF	Nº	Porcentagem
zootopônimos		3	21.5%		4	14.8%
hagiotopônimos		3	21.5%		-	-
cardinotopônimos		2	14.4%		-	-
fitotopônimos		1	7.1		5	18.6%
ecotopônimos		1	7.1		-	-
litotopônimos		1	7.1		2	7.4%
geomorfotopônimos		1	7.1		1	3.7%
hidrotopônimos		1	7.1		4	14.8%
sociotopônimos		-	-		3	11.1%
corotopônimos		-	-		2	7.4%
antropotopônimos		-	-		2	7.4%
somatotopônimos		-	-		1	3.7%
etnotopônimos		-	-		1	3.7%
morfotopônimos					1	3.7%
Não classificados		1	7.1		1	3.7%
Total		14	100%		27	100%

Somando-se os acidentes humanos e acidentes físicos, verificamos que, em Jandaia do Sul, predominam os zootopônimos (17%), seguidos dos fitotopônimos com (14.6%) do total. Não foi classificado Córrego Assori e Povoado Cimerezinho.

3.1.6 Marilândia do Sul

Mapa 07 – Município de Marilândia do Sul

Fonte: IPARDES, 2010

Motivação: Homenagem dos colonizadores a Nossa Senhora. (ATEPAR, 1999)

Data de Instalação: 14.12.1952

Nome (s) anterior (es):

Área (Km²): 384.425

Mapa Municipal Estatístico / 2007 – Escala= 1:50.000 (IBGE)

População: 8.863 (IBGE 2010)

Gentílico: marilandense

O levantamento dos dados indicou 50 topônimos em Marilândia do Sul, distribuídos e classificados no Quadro 7:

Quadro 7 – Relação dos topônimos de Marilândia do Sul e sua classificação.

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Marilândia do Sul	AH	Hebraico <i>myrian</i> . (OROZCO, 1997)	LP	Hierotopônimo	Simple
Bairro	Pintos, dos	AH		LP	Antropotopônimo	Simple
Colônia	Novo Oriente	AH		LP + LP	Cronotopônimo	Composto
Distrito	Nova Amoreira	AH		LP + LP	Cronotopônimo	Composto
Patrimônio	Leão do Norte	AH		LP + LP	Zootopônimo	Composto
	São José	AH		LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
Povoado	Água Amarela	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água do Sutil	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Alves	AH		LP	Antropotopônimo	Simple
	Andorinhas	AH		LP	Zootopônimo	Simple
	Carqueja ²⁷	AH		LP	Fitotopônimo	Simple
	Eldorado ²⁸	AH	Do espanhol. <i>el</i>	LE	Animotopônimo	Simple

²⁷ De acordo com Aulete (DIGITAL, 2012) é um nome comum a várias plantas do gên. Baccharis, da fam. das compostas, com uso medicinal; AMARGOSA.

			<i>dorado</i> (AULETE, 2012)		eufórico	
	Engenho Velho	AH		LP + LP	Sociotopônimo	Composto
	Faleiros	AH		LP	Antropotopônimo	Simple
	Franco	AH	Do francês <i>franc.</i> (AULETE, 2012)	LF	Antropotopônimo	Simple
	Piá-Mirim	AH		LT	Etnotopônimo	Composto
	Pinhalzinho	AH		LP	Fitotopônimo	Simple
	Placa da Areia	AH		LP + LP	Ergotopônimo	Composto
	Santa Lúcia	AH		LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
	Sapo Seco	AH		LP + LP	Zootopônimo	Composto
	Setecentos Alqueires	AH		LP + LP	Numerotopônimo	Composto
Água	Alfavaca Doce ²⁹	AF	Do árabe <i>al-habâqa</i> (AULETE, 2012)	LP	Fitotopônimo	Composto híbrido
	Amarela	AF		LP	Cromotopônimo	Simple
	Bomba, da	AF		LP	Ergotopônimo	Simple
	Fortunato, do	AF		LP	Antropotopônimo	Simple
	Lajeado, do	AF		LP	Litotopônimo	Simple
	Picadeiro, do	AF		LP	Sociotopônimo	Simple
	Pouso Bom, do	AF		LP + LP	Sociotopônimo	Composto
	Robertão, do	AF		LP	Antropotopônimo	Simple
	Caetanos, dos	AF		LP	Antropotopônimo	Simple
	Engenho Velho	AF		LP + LP	Sociotopônimo	Composto
Córrego	Carqueja	AF		LP	Fitotopônimo	Simple
	Macaco, do	AF		LP	Zootopônimo	Simple
	Dois Irmãos	AF		LP + LP	Numerotopônimo	Composto
	Eldorado	AF	Do espanhol. <i>el dorado</i> (AULETE, 2012)	LE	Animotopônimo eufórico	Simple
	Pinhalzinho	AF		LP	Fitotopônimo	Simple
	Três Bocas	AF		LP + LP	Numerotopônimo	Composto
Ribeirão	Alcântara	AF		LP	Antropotopônimo	Simple
	Barra Nova ³⁰	AF		LP	Hidrotopônimo	Composto
	Bonito	AF		LP	Animotopônimo eufórico	Simple
	Clementino	AF		LP	Antropotopônimo	Simple
	Meio, do	AF		LP	Cardinotopônimo	Simple
	Tigre, do	AF		LP	Zootopônimo	Simple
Rio	Apucarantina	AF	Tupi: corr. após-carã, após fazer, actuar, obrar; carã em círculo, ao redor; ir em roda. (SAMPAIO, 1928)	LT	Geomorfotopônimo	Simple
	Bom	AF		LP	Animotopônimo eufórico	Simple
	Antas, das	AF	Tupi: forte, duro rijo. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simple

²⁸ Para Aulete (DIGITAL, 2012) é um local fictício, de riquezas abundantes, que alguns exploradores acreditavam existir na América do Sul.

²⁹ De acordo com Aulete (DIGITAL) é um nome comum a várias ervas do gênero *Ocimum*, esp. *Ocimum gratissimum*, originária da Índia, us. em temperos e saladas; MANJERICÃO.

³⁰ Para Aulete (DIGITAL), Banco ou coroa de areia e outros sedimentos que os rios trazem e depositam no local em que desembocam.

	Pedras, das	AF		LP	Litotopônimo	Simple
	Piá-Mirim	AF		LT	Etnotopônimo	Composto
	Santa Cruz	AF		LP + LP	Hierotopônimo	Composto
	Taquara	AF	Tupi: a haste furada, ou oca. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple
Total de topônimos de Marilândia do Sul = 50 (AH = 21; AF = 29)						

Com os dados do Quadro 7, elaboramos a Tabela 6 com a classificação e frequência dos topônimos de Marilândia do Sul.

Tabela 6 – Tabela dos topônimos de Marilândia do Sul e sua frequência taxionômica.

Taxionomia	AH	Nº	Porcentagem	AF	Nº	Porcentagem
antropotopônimos		4	19.0%		5	17,2%
zootopônimos		3	14.2%		3	10.4%
hagiotopônimos		2	9.5%		-	-
cromotopônimos		2	9.5%		1	3.5%
fitotopônimos		2	9.5%		4	13.8%
hidrotopônimos		2	9.5%		1	3.5%
animotopônimos eufóricos		1	4.8%		3	10.4%
sociotopônimos		1	4.8%		3	10.4%
etnotopônimos		1	4.8%		1	3.4%
ergotopônimos		1	4.8%		1	3.4%
numerotopônimos		1	4.8%		2	6.9%
litotopônimos		-	-		2	6.9%
cardinotopônimos		-	-		1	3.4%
geomorfotopônimos		-	-		1	3.4%
hierotopônimos		1	4.8%		1	3.4%
Total		21	100%		29	100%

Computados juntamente os nomes de lugares referentes a acidentes humanos e acidentes físicos do município de Marilândia do Sul, verificamos a predominância dos antropotopônimos com 18% do total e os zootopônimos e fitotopônimos com 12% cada.

3.1.7 Mauá da Serra

Mapa 08 – Município de Mauá da Serra

Fonte: IPARDES, 2010

Motivação: Homenagem a Irineu Evangelista de Souza – Visconde e Barão de Mauá (ATEPAR, 1999)

Data de Instalação: 01.01.1993

Nome (s) anterior (es): Lagoa Bonita e Munhoz da Rocha

Área (Km²): 108,325

Mapa Municipal Estatístico / 2007 – Escala= 1:50.000 (IBGE)

População: 8.555 (IBGE 2010)

Gentílico: mauaense da serra

No município de Mauá da Serra, identificamos apenas 13 topônimos que foram classificados e analisados segundo o Quadro 8.

Quadro 8 – Relação dos topônimos de Mauá da Serra e sua classificação.

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Mauá da Serra	AH		LT + LP	Antropotopônimo	Composto híbrido
Povoado	Cadeado	AH		LP	Ergotopônimo	Simplex
	Rio Preto	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
Água	Couro, do	AF		LP	Somatotopônimo	Simplex
	Caetanos, dos	AF		LP	Antropotopônimo	Simplex
Córrego	Queimado ³¹	AF		LP	Sociotopônimo	Simplex
Ribeirão	Meio, do	AF		LP	Cardinotopônimo	Simplex
Rio	Apucarantina	AF	Tupi: corr. apó-carã, apó fazer, actuar, obrar; carã em círculo, ao	LT	Geomorfotopônimo	Simplex

³¹ Variante de Queimada. Magalhães (1976, p. 394) registra como “queimada” a definição de “desbravamento pelo fogo, de terreno coberto de mato ou floresta, ou incêndio casual em mata. Depois da queimada tem início a preparação do terreno para plantio”.

			redor; ir em roda. (SAMPAIO, 1928)			
	Antas, das	AF	Tupi: forte, duro rijo. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simple
	Meio, do	AF		LP	Cardinotopônimo	Simple
	Preto	AF		LP	Cromotopônimo	Simple
	Valêncio	AF		LP	Antropotopônimo	Simple
Serra	Cadeado, do	AF		LP	Ergotopônimo	Simple
Total de topônimos de Mauá da Serra = 13 (AH = 03; AF = 10)						

Os dados do Quadro 8 possibilitaram a elaboração da Tabela 7 que traz classificação e frequência dos topônimos de Mauá da Serra.

Tabela 7 – Tabela dos topônimos de Mauá da Serra e sua frequência taxionômica.

Taxionomia	AH	Nº	Porcentagem	AF	Nº	Porcentagem
antropotopônimos		1	33.4%		2	20%
hidrotopônimos		1	33.3%		-	-
ergotopônimos		1	33.3%		1	10%
cardinotopônimos		-	-		2	20%
geomorfotopônimos		-	-		1	10%
somatotopônimos		-	-		1	10%
sociotopônimos					1	10%
zootopônimos		-	-		1	10%
cromotopônimos		-	-		1	10%
Total		03	100%		10	100%

A análise conjunta dos dados (acidentes humanos + acidentes físicos) de Mauá da Serra, embora em número reduzido, demonstra a predominância dos antropotopônimos (23%), os cardinotopônimos e os ergotopônimos com 15.4% cada.

3.1.8 Novo Itacolomi

Mapa 09 – Município de Novo Itacolomi



Fonte: IPARDES, 2010

Motivação: Geográfica, em referência ao Ribeirão Itacolomi, que banha o município. (ATEPAR, 1999)

Data de Instalação: 01.01.1993

Nome (s) anterior (es): o mesmo

Área (Km²): 161,411

Mapa Municipal Estatístico / 2007 – Escala= 1:50.000 (IBGE)

População: 2.827 (IBGE 2010)

Gentílico: itacolomiense

No município de Novo Itacolomi, identificamos 36 topônimos que foram classificados e analisados segundo o Quadro 9.

Quadro 9 – Relação dos topônimos de Novo Itacolomi e sua classificação.

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Novo Itacolomi ³²	AH		LP + LT	Cronotopônimo	Composto híbrido
Povoado	Beira Rio	AH		LP + LP	Cardinotopônimo	Composto
	Mangolim	AH		LP	Antropotopônimo	Simple
	Marrecas	AH		LP	Zootopônimo	Simple
	Santa Rita	AH		LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
	Serrinha	AH		LP	Geomorfotopônimo	Simple
	Trezentos Alqueires	AH		LP + LP	Numerotopônimo	Composto
Água	Buguatá	AF	Var. de biguatá, do Tupi mi'üa ave pelicaniforme, biguá+ta (grand) (CUNHA, 1999)	LT	Zootopônimo	Simple
	Manga, da	AF		LP	Fitotopônimo	Simple
	Marrecas, das	AF		LP	Zootopônimo	Simple
	Italiano, do	AF		LP	Etnotopônimo	Simple
	Sabino ³³ , do	AF		LP	Antropotopônimo	Simple
	Caetanos, dos	AF		LP	Antropotopônimo	Simple
	Militar	AF		LP	Sociotopônimo	Simple
	Ouro Verde ³⁴	AF		LP + LP	Fitotopônimo	Composto
	Piracanjuba	AF	Tupi: o peixe de cabeça amarela ou dourada. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simple
	Córrego	Cachimbo	AF		LP	Ergotopônimo
Caeté		AF	Tupi: a mata real, constituída de árvores grandes, a mata virgem.	LT	Fitotopônimo	Simple

³² De acordo com Tibiriçá (1985, p. 64), esse termo é de origem Tupi e significa menino de pedra, ou pedra-menino.

³³ Para Aulete (DIGITAL, 2012), faz referência aos ou próprio dos sabinos, antigo povo da Itália central.

³⁴ Aulete (DIGITAL, 2012) define como o café, como riqueza agrícola.

			(SAMPAIO, 1928)			
	Cambuí	AF	Tupi: a planta ou folha que se desprende. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Azul	AF		LP	Cromotopônimo	Simple
	Brasa, da	AF		LP	Somatotopônimo	Simple
	Paciência, da	AF		LP	Animotopônimo eufórico	Simple
	Alemão, do	AF		LP	Etnotopônimo	Simple
	Salgado, do	AF		LP	Somatotopônimo	Simple
	Veado, do	AF		LP	Zootopônimo	Simple
	Fontoura	AF		LP	Antropotopônimo	Simple
	Jurucê	AF	Tupi: a boca doce; nome de mulher. (SAMPAIO, 1928)	LT	Antropotopônimo	Simple
	Kolinos	AF			Ergotopônimo	Simple
	Minerva	AF		LG	Mitotopônimo	Simple
	Platina	AF	Do espanhol <i>platina</i> . (AULETE, 2012)	LE	Litotopônimo	Simple
	Vegetal	AF		LP	Fitotopônimo	Simple
Ribeirão	Guaraci	AF	Tupi: a mãe dos viventes; o criador da gente; o sol. (SAMPAIO, 1928)	LP	Astrotopônimo/Antropotopônimo	Simple
	Marumbi	AF	Tupi: do guarani arcaico <i>mbaérombi</i> , coisa suprema, a coisa mais alta. (TIBIRIÇA, 1985). “Morumbi é um termo de origem tupi. Para alguns significa colina verde, para outros mosca verde. http://pt.wikipedia.org/wiki/Morumbi	LT	Zootopônimo	Simple
Rio	Bom	AF		LP	Animotopônimo eufórico	Simple
	Cambira	AF	Tupi: <i>Cambyra</i> , galho pungente, espinhento. (FERREIRA, 1999)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Itacolomi	AF	Tupi <i>Ita</i> ...pedra + <i>corumin</i> ...menino: Menino de Pedra. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Litotopônimo	Simple
Total de topônimos de Novo Itacolomi = 36 (AH = 07 AF = 29)						

Construímos a Tabela 8 que traz a classificação e frequência dos topônimos de Novo Itacolomi a partir dos dados do Quadro 9.

Tabela 8 – Tabela dos topônimos de Novo Itacolomi e sua frequência taxionômica.

Taxionomia	AH	Nº	Porcentagem	AF	Nº	Porcentagem
antropotopônimos		1	14.2%		5	17.2%
zootopônimos		1	14.3%		5	17.2%
cardinotopônimos		1	14.3%		-	
cromotopônimos		1	14.3%		1	3.5%
geomorfotopônimos		1	14.3%		-	
ergotopônimos		1	14.3%		2	6.9%
numerotopônimos		1	14.3%		-	
fitotopônimos					6	20.7%
somatotopônimos					2	6.8%
etnotopônimos					2	6.9%
animotopônimos eufóricos					2	6.9%
litotopônimos					2	6.9%
sociotopônimos					1	3.5%
mitotopônimos					1	3.5%
Total		7	100%		29	100%

A análise conjunta dos dados (acidentes humanos + acidentes físicos) de Novo Itacolomi mostra os fitotopônimos, os antropotopônimos e os zootopônimos como os mais frequentes cada em relação aos demais com 16.7% cada.

Um dado importante relacionado ao município de Novo Itacolomi é a presença do topônimo Ouro Verde, que remete à cultura do café, indicando a importância desse produto a ponto de tê-lo como referência no momento da nomeação de um acidente.

3.1.9 Sabáudia

Mapa 10 – Município de Sabáudia

Fonte: IPARDES, 2010

Motivação: Homenagem à cidade italiana de mesmo nome criada pelo governo fascista em honra à casa de Sabóia. (o nome Sabóia no latim medieval era Sabáudia) (ATEPAR 1999)

Data de Instalação: 26.11.1955

Nome (s) anterior (es): Nova Itália

Área (Km²): 190,325

Mapa Municipal Estatístico / 2007 – Escala= 1:50.000 (IBGE)

População: 6.096 (IBGE, 2010)

Gentílico: sabaudiense

O município de Sabáudia traz 36 topônimos classificados e analisados segundo o Quadro 10.

Quadro 10 – Relação dos topônimos de Sabáudia e sua classificação.

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Sabáudia	AH		LNI	Corotopônimo	Simple
Bairro	Irmandade	AH		LP	Sóciotopônimo	Simple
	Paranaguá	AH	Tupi: o seio de mar; o espreado nos grandes rios; a bahia fluvial. (SAMPAIO, 1928)	LT	Corotopônimo	Simple
	Pau d'Alho	AH		LP + LP	Fitotopônimo	Composto
	Suçuí	AH			N/C	
Gleba	Orlen	AH		LNI	Antropotopônimo	Simple
Povoado	Água Jangada	AH		LP + LS	Hidrotopônimo	Composto híbrido
	Bom Progresso	AH		LP + LP	Animotopônimo eufórico	Composto
	Quilômetro Vinte e um	AH		LP + LP + LP	Cardinotopônimo	Composto
	Retiro Fundão	AH		LP + LP	Sociotopônimo	Composto
Vila	Coelho	AH		LP	Zootopônimo	Simple
	Vitória	AH		LP	Animotopônimo eufórico	Simple
Água	Ariranha	AF	Tupi: de <i>arerãia</i> , espécie de lontra. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Zootopônimo	Simple
	Castanha	AF		LP	Fitotopônimo	Simple
	Gralha, da	AF		LP	Zootopônimo	Simple
	Imburana, da	AF	Tupi: o imbu falso; semelhante ao imbu. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Paca, da	AF	Tupi: despertar, acordar, estar vigilante; paca é, pois, a desperta, a acordada, a que está sempre atenta. É o animal roedor. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simple
	Mamão, do	AF		LP	Fitotopônimo	Simple
	Pequi, do	AF	Tupi: mesmo que <i>piqui</i> ; a casca áspera, espinhenta.	LT	Fitotopônimo	Simple

			(SAMPAIO, 1928)			
	Vigo ³⁵ , do	AF		LP	Antropotônimo	Simples
	Irara	AF	Tupi: tira mel. Designa também uma espécie de formiga de asas brancas, à semelhança do cupim. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Itaqui	AF	Tupi: a pedra aguçada; a pedra de amolar. (SAMPAIO, 1928)	LT	Litotopônimo	Simples
	Itu	AF	Tupi: a queda d'água; o salto, a cachoeira. (SAMPAIO, 1928)	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Jaborandi	AF	Tupi: aquele que faz salivar. É a planta medicinal. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Jaguará	AF	Tupi: tirado da onça, a ficção de onça. É o nome de um folguedo, que se fazia, entre os catechumenos, com o disfarce de onça, envolta em palhas ou folhas secas. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Jangada ³⁶	AF		LS	Ergotopônimo	Simples
	Mijoleira	AF	O mesmo que <i>mijolo</i> e também <i>monjolo</i> . (AULETE, 2012)	LQ	Ergotopônimo	Simples
	Piaçaba	AF	Tupi: É o nome da fibra da palmeira. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Piquerubi	AF	Tupi: o peixinho verde ou azulado. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Riachuelo	AF	Pequeno riacho	LP	Hidrotopônimo	
	Suçuí	AF			N/C	
	Tamanduá	AF	Tupi: o caçador de formigas. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Trapoeraba	AF	Tupi: É o nome da planta da família das Comelianas. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
Ribeirão	Pitangueiras, das	AF	Tupi: vermelho, corado; fino, delicado, macio. É o nome da fruta ácida de pele delicada e corada. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Lajeado	AF		LP	Litotopônimo	Simples
	Pau d'Alho	AF		LP + LP	Fitotopônimo	Composto

³⁵ A lexia “Vigo” refere-se conforme Aulete (DIGITAL, 2012), a um município de Espanha, da província de Pontevedra, Galiz.

³⁶ Para Aulete (DIGITAL, 2012), designa uma plataforma flutuante feita com tábuas, troncos de árvores, etc., destinada ao transporte de carga sobre a água; CARANGUEJOLA.

	Pirapó	AF	Tupi: contr. pira-pora; pira-pora local do rio encachoeirado onde o peixe pula. (SAMPAIO, 1928)	LT	Hidrotopônimo	Simplex
Total de topônimos de Sabáudia = 37 (AH = 12 AF = 25)						

A Tabela 9, elaborada com os dados do Quadro 10, traz a classificação e frequência dos topônimos de Sabáudia.

Tabela 9 – Tabela dos topônimos de Sabáudia e sua frequência taxionômica.

Taxionomia	AH	Nº	Porcentagem	AF	Nº	Porcentagem
sociotopônimos		2	16.7%		-	-
corotopônimos		2	16.7%		-	-
animotopônimos eufóricos		2	16.7%		-	-
fitotopônimos		1	8.4%		9	36%
antropotopônimos		1	8.3%		1	4%
hidrotopônimos		1	8.3%		3	12%
zootopônimos		1	8.3%		7	28%
cardinotopônimos		1	8.3%		-	-
litotopônimos		-	-		2	8%
ergotopônimos		-	-		2	8%
Não classificado		1	8.3%		1	4%
Total		12	100%		25	100%

A análise conjunta dos dados (acidentes humanos + acidentes físicos) de Sabáudia mostra a frequência mais alta dos fitotopônimos com 27% e dos zootopônimos com 22.4% indicando a importância dos elementos da natureza na denominação do espaço ocupado pelo homem.

Na dúvida não foram classificados o Bairro e a água do Suçuí. Aventamos a hipótese de vir de *suçu*, do Tupi *siuasua* onça + *i* água, ou seja rio da onça, água da onça.

3.2 MICRORREGIÃO DE LONDRINA

A microrregião de Londrina é constituída de seis municípios: Cambé, Ibiporã, Londrina, Pitangueiras, Rolândia e Tamarana.

Mapa 11 – Microrregião Geográfica de Londrina.



Fonte: IPARDES

3.2.1 Cambé

Mapa 12 – Município de Cambé



Fonte: IPARDES, 2010

Motivação: Inicialmente denominada Nova Dantzig, na década de 40, com o advento da 2ª Guerra Mundial, o governo do Estado obrigou as cidades e as colônias de nomes relacionados com os países inimigos a trocarem a denominação. Nova Dantzig passou a se chamar Cambé, nome de um rio que corta o município e que na língua Caingang significa “muita caça”. (ATEPAR, 1999)

Data de Instalação: 28.10.1947

Nome (s) anterior (es): Nova Dantzig

Mapa Municipal Estatístico / 2007 – Escala= 1:50.000 (IBGE)

Área (Km²): 494,685

População: 96.733 (IBGE, 2010)

Gentílico: cambense

O município de Cambé compõe-se de 62 topônimos classificados e analisados segundo o Quadro 11.

Quadro 11 – Relação dos topônimos de Cambé e sua classificação.

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Cambé ³⁷	AH	Caingangue: muita caça. (ATEPAR, 1999)	LC	Zootopônimo	Simples
Distrito	Prata	AH		LP	Litotopônimo	Simples
Povoado	Água Bom Sucesso	AH		LP + LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água de São Domingos	AH		LP + LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água do Cateto	AH		LP + LG	Hidrotopônimo	Composto híbrido
	Água do Javali	AH		LP + LA	Hidrotopônimo	Composto híbrido
	Água do Tigre	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Bratislava ³⁸	AH		LEV	Corotopônimo	Simples
	Cachoeirinha	AH		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Jurema	AH	Tupi: corr. <i>yu-r-ema</i> , o espinheiro succulento; árvore espinhenta do sertão. (SAMPAIO, 1928)	LT	Antropotopônimo	Simples
	Lorena	AH		LP	Antropotopônimo	Simples
	Maracaju	AH	Tupi: o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico. (SAMPAIO, 1928)	LT	Ergotopônimo	Simples
	Quilômetro Nove	AH		LP + LP	Cardinotopônimo	Composto
	Saltinho	AH		LP	Hidrotopônimo	Simples
Água	Bom Sucesso	AF		LP + LP	Animotopônimo eufórico	Composto
	Bonita	AF		LP	Animotopônimo eufórico	Simples
	Bartira, da	AF		LT	Antropotopônimo	
	Cascatinha, da	AF		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Cita, da	AF		LP	Antropotopônimo	Simples
	Coloninha, da	AF		LP	Ecotopônimo	Simples
	Ipoméia ³⁹ , da	AF		LNI	Fitotopônimo	Simples
	Jurema, da	AF	Tupi: corr. <i>yu-r-ema</i> , o espinheiro succulento; árvore espinhenta do sertão. (SAMPAIO, 1928)	LT	Antropotopônimo	Simples

³⁷ A enciclopédia dos Municípios do IBGE traduz a denominação para *Passo do Veado*, de origem Tupi, porque, segundo consta, "...aquela região era abundante em caça, daí derivando o nome de Cambé.

³⁸ Capital da Eslováquia.

³⁹ De acordo com Aulete (DIGITAL), é uma planta trepadeira convolvulácea das regiões quentes, que dá flores brancas raiadas de azul, e que se cultiva nos Jardins

	Lorena, da	AF		LP	Antropotopônimo	Simples
	Ponte Funda, da	AF		LP + LP	Hodotopônimo	Composto
	Prata, da	AF		LP	Litotopônimo	Simples
	Saúde, da	AF		LP	Animotopônimo eufórico	Simples
	Bosque, do	AF		LP	Fitotopônimo	Simples
	Bugio, do	AF		LP	Zootopônimo	Simples
	Caçador, do	AF		LP	Sociotopônimo	Simples
	Cateto, do	AF	Do gr. <i>Káthetos</i> . (AULETE, 2012)	LG	Zootopônimo	Simples
	Guará, do	AF	Tupi: a ave aquática. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Ibicatu, do	AF	Tupi: <i>ybi</i> + <i>catu</i> , mesmo que muitas pedras. (SAMPAIO, 1928)	LT	Litotopônimo	Simples
	Jaborandi, do	AF	Tupi: aquele que faz salivar. É a planta medicinal. (SAMPIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Jabuti, do	AF	Tupi: o kagado, que os índios tinham como insensível à sede. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Javali, do	AF	Do árabe. <i>Gabalî</i> (AULETE, 1928)	LA	Zootopônimo	Simples
	Louvador, do	AF		LP	Animotopônimo	Simples
	Maracaju, do	AF	Tupi: o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico. (SAMPAIO, 1928)	LT	Ergotopônimo	Simples
	Mimoso, do	AF		LP	Animotopônimo eufórico	Simples
	Mutum, do	AF	Tupi: <i>mytu</i> , certa ave galinácea. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Zootopônimo	Simples
	Saltinho, do	AF		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Sapo, do	AF		LP	Zootopônimo	Simples
	Tigre, do	AF		LP	Zootopônimo	Simples
	Urubu, do	AF	Tupi: a galinha preta, a ave negra. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Veadinho, do	AF		LP	Zootopônimo	Simples
	Porcos, dos	AF		LP	Zootopônimo	Simples
	Flor	AF		LP	Fitotopônimo	Simples
	Mato Grosso	AF		LP + LP	Fitotopônimo	Composto
Córrego	da Glória	AF		LP	Hierotopônimo	Simples
	da Verdade	AF		LP	Animotopônimo eufórico	Simples
	Fundo	AF		LP	Dimensiotopônimo	Simples
	Mattau	AF		LNI	Antropotopônimo	Simples
	Pedroso	AF		LP	Antropotopônimo	Simples
	Unda	AF			N/C	
Ribeirão	Barra Grande	AF		LP + LP	Hidrotopônimo	Simples
	Cafezal, do	AF	Do árabe <i>qahwa</i> . (AULETE, 2012)	LA	Fitotopônimo	Simples
	Esperança	AF		LP	Animotopônimo eufórico	Simples
	Grande	AF		LP	Dimensiotopônimo	Simples

	São Domingos	AF		LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
	Três Bocas	AF		LP + LP	Numerotopônimo	Composto
	Vermelho	AF		LP	Cromotopônimo	Simple
	Jacutinga	AF	Tupi: corr. <i>yacú-tinga</i> , o jacu branco. (Penelope leucoptera). Nome de uma rocha friável, argilosa, servindo de jazida ao ouro. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simple
Total de topônimos de Cambé = 62 (AH = 14; AF = 48)						

Para a elaboração da Tabela 10, que traz a classificação e frequência dos topônimos de Cambé, recorremos aos dados do Quadro 11.

Tabela 10 – Tabela dos topônimos de Cambé e sua frequência taxionômica.

Taxionomia	AH	Nº	Porcentagem	AF	Nº	Porcentagem
hidrotopônimos		7	50%		3	6.3%
zootopônimos		1	7.2%		12	25%
litotopônimos		1	7.2%		3	6.3%
corotopônimos		1	7.1%		-	-
ergotopônimos		1	7.1%		-	-
antropotopônimos		2	14.2%		6	12.4%
cardinotopônimos		1	7.1%		-	-
fitotopônimos		-	7.1%		7	14.6%
animotopônimos eufóricos		-	-		7	14.6%
dimensiotopônimos		-	-		2	4.1%
ecotopônimos		-	-		1	2.1%
hodotopônimos		-	-		1	2.1%
sociotopônimos		-	-		1	2.1%
hagiotopônimos		-	-		1	2.1%
numerotopônimos		-	-		1	2.1%
hierotopônimos		-	-		1	2.1%
cromotopônimos		-	-		1	2.1%
Não classificado		-	-		1	2.1%
Total		14	100%		48	100%

No município de Cambé, somando os acidentes humanos e os acidentes físicos, verifica-se a predominância dos zootopônimos (21%), seguidos por hidrotopônimos (16%) e os antropotopônimos com 13%. Não foi classificado o córrego Unda.

Nesse mesmo município, verifica-se a presença de um topônimo relacionado ao *ciclo do café*, trata-se do ribeirão do Cafezal, outra amostra, embora isolada, da presença e importância desse produto na região.

3.2.2 Ibiporã

Mapa 13 – Município de Ibiporã

Fonte: IPARDES, 2010

Motivação: Trata-se do ribeirão do mesmo nome, que passa nas proximidades da sede municipal (ATEPAR 1999)

Data de Instalação: 08.11.1947

Nome (s) anterior (es): o mesmo

Área (Km²): 297,743

Mapa Municipal Estatístico / 2007 – Escala= 1:50.000 (IBGE)

População: 48.148 (IBGE 2010)

Gentílico: ibiporanense

Ibiporã apresenta 43 topônimos conforme classificamos e apresentamos no Quadro 12.

Quadro 12 – Relação dos topônimos de Ibiporã e sua classificação.

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Ibiporã	AH	Tupi: <i>ibi...</i> terra, região; <i>porã...</i> bonita, bela. (ATEPAR 1999)	LT	Animotopônimo eufórico	Simple
Bairro	Saltinho	AH		LP	Hidrotopônimo	Simple
Povoado	Água da Estiva	AH		LP + LI	Hidrotopônimo	Composto híbrido
	Água da Fartura	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água das Pedras	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água do Engenho do Pau	AH		LP + LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água do Ipê	AH		LP + LT	Hidrotopônimo	Composto híbrido
	Água do Jacutinga	AH		LP + LT	Hidrotopônimo	Composto híbrido
	Água do Passo Fundo	AH		LP + LP + LP	Hidrotopônimo	Composto

	Água do Sabãozinho	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Alto da Coruja	AH		LP + LP	Dimensiotopônimo	Composto
	Boa Esperança	AH		LP + LP	Animotopônimo eufórico	Composto
	Abóboras, das	AH		LP	Fitotopônimo	Simple
	Engenho de Ferro	AH		LP + LP	Sociotopônimo	Composto
Água	Bonita	AF		LP	Animotopônimo eufórico	Simple
	Córrego Fundo	AF		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Caputira, da	AF	Tupi: a flor do mato. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Concórdia	AF		LP	Animotopônimo eufórico	simple
	Coruja, da	AF		LP	Zootopônimo	Simple
	Estiva, da	AF	Do italiano <i>stiva</i> . Hom./Par.: estiva (fl. estivar). (AULETE, 2012)	LP	Sociotopônimo	Simple
	Forquilha, da	AF	Do espanhol <i>horquilla</i> (AULETE, 2012)	LP	Morfotopônimo	Simple
	Porteira, da	AF		LP	Ergotopônimo	Simple
	Taquara, da	AF	Tupi: a haste funda, oca. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Pedras, das	AF		LP	Litotopônimo	Simple
	Diamante	AF		LP	Litotopônimo	Simple
	Agrião, do	AF		LP	Fitotopônimo	Simple
	Amâncio, do	AF		LP	Antropotopônimo	Simple
	Engenho do Pau	AF		LP + LP	Sociotopônimo	Composto
	Guarani, do	AF	Tupi: o guerreiro, o lutador. (SAMPAIO, 1928)	LT	Etnotopônimo	Simple
	Passo Fundo, do	AF		LP + LP	Corotopônimo	Composto
	Pepino, do	AF		LP	Fitotopônimo	Simple
	Piauçu, do	AF	Tupi: <i>piau</i> ... nome de um peixe; <i>uçu</i> ... grande, grosso. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Zootopônimo	Simple
	Sabão, do	AF		LP	Ergotopônimo	Simple
	Sabãozinho, do	AF		LP	Ergotopônimo	Simple
	Tucano, do	AF	Tupi: o bico que sobrepuja, o bico exagerado. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simple
	Engenho de Ferro	AF		LP + LP	Sociotopônimo	Composto
	Marubé ⁴⁰	AF		LNI	Fitotopônimo	Simple
Córrego	do Barreirão	AF		LP	Litotopônimo	Simple
	Tupi	AF	Tupi: o pai supremo, o primitivo, o progenitor. (SAMPAIO, 1928)	LT	Etnotopônimo	Simple
Represa	Capivara, da	AF	Tupi: o comedor de capim; o herbívoro.	LT	Zootopônimo	Simple
Ribeirão	Abóboras, das	AF		LNI	Fitotopônimo	Simple

⁴⁰ Aulete (DIGITAL, 2012) define como o nome dado a uma espécie de feijão.

	Lindóia	AF	Segundo os estudiosos é corruptela do tupi Rindoya e significa: água insípida e quente ao paladar. http://www.portalaguasdelindoia.com.br/cidade.asp	LT	Corotopônimo	Simple
Rio	Jacutinga	AF	Tupi: corr. <i>yacú-tinga</i> , o jacu branco. (Penelope leucoptera). Nome de uma rocha friável, argilosa, servindo de jazida ao ouro. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simple
Total de topônimos de Ibiporã = 43 (AH = 14 ; AF = 29)						

A Tabela 11, que traz a classificação e frequência dos topônimos de Ibiporã, foi elaborada a partir dos dados do Quadro 12.

Tabela 11 – Tabela dos topônimos de Ibiporã e sua frequência taxionômica.

Taxionomia	AH	Nº	Porcentagem	AF	Nº	Porcentagem
hidrotopônimos		9	64.3%		1	3.5%
animotopônimos eufóricos		2	14.3%		2	6.9%
fitotopônimos		1	7.2%		6	20.7%
dimensiotopônimos		1	7.1%		-	-
sociotopônimos		1	7.1%		3	10.3%
zootopônimos		-	-		5	17.2%
litotopônimos		-	-		3	10.3%
corotopônimos		-	-		2	6.9%
ergotopônimos		-	-		3	10.3%
etnotopônimos		-	-		2	6.9%
antropotopônimos		-	-		1	3.5%
morfotopônimos		-	-		1	3.5%
Total		14	100%		29	100%

A representação total dos 43 topônimos do município de Ibiporã, constantes da tabela 11, considerando a somatória entre acidentes humanos e acidentes físicos, demonstra a predominância dos hidrotopônimos (23.3%), seguidos dos fitotopônimos (16.3%). Novamente a natureza atraindo a atenção do denominador no momento da nomeação dos lugares.

3.2.3 Londrina

Mapa 14 – Município de Londrina

Fonte: IPARDES, 2010

Motivação: Homenagem aos ingleses que participaram do nascimento do município; nome sugerido pelo Dr. João Sampaio, presidente da Companhia de Terras Norte do Paraná. (ATEPAR, 1999)

Data de Instalação: 10.12.1934

Nome (s) anterior (es):

Área (Km²): 1.653,263

Mapa Municipal Estatístico / 2007 – Escala= 1:50.000 (IBGE)

População: 506.701 (IBGE 2010)

Gentílico: londrinense

Londrina abriga 149 topônimos e é por isso mesmo, o município das microrregiões aqui estudadas que congrega o maior número de topônimos. A classificação deles está representada no Quadro 13.

Quadro 13 – Relação dos topônimos de Londrina e sua classificação.

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Londrina	AH		LP	Corotopônimo	Simple
Distrito	Guaravera	AH	Tupi: Guará, garça vermelha. (SAMPAIO, 1928)	LT + LP	Zootopônimo	Composto híbrido
	Irerê ⁴¹	AH	Do tupi <i>ire're</i> (AULETE, 2012)	LT	Zootopônimo	Simple
	Lerrovilhe	AH		LNI	Antropotopônimo	Simple
	Maravilha	AH		LP	Animotopônimo eufórico	Simple
	Paiquerê ⁴²	AH		LT	Mitotopônimo	Simple

⁴¹ Para Aulete (DIGITAL, 2012) é um tipo de marreca encontrada na África e América do Sul (*Dendrocygna viduata*), de asas negras e máscara branca.

	São Luiz	AH		LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
	Warta ⁴³	AH		LPOL	Corotopônimo	Simples
Bairro	Barra Funda	AH		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Jaboticabal	AH	Tupi: fruto em botão, ou abotoamento de frutos. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Piracema	AH	Tupi: a saída do peixe, o cardume por ocasião da desova. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
Colônia	Japonesa	AH		LP	Etnotopônimo	Simples
	Saúde	AH		LP	Animotopônimo eufórico	Simples
Povoado	Água Boa	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água da Marrequinha	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água da Saúde	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água do Monjolinho ⁴⁴	AH		LP + LQ	Hidrotopônimo	Composto híbrido
	Água do Sutil	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água do Tigre	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água dos Bentos	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água dos Pinheiros	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água Três Bocas	AH		LP + LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Aliança	AH	Do francês <i>alliance</i> . (AULETE, 2012)	LF	Ergotopônimo	Simples
	Alto Palmital	AH		LP + LP	Dimensio	Composto
	Apucarantina	AH	Tupi: corr. após-carã, após fazer, actuar, obrar; carã em círculo, ao redor; ir em roda. (SAMPAIO, 1928)	LT	Geomorfotopônimo	Simples
	Barra Funda	AH		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Barro Preto	AH		LP	Litotopônimo	Composto
	Cachoeirinha	AH		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Caetanos	AH		LP	Antropotopônimo	Simples
	Cinquenta e Oito	AH		LP + LP	Numerotopônimo	Composto
	Eldorado ⁴⁵	AH	Do espanhol. <i>el dorado</i> (AULETE, 1928)	LE	Animotopônimo eufórico	Simples
	Espírito Santo	AH		LP + LP	Hierotopônimo	Composto
	Franco	AH	Do francês <i>franc</i> .	LF	Antropotopônimo	Simples

⁴² Bordoni (s/d, p.560;481) registra “paiquerê” nas seguintes acepções: *pai*, “sacerdote, pajé” + *querá*... “o que foi” ou *quer, querá* “dormir” = o que foi sacerdote ou pajé que dorme, ou também, *paiquera, paicuêra* = o que foi sacerdote.

⁴³ O nome Warta não foi encontrado em nenhum dos dicionários pesquisados. Conforme o site http://www1.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1090&Itemid=1068&limitstart=9 é um rio da Polônia que por sugestão do Sr. João Lamowski, foi adotado o nome de Warta, que em polonês significa “que tem valor”.

⁴⁴ Aulete (DIGITAL, 2012) traz como engenho primitivo movido a água e us. para pilar milho ou descascar café

⁴⁵ Para Aulete (DIGITAL, 2012) é um local fictício, de riquezas abundantes, que alguns exploradores acreditavam existir na América do Sul.

			(AULETE, 2012)			
	Gabriel da Cunha	AH		LP + LH	Antropotopônimo	Composto híbrido
	Gamelão ⁴⁶	AH		LP	Ergotopônimo	Simples
	Guarita	AH		LP	Ecotopônimo	Simples
	Italianos	AH		LP	Etnotopônimo	Simples
	Japira	AH	Tupi: <i>y-apyra</i> , cabeceira do rio. (SAMPAIO, 1928)	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Laranja Azeda	AH	Do árabe <i>narandja</i> <. (AULETE, 2012)	LP + LP	Fitotopônimo	Composto híbrido
	Mineiros	AH		LP	Etnotopônimo	Simples
	Monjolo ⁴⁷	AH		LQ	Ergotopônimo	Simples
	Ouro Fino	AH		LP + LP	Litotopônimo	Composto
	Pirapó	AH	Tupi: contr. pira-pora; pira-pora local do rio encachoeirado onde o peixe pula. (SAMPAIO, 1928)	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Ponto Mineiro	AH		LP + LP	Ecotopônimo	Composto
	Porto Real	AH		LP + LP	Hodotopônimo	Composto
	Saltinho	AH		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Santa Branca	AH		LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Luiz	AH		LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
	Sete Casas	AH		LP + LP	Numerotopônimo	Composto
	Taquaruna	AH	Tupi: c. ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Volta Grande	AH		LP + LP	Morfotopônimo	Composto
Água	Altinho	AF		LP	Dimensiotopônimo	Simples
	Barra Funda	AF		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Boa	AF		LP	Animotopônimo eufórico	Simples
	Cafezal	AF	Do árabe <i>qahwa</i> . (AULETE, 2012)	LA	Fitotopônimo	Simples
	Baía ⁴⁸ , da	AF	Do quimbundo <i>ribaia</i> (AULETE, 2012)	LQ	Hodotopônimo	Simples
	Baitira, da	AF	Var. de Bartira. Bartira ou Burtira, depois Isabel Dias, filha do cacique Tibiriçá e da índia Potira. Casou-se com João Ramalho. http://pt.wikipedia.org/ wiki/Bartira	LT	Antropotopônimo	
	Limeira, da	AF		LP	Fitotopônimo	Simples
	Marreca, da	AF		LP	Zootopônimo	Simples
	Saúde, da	AF		LP	Animotopôni-mo eufórico	Simples
	Sede, da	AF		LP	Ecotopônimo	Simples

⁴⁶ De acordo com Aulete (DIGITAL, 2012), gamelão é o nome de uma vasilha de barro ou de madeira para dar comida a animais domésticos.

⁴⁷ Aulete (DIGITAL, 2012) traz como engenho primitivo movido a água e us. para pilar milho ou descascar café.

⁴⁸ De acordo com Aulete (DIGITAL, 2012), é um local para alojamento individual de animais nas cocheiras e estábulos.

	Volta, da	AF		LP	Morfotopônimo	Simples
	Pedras, das	AF		LP	Litotopônimo	Simples
	Fagundes, do	AF		LP	Antropotopônimo	Simples
	Furtado, do	AF		LP	Antropotopônimo	Simples
	Gaviãozinho, do	AF		LP	Zootopônimo	Simples
	Gramadinho, do	AF		LP	Fitotopônimo	Simples
	Itacua ⁴⁹ , do	AF		LNI	Litotopônimo	Simples
	Itaí, do	AF	Tupi: de <i>ita-y</i> , rio das pedras	LT	Litotopônimo	Simples
	Japira, do	AF	Tupi: <i>y-apyra</i> , cabeceira do rio. (SAMPAIO, 1928)	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Jequitibá, do	AF	Tupi: de <i>jekitibá</i> , nome de uma conhecida árvore de nossas matas. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Limoeiro, do	AF	Do persa <i>limu</i> ou <i>laimun</i> . (AULETE, 2012)	LPS	Fitotopônimo	Simples
	Monjolinho ⁵⁰ , do	AF		LQ	Ergotopônimo	Simples
	Piracema, do	AF	Tupi: a saída do peixe, o cardume por ocasião da desova. (SAMPAIO)	LT	Zootopônimo	Simples
	Piranga, do	AF	Tupi: vermelho, corado, ruivo, rubro, pardo. (SAMPAIO, 1928)	LT	Cromotopônimo	Simples
	Saltinho, do	AF		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Sutil, do	AF		LP	Animotopônimo eufórico	Simples
	Bentos, dos	AF		LP	Antropotopônimo	Simples
	Cachorros, dos	AF		LP	Zootopônimo	Simples
	Caetanos, dos	AF		LP	Antropotopônimo	Simples
	Pinheiros, dos	AF		LP	Fitotopônimo	Simples
	Iacumã	AF	Jacumã do tupi <i>yaku' mã</i> , remo indígena em forma de pá (FERREIRA 1986)	LT	Ergotopônimo	
	Itatiaia	AF	Tupi: o penhasco cheio de pontas. (SAMPAIO, 1928)	LT	Dimensiotopônimo	Simples
	Jabuticabal	AF	Tupi: fruto em botão, ou abotoamento de frutos. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Jacutinga	AF	Tupi: corr. <i>yacú-tinga</i> , o jacu branco. (Penelope leucoptera). Nome de uma rocha friável, argilosa, servindo de jazida ao ouro. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Marília	AF		LP	Antropotopônimo	Simples

⁴⁹ Para Aulete (DIGITAL), esta lexia representa certa pedra amarela, com que se alisa a louça de barro feita à mão. Provável língua tupi, porém não encontrado em nenhum dicionário pesquisado.

⁵⁰ Aulete (DIGITAL) traz como engenho primitivo movido a água e us. para pilar milho ou descascar café.

	Orelha da Onça	AF		LP + LP	Somatotopônimo	Simples
	Ouro Fino	AF		LP + LP	Litotopônimo	Composto
	Poço Frio	AF		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Primavera	AF		LP	Cronotopônimo	Simples
	Riacho	AF		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Santa Helena	AF		LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Luiz	AF		LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
Córrego	Água Clara	AF		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água Fresca	AF		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Barra Grande	AF		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Boa Esperança	AF		LP + LP	Animotopônimo eufórico	Composto
	Coroados ⁵¹	AF		LP	Etnotopônimo	Simples
	Lontra, da	AF		LP	Zootopônimo	Simples
	Ponte Seca, da	AF		LP + LP	Hodotopônimo	Composto
	Taquara, da	AF	Tupi: c. ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Vera Cruz, da	AF		LP + LP	Hierotopônimo	Composto
	Alemão do	AF		LP	Etnotopônimo	Simples
	Eldorado ⁵²	AF	Do espanhol. <i>el dorado</i> (AULETE, 2012)	LE	Animotopônimo eufórico	Simples
	Faustino	AF		LP	Antropotopônimo	Simples
	Gaviãozinho	AF		LP	Zootopônimo	Simples
	Jacu	AF	Tupi: esperto, cuidadoso, desconfiado, cauteloso. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Lambari	AF	Tupi: o peixinho de água doce semelhante à sardinha. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Laranjal	AF	Do árabe <i>narandja</i> <. (AULETE, 2012)	LA	Fitotopônimo	Simples
	Mangaíba	AF	Tupi: o mesmo que mangaba, alusão ao látex abundante da planta deste nome. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Ouro Fino	AF		LP	Litotopônimo	Composto
	São Lourenço	AF		LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
	Tangar ⁵³	AF		LP	Ergotopônimo	Simples
	Tupi	AF	Tupi: o pai supremo, o primitivo, o progenitor. (SAMPAIO)	LT	Etnotopônimo	Simples
	Willer	AF		LNI	Antropotopônimo	Simples
Ribeirão	Amarelinho	AF		LP	Cromotopônimo	Simples
	Barrando Vermelho	AF		LP + LP	Litotopônimo	Composto
	Cachoeirinha	AF		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Clementino	AF		LP	Antropotopônimo	Simples

⁵¹ Para Aulete (DIGITAL), esta lexia define pessoas pertencentes a diversas tribos indígenas brasileiras e suas famílias linguísticas.

⁵² Para Aulete (DIGITAL) é um local fictício, de riquezas abundantes, que alguns exploradores acreditavam existir na América do Sul.

⁵³ De acordo com Aulete (DIGITAL, 2012), é o mesmo que cobrir(-se) com tanga.

	Couro-de-boi	AF		LP + LP	Zootopônimo	Simples
	Cafezal, do	AF	Do árabe <i>qahwa</i> . (AULETE, 2012)	LA	Fitotopônimo	Simples
	Cambé ⁵⁴ , do	AF	Caingang: muita caça. (ATEPAR, 1999)	LC	Zootopônimo	Simples
	Cerne ⁵⁵ , do	AF		LNI	Fitotopônimo	Simples
	Limbeiro ⁵⁶ , do	AF		LP	Animotopônimo disfórico	Simples
	Português, do	AF		LP	Etnotopônimo	Simples
	Tigre, do	AF		LP	Zootopônimo	Simples
	Apertados, dos	AF		LP	Dimensiotopônimo	Simples
	Morais, dos	AF		LP	Antropotopônimo	Simples
	Paióis ⁵⁷ , dos	AF	Do espanhol <i>pallol</i> . (AULETE, 2012)	LE	Ecotopônimo	Simples
	Figueira	AF		LP	Fitotopônimo	Simples
	Gabriel da Cunha	AF		LP + LH	Antropotopônimo	Composto híbrido
	Gamelão ⁵⁸	AF		LP	Ergotopônimo	Simples
		AF	Tupi: Guará, garça vermelha. (SAMPAIO, 1928)	LT + LP	Zootopônimo	Composto híbrido
	Itajubá	AF	Tupi: a pedra amarela, o metal amarelo, o ouro. (SAMPAIO, 1928)	LT	Litotopônimo	Simples
	Jabuticabal	AF	Tupi: fruto em botão, ou abotoamento de frutos. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Laranja Azeda	AF	Do árabe <i>narandja</i> <. (AULETE, 2012)	LA + LP	Fitotopônimo	Composto híbrido
	Lindóia	AF		LP	Corotopônimo	Simples
	Nevada	AF		LP	Meteorotopônimo	Simples
	Pirapó	AF	Tupi: contr. pira-pora; pira-pora local do rio encachoeirado onde o peixe pula. (SAMPAIO, 1928)	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Quati	AF	Tupi: o que é riscado, ou lanhado; o que traz riscas pelo corpo. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Remansinho ⁵⁹	AF		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Santa Branca	AF		LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
Rio	Apucarantina	AF	Tupi: corr. após-carã,	LT	Geomorfotopônimo	Simples

⁵⁴ A enciclopédia dos Municípios do IBGE traduz a denominação para *Passo do Veado*, de origem Tupi, porque, segundo consta, "...aquela região era abundante em caça, daí derivando o nome de Cambé.

⁵⁵ Para Aulete (DIGITAL, 2012), parte mais interior e dura do tronco das árvores, entre a medula e a casca; ÂMAGO; DURAME. [É composta de células mortas e não tem função de armazenamento nem de transporte de água ou nutrientes.]

⁵⁶ Segundo Aulete (DIGITAL, 2012) esta lexia está ligada a religião católica, lugar para onde vão as crianças que morrem antes de serem batizadas.

⁵⁷ Aulete (DIGITAL, 2012) traz esta lexia como um lugar ou compartimento que serve de depósito (p.ex.: para produtos agrícolas, materiais etc.)

⁵⁸ De acordo com Aulete (DIGITAL, 2012) essa lexia representa uma vasilha de barro ou de madeira para dar comida a animais domésticos.

⁵⁹ Para Aulete (DIGITAL, 2012) essa lexia nomeia o trecho de rio onde, por ausência de correnteza, a água fica quase parada.

			apó fazer, actuar, obrar; carã em círculo, ao redor; ir em roda. (SAMPAIO, 1928)			
	Claro	AF		LP	Cromotopôni-mo	Simple
	Marrecas	AF		LP	Zootopônimo	Simple
	Santa Cruz	AF		LP + LP	Hierotopônimo	Composto
	Taquara	AF	Tupi: c. ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Tibagi	AF	Tupi: o rio do pouso. (SAMPAIO, 1928)	LT	Sociotopônimo	Simple
Salto	Apucarantina	AF	Tupi: corr. após-carã, apó fazer, actuar, obrar; carã em círculo, ao redor; ir em roda. (SAMPAIO, 1928)	LT	Geomorfotopônimo	Simple
Total de topônimos de Londrina = 149 (AH = 51; AF = 98)						

A Tabela 12, elaborada a partir dos dados do Quadro 13, expõe a classificação e frequência dos topônimos de Londrina.

Tabela 12 – Tabela dos topônimos de Londrina e sua frequência taxionômica.

Taxionomia	AH	Nº	Porcentagem	AF	Nº	Porcentagem
hidrotopônimos		15	29.4%		11	11.2%
antropotopônimos		4	7,8%		11	11.2%
animotopônimos eufóricos		3	5.9%		6	6.2%
hagiotopônimos		3	5.9%		4	4.1%
zootopônimos		3	5.9%		15	15.3%
fitotopônimos		3	5.9%		16	16.4%
ergotopônimos		3	5.9%		3	3.1%
etnotopônimos		3	5.9%		4	4.1%
numerotopônimos		2	3.9%		-	-
litotopônimos		2	3.9%		8	7.2
corotopônimos		2	3.9%		1	1.1%
ecotopônimos		2	3.9%		2	2.1%
geomorfotopônimos		1	1.9%		2	2.1%
mitotopônimos		1	1.9%		-	-
dimensiotopônimos		1	1.9%		3	3.1%
hodotopônimos		1	1.9%		2	2.1%
hierotopônimos		1	1.8%		2	2.1%
morfotopônimos		1	1.8%		1	1.1%
cromotopônimos		-	-		3	3.1%
somatotopônimos		-	-		1	1.1%
cronotopônimos		-	-		1	1.1%
meteorotopônimos		-	-		1	1.1%
sociotopônimos		-	-		1	1.1%
Total		51	100%		98	100%

O município de Londrina envolve a maior quantidade não só de topônimos (149) como de taxionomias (23). Ao somarmos os topônimos relacionados a acidentes humanos com os acidentes físicos, chegamos à seguinte predominância percentual: hidrotopônimos (17.4%), seguidos dos fitotopônimos (12.8%) e dos zootopônimos que representam (12.1%).

3.2.4 Pitangueiras

Mapa 15 – Município de Pitangueiras



Fonte: IPARDES, 2010

Motivação: Seu topônimo constituiu-se uma referência ao rio Pitangueiras. Antigos moradores alegam que o nome foi escolhido em função da grande quantidade de pitangueiras existente na área (ATEPAR, 1999)

Data de Instalação: 01.01.1993

Nome (s) anterior (es): Santo Antonio

Área (Km²): 123.230

Mapa Municipal Estatístico / 2007 – Escala= 1:50.000 (IBGE)

População: 2.814 (IBGE 2010)

Gentílico: pitangueirense

O município de Pitangueiras é composto por 15 topônimos divididos e classificados segundo o Quadro 14

Quadro 14 – Relação dos topônimos de Pitangueiras e sua classificação.

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Pitangueiras	AH	Tupi, <i>Pitanga</i> ...o fruto da pitangueira, que se qualifica pela sua cor avermelhada, que tem a pele vermelha, corada. (ATEPAR 1999)	LT	Fitotopônimo	Simples
Água	Canapi	AF	Tupi: cana fina, delgada. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Laranjeiras, das	AF	Do árabe <i>narandja</i> <. (AULETE, 2012)	LA	Fitotopônimo	Simples
	Martelo, de	AF		LP	Ergotopônimo	Simples
	Catu, do	AF	Tupi: bom, bonito: adv. bem, bastante. (SAMPAIO, 1928)	LT	Animotopônimo eufórico	Simples
	Epitácio, do	AF		LP	Antropotopônimo	Simples
	Jacá, do	AF	Tupi: o cesto feito de canas, vulgo <i>jacá</i> . (SAMPAIO, 1928)	LT	Ergotopônimo	Simples
	Mamão, do	AF		LP	Fitotopônimo	Simples
	Morangos, dos	AF		LP	Fitotopônimo	Simples
	Magnólia ⁶⁰	AF		LP	Fitotopônimo	Simples
	Pimpinela ⁶¹	AF		LP	Fitotopônimo	Simples
	Ubarana	AF	Tupi: É o nome do peixe <i>bagrus</i> . (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
Ribeirão	Pitangueiras, das	AF	Tupi, <i>Pitanga</i> ...o fruto da pitangueira, que se qualifica pela sua cor avermelhada, que tem a pele vermelha, corada. (ATEPAR, 1999)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Dríades ⁶²	AF		LP	Mitotopônimo	Simples
Rio	Bandeirante	AF		LP	Etnotopônimo	Simples
Total de topônimos de Pitangueiras = 15 (AH = 01; AF = 14)						

A Tabela 13, elaborada com os dados do Quadro 14, traz a classificação e frequência dos topônimos de Pitangueiras.

⁶⁰ Para Aulete (DIGITAL, 2012) Magnólia é o nome comum às espécies de árvores e arbustos do gênero *Magnolia*, da fam. das magnoliáceas, cultivadas pela madeira ou como ornamental.

⁶¹ Conforme Aulete (DIGITAL, 2012) essa lexia nomeia um nome comum às plantas do gên. *Pimpinella*, da fam. das umbelíferas, nativas da Europa, Ásia e África, algumas cultivadas como condimento.

⁶² De acordo com Aulete (DIGITAL, 2012) essa lexia nomeia uma divindade silvestre, ninfa dos bosques.

Tabela 13 – Tabela dos topônimos de Pitangueiras e sua frequência taxionômica.

Taxionomia	AH	Nº	Porcentagem	AF	Nº	Porcentagem
mitotopônimos		-	-		1	7.1%
etnotopônimos		-	-		1	7.1%
animotopônimos eufóricos		-	-		1	7.1%
fitotopônimos		1	100%		7	50%
antropotopônimos		-	-		1	7.1%
zootopônimos		-	-		1	7.1%
ergotopônimos		-	-		2	14.5%
Total		12	100%		14	100%

Os acidentes humanos somados aos acidentes físicos representam o seguinte percentual: predominam os fitotopônimos (53%), todos os outros, já mencionados representam (0,6%).

3.2.5 Rolândia

Mapa 16 – Município de Rolândia

Fonte: IPARDES, 2010

Motivação: Homenagem a Roland, guerreiro medieval, sobrinho de Carlos Magno e um dos Doze Pares de França. (ATEPAR 1999)

Data de Instalação: 01.01.1944

Nome (s) anterior (es):

Área (Km²): 460,165

Mapa Municipal Estatístico / 2007 – Escala= 1:50.000 (IBGE)

População: 57.862 (IBGE 2010)

Gentílico: rolandense

O município de Rolândia é composto por 60 topônimos divididos segundo o Quadro 15.

Quadro 15 – Relação dos topônimos de Rolândia e sua classificação.

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Rolândia	AH	<i>Hruodland</i> , de <i>hruot...</i> glória, e <i>land</i> ...terra: a glória de seu país, de sua terra. (ATEPAR, 1999)	LGM	Históriotopônimo	Simples
Distrito	Nossa Senhora Aparecida	AH		LP + LP + LP	Hierotopônimo	Composto
	São Martinho	AH		LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
Bairro	Caramuru ⁶³	AH	Tupi: dragão saído do mar ou homem de fogo. (SAMPAIO, 1928)	LT	Antropotopônimo	Simples
	Floresta	AH		LP	Fitotopônimo	Simples
	Irmandade ⁶⁴	AH		LP	Sociotopônimo	Simples
	São Rafael	AH		LP + LH	Hagiotopônimo	Composto híbrido
Povoado	Água do Ciclone	AH		LP + LING	Hidrotopônimo	Composto híbrido
	Água do Ema	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água do Jaborandi	AH		LP + LT	Hidrotopônimo	Composto híbrido
	Água do Rondi	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água do Tucum	AH		LP + LT	Hidrotopônimo	Composto híbrido
	Água Ribeirão Grande	AH		LP + LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água Três Bocas	AH		LP + LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Capim Fino	AH	Tupi: a planta de folha fina; a erva miúda. (SAMPAIO, 1928)	LT + LP	Fitotopônimo	Composto híbrido
	Quilômetro Cinco	AH		LP + LP	Cardinotopônimo	Composto
	Água	Araponguinha	AF	Tupi: c. <i>ará-ponga</i> , papagaio que soa, papagaio estridente, pássaro ferrador ou martelo. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo
Bela Vista		AF		LP + LP	Animotopônimo eufórico	Composto
Ameixa, da		AF		LNI	Fitotopônimo	Simples
Bartira, da		AF		LT	Antropotopônimo	Simples
Cutia, da		AF	Tupi: o indivíduo que come de pé, de referência ao habito que tem o animal deste nome de tomar o alimento com as patas	LT	Zootopônimo	Simples

⁶³ De acordo com SAMPAIO (1928), foi um apelido que os indígenas deram ao português Diogo Álvares, sobrevivente de um naufrágio próximo ao litoral da BA que ocorreu por volta de 1510; foi um dos primeiros habitantes brancos do Brasil.

⁶⁴ Para Aulete (DIGITAL) esta lexia esta relacionada a uma reunião de pessoas em torno de um mesmo objetivo.

			dianteirias.(SAMPAIO, 1928)			
	Graminha, da	AF		LP	Fitotopônimo	Simples
	Uva, da	AF		LP	Fitotopônimo	Simples
	Alegre, do	AF		LP	Animotopônimo eufórico	Simples
	Barreiro, do	AF		LP	Litotopônimo	Simples
	Caibi, do	AF	Tupi: mato verde. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Camarão ⁶⁵ , do	AF		LP	Zootopônimo	Simples
	Canhão, do	AF	Do espanhol <i>cânon</i> . (AULETE, 2012)	LE	Ergotopônimo	Simples
	Capim Fino	AF	Tupi: a planta de folha fina; a erva miúda. (SAMPAIO, 1928)	LT + LP	Fitotopônimo	Composto híbrido
	Caranguejo, do	AF	Do espanhol <i>cangrejo</i> . (AULETE, 2012)	LE	Zootopônimo	Simples
	Elefante, do	AF		LP	Zootopônimo	Simples
	Ema, do	AF		LP	Zootopônimo	Simples
	Inhanduti ⁶⁶ , do	AF	Do Tupi <i>teia de aranha</i> . Tipo de renda artesanal cujo desenho se assemelha à teia de aranha.	LT	Zootopônimo	Simples
	Jaú, do	AF	Tupi: aquele que devora; o grande peixe fluvial. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Pequi, do	AF	Tupi: mesmo que <i>piqui</i> ; a casca áspera, espinhenta. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Pintassilgo ⁶⁷ , do	AF		LNI	Zootopônimo	Simples
	Rodi, do	AF		LNI	Antropotopônimo	Simples
	Tico-Tico, do	AF		LNI	Zootopônimo	Simples
	Tubarão, do	AF		LNI	Zootopônimo	Simples
	Tucum, do	AF	Tupi: espinho alongado, a pua. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Montes, dos	AF		LP	Geomorfotopônimo	Simples
	Floresta	AF		LP	Fitotopônimo	Simples
	Graúna	AF	Corr. <i>guirá-uma</i> , pássaro preto	LT	Zootopônimo	Simples
	Jaguará	AF	Tupi: tirado da onça, a ficção de onça. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Jaguarité	AF	Tupi: o mesmo que <i>jaguaeté</i> , a onça verdadeira. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples

⁶⁵ Para Aulete (DIGITAL) é uma denominação comum a diversas spp. de crustáceos marinhos ou de água doce, de carne comestível, da ordem dos decápodes.

⁶⁶ O termo *nhanduti* consta da relação de palavras de origem tupi no capítulo sobre a Formação do Léxico Português (CÂMARA Jr.) *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979, p. 189-210).

⁶⁷ Conforme Aulete (DIGITAL) trata-se de uma denominação comum aos pássaros do gên. *Carduelis*, da fam. dos fringídeos, que ocorrem em quase todos os continentes

	Tupã	AF	Tupi: nome adotado pelos catequistas católicos para exprimir Deus entre os Tupis. (SAMPAIO, 1928)	LT	Hierotopônimo	Simples
Córrego	Amoreira	AF		LP	Fitotopônimo	Simples
	Comprido	AF		LP	Dimensiotopônimo	Simples
	Coruja	AF		LP	Zootopônimo	Simples
	Grande	AF		LP	Dimensiotopônimo	Simples
	Iguatá	AF		LT	Hidrotopônimo	Simples
	Lagosta	AF		LP	Zootopônimo	Simples
	Pedroso	AF		LP	Antropotopônimo	Simples
	Barra Grande	AF		LP + LP	Hidrotopônimo	Simples
	Ciclone ⁶⁸	AF	Do inglês <i>cyclone</i> . (AULETE, 2012)	LING	Meteorotopônimo	Simples
	Cafezal, do	AF	Do árabe <i>qahwa</i> . (AULETE, 2012)	LA	Fitotopônimo	Simples
	Grande	AF		LP	Dimensiotopônimo	Simples
	Vermelho	AF		LP	Cromotopônimo	Simples
Rio	Bandeirante ⁶⁹ do Norte	AF		LP + LP	Etnotopônimo	Composto
	Bandeirante	AF		LP	Etnotopônimo	Simple
Total de topônimos de Rolândia = 60 (AH = 16; AF = 44)						

A Tabela 14 mostra a frequência e classificação dos topônimos relativos ao Quadro 15.

Tabela 14 – Tabela dos topônimos de Rolândia e sua frequência taxionômica.

Taxionomia	AH	Nº	Porcentagem	AF	Nº	Porcentagem
hidrotopônimos		7	44%		2	4.5%
antropotopônimos		1	6.2%		3	6.8%
animotopônimos eufóricos		-	-		2	4.5%
hagiotopônimos		2	12.5%		-	-
zootopônimos		-	-		16	36.4%
fitotopônimos		2	12.5%		10	22.7%
ergotopônimos		-	-		1	2.3%
etnotopônimos		-	-		2	4.5%
litotopônimos		-	-		1	2.3%
geomorfotopônimos		-	-		1	2.3%
meteorotopônimos		-	-		1	2.3%
dimensiotopônimos		-	-		3	6.8%
hierotopônimos		1	6.2%		1	2.3%
cromotopônimos		-	-		1	2.3%
cardinotopônimos		1	6.2%		-	-
historiotopônimos		1	6.2%		-	-
sociotopônimos		1	6.2%		-	-
Total		16	100%		44	100%

⁶⁸ Para Aulete (DIGITAL, 2012) se trata de uma massa atmosférica em movimento de rotação, acompanhada de fortes ventanias, precipitações e queda de pressão atmosférica.

⁶⁹ Para Aulete (DIGITAL, 2012) é relativo às bandeiras (expedições) ou aos bandeirantes

O município de Rolândia apresenta um total de 60 topônimos, divididos em acidentes humanos e acidentes físicos, que somados apresentam a um predomínio de zootopônimos (25%), seguido dos fitotopônimos que apresentam (20%) e dos hidrotopônimos (15%).

Constata-se novamente a presença de um topônimo ligado ao cultivo do café, Córrego Cafezal.

3.2.6 Tamarana

Mapa 17 – Município de Tamarana



Fonte: IPARDES, 2010

Motivação: O nome origina-se da lenda de uma princesa indígena guerreira que usava como arma uma clava feita de madeira. (ATEPAR, 1999)

Data de Instalação: 01.01.1997

Nome (s) anterior (es): São Roque

Área (Km²): 472,156

Mapa Municipal Estatístico / 2007 – Escala= 1:50.000 (IBGE)

População: 12.262 (IBGE, 2010)

Gentílico: tamaraense

O município de Tamarana traz 38 topônimos classificados e analisados segundo o Quadro 16.

Quadro 16 – Relação dos topônimos de Tamarana e sua classificação.

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica	
Cidade	Tamarana	AH	Tupi: espécie de clava de guerra dos Tupi;. (TIBIRIÇÁ, 1985)	LT	Ergotopônimo	Simples	
Povoado	Água das Minas	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto	
	Água do Banhadão	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto	
	Arroio Grande	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto	
	Bico Aparado	AH		LP + LP	Dirrematopônimo	Composto	
	Herval	AH		LP	Fitotopônimo	Simples	
	Moreiras	AH		LP	Antropotopônimo	Simples	
	Ponte Nova	AH		LP + LP	Hodotopônimo	Composto	
	Rio Branco	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto	
	Rio Claro	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto	
	Viana	AH		LP	Antropotopônimo	Simples	
	Água	Banhadão	AF		LP	Hidrotopônimo	Simples
Gabiroba, da		AF	Tupi: o comestível amargo, ou fruto que trava. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simples	
Prata, da		AF		LP	Litotopônimo	Simples	
Inglês, do		AF		LP	Etnotopônimo	Simples	
Macaco, do		AF		LP	Zootopônimo	Simples	
Manzanares, do		AF			N/C		
Pocini, do		AF			N/C		
Toldo, do		AF		LF	Ergotopônimo	Simples	
Arroio		Encontro, do	AF		LP	Sociotopônimo	Simples
		Grande	AF		LP	Dimensio	Simples
Córrego		Faustino	AF		LP	Antropotopônimo	Simples
		Olímpio ⁷⁰	AF		LP	Antropotopônimo	Simples
		Queimado ⁷¹	AF		LP	Sociotopônimo	Simples
	Vinte e Dois	AF		LP + LP	Numerotopônimo	Composto	
Ribeirão	Morais, dos	AF		LP	Antropotopônimo	Simples	
Rio	Apucarana	AF	Tupi: corr. após-carã, após fazer, actuar, obrar; carã em círculo, ao redor; ir em roda. (SAMPAIO, 1928)	LT	Geomorfotopônimo	Simples	
	Apucarantina	AF	Tupi: corr. após-carã, após fazer, actuar, obrar; carã em círculo, ao redor; ir em roda. (SAMPAIO, 1928)	LT	Geomorfotopônimo	Simples	
	Branco	AF		LP	Cromotopônimo	Simples	
	Claro	AF		LP	Cromotopônimo	Simples	
	Prata, da	AF		LP	Litotopônimo	Simples	
	Ernesto, do	AF		LP	Antropotopônimo	Simples	
	Meio, do	AF		LP	Cardinotopônimo	Simples	
	Preto	AF		LP	Cromotopônimo	Simples	

⁷⁰ Para Aulete (DIGITAL) se trata de um indivíduo nascido ou que vive em Olímpia (Grécia antiga).

⁷¹ Variante de Queimada. Magalhães (1976, p. 394) registra como “queimada” a definição de “desbravamento pelo fogo, de terreno coberto de mato ou floresta, ou incêndio casual em mata. Depois da queimada tem início a preparação do terreno para plantio”.

	Tibagi	AF	Tupi: o rio do pouso. (SAMPAIO, 1928)	LT	Sociotopônimo	Simple
	Valêncio	AF		LP	Antropotopônimo	Simple
Serra	Bico Aparado, do	AF		LP + LP	Dirrematopônimo	Simple
	Cadeado, do	AF		LP	Ergotopônimo	Simple
Total de topônimos de Tamarana = 38 (AH = 11; AF = 27)						

Os dados do Quadro 16 possibilitaram a elaboração da Tabela 15 que traz classificação e frequência dos topônimos de Tamarana.

Tabela 15 – Tabela dos topônimos de Tamarana e sua frequência taxionômica.

Taxionomia	AH	Nº	Porcentagem	AF	Nº	Porcentagem
hidrotopônimos		5	45.5%		1	0.4%
antropotopônimos		2	18.1%		5	45.2%
cromotopônimos		-	-		3	11%
zootopônimos		-	-		1	0.4%
fitotopônimos		1	9.1%		1	0.4%
ergotopônimos		1	9.1%		2	7.4%
etnotopônimos		-	-		1	0.4%
litotopônimos		-	-		2	7.4%
geomorfotopônimos		-	-		2	7.4%
cardinotopônimos		-	-		1	0.4%
dimensiotopônimos		-	-		1	0.4%
hodotopônimos		1	9.1%		-	-
dirrematopônimos		1	9.1%		1	0.4%
numerotopônimos		-	-		1	0.4%
sociotopônimos		-	-		3	11%
não classificados		-	-		2	7.4%
Total		11	100%		27	100%

Somando os topônimos referentes a acidentes humanos aos acidentes físicos, verificamos que em Tamarana predominam os hidrotopônimos (15%), e os antropotopônimos, também com (15%), em seguida temos os zootopônimos, que representam (10%). Não foram classificados, água do Manzanares e água do Pocini.

3.3 MICRORREGIÃO DE MARINGÁ

A Microrregião de Maringá é formada por cinco municípios: Mandaguari, Marialva, Maringá, Paiçandu e Sarandi.

Mapa 18 – Microrregião Geográfica de Maringá



Fonte: IPARDES, 2010

3.3.1 Mandaguari

Mapa 19 – Município de Mandaguari



Fonte: IPARDES, 2010

Motivação: Referência ao ribeirão Mandaguari, que passa pelo município, mais tarde denominado ribeirão Barbacena. (ATEPAR, 1999)

Data de Instalação: 10.11.1947

Nome (s) anterior (es): Lovat

Área (Km²): 335,815

Mapa Municipal Estatístico / 2007 – Escala= 1:50.000 (IBGE)

População: 32.658 (IBGE, 2010)

Gentílico: mandaguariense

O levantamento e classificação dos topônimos referentes a acidentes físicos e acidentes humanos do município de Mandaguari permitiram elaborar o Quadro 17.

Quadro 17 – Relação dos topônimos de Mandaguari e sua classificação.

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidades	Mandaguari	AH	Tupi: espécie de abelhas do Brasil. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
Bairro	Pirapó	AH	Tupi: contr. pira-pora; pira-pora local do rio encachoeirado onde o peixe pula. (SAMPAIO, 1928)	LT	Hidrotopônimo	Simples
Povoado	Caitu	AH			N/C	
	Caituzinho	AH			N/C	
	Carijó	AH	Tupi: o procedente do branco, europeu. Designa também um galináceo de penas pretas e brancas. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Keller	AH		L ING	Antropotopônimo	Simples
	Quilômetro Doze	AH		LP + LP	Cardinotopônimo	Composto
	Rio Branco	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Rochedo	AH		LP	Litotopônimo	Simples
	Vitória de São Pedro	AH		LP + LP + LP	Animotopônimo eufórico	Composto
	Vitória do Alegre	AH		LP + LP	Animotopônimo eufórico	Composto
Vila	Vitória	AH		LP	Animotopônimo eufórico	Simples
Água	Carijó, do	AF	Tupi: o procedente do branco, europeu. Designa também um galináceo de penas pretas e brancas. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Ubirajara, do	AF	Tupi: <i>ybyrá-jara</i> , senhor da lança, lanceiro. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Antropotopônimo	Simples
	Ufa ⁷² , do	AF		LP	Animotopônimo	Simples
	Jaguaribe	AF	Tupi: no rio da onça. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	Piratininga	AF	Tupi: o peixe a secar; o seca-peixe. Designa rio que, por efeito dos transbordamentos, deixa peixe fora e o deixa em seco, exposto ao sol. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simples
	São Sebastião	AF		LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
Córrego	Alfazema ⁷³	AF		LA	Fitotopônimo	Simples

⁷² Segundo Aulete (DIGITAL, 2012) trata-se de uma expressão que exprime cansaço ou alívio.

⁷³ Para Aulete (DIGITAL, 2012) alfazema é um nome comum a várias plantas do gên. *Lavandula* (p.ex., o arbusto *Lavandula angustifolia*, de flores azuis em espigas), cultivadas como ornamentais e por seu aroma, das quais se extrai um óleo de propriedades medicinais tb. us. em perfumaria; LAVANDA.

	Bonito	AF		LP	Animotopônimo eufórico	Simple
	Botafogo	AF		LP	Corotopônimo	Composto
	Caituzinho	AF			N/C	
	Carnaúba	AF	Tupi: a palmeira Copernicia cerifera. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Curuá	AF	Tupi: cipó-imbé. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Curupá	AF	Tupi: o paradeiro do cascalho ou seixo; o banco de pedregulhos. (SAMPAIO, 1928)	LT	Litotopônimo	Simple
	Candora, da	AF	Var. de candura	LP	Antropotopônimo	Simple
	Leonilda, da	AF		LP	Antropotopônimo	Simple
	Prata, da	AF		LP	Litotopônimo	Simple
	Orquídeas, das	AF		LP	Fitotopônimo	Simple
	Alão ⁷⁴ , do	AF	Do espanhol <i>alano</i> .	LE	Zootopônimo	Simple
	Manaus	AF	Tupi: tribo da grande nação aruaco que habitou o local. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Corotopônimo	Simple
	Português	AF		LP	Etnotopônimo	Simple
	Sapucaia	AF	Tupi: Como corrupção de <i>yaçapucaí</i> é o fruto conhecido por sapucaia. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Tabatinga	AF	Tupi: o barro branco, o barreiro de argila branca. (SAMPAIO, 1928)	LT	Litotopônimo	Simple
	Tatuí	AF	Tupi: rio do tatu. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simple
	Trianon ⁷⁵	AF		LF	Corotopônimo	Simple
	Tupiniquins	AF	Tupi: o galho do parente dos tupis, os colaterais dos tupis. (SAMPAIO, 1928)	LT	Etnotopônimo	Simple
Lago	Pedreira, da	AF		LP	Litotopônimo	Simple
Ribeirão	Alegre	AF		LP	Animotopônimo eufórico	Simple
	Cambota	AF	Derivado de <i>camba</i> : cada uma das peças curvas das rodas de um veículo, onde se prendem os raios. Reviravolta (AULETE, 2012)	LP	Sociotopônimo	Simple
	Cambuí	AF	Tupi: a planta ou folha que se desprende. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Dourados, dos	AF	Tupi: mesmo que <i>pirajú</i> , corr. <i>pira-yú</i> , forma contracta de <i>pira-</i>	LP	Zootopônimo	Simple

⁷⁴ De acordo com Aulete (DIGITAL, 2012) a lexia Alão designa um cão de fila usado em caça grossa.

⁷⁵ Aulete (DIGITAL, 2012) traz a definição de Trianon como nome de antiga aldeia da França, próximo de Versailles, onde foi construído o Palácio Grand Trianon.

			<i>yuba</i> , o peixe amarelo, o dourado. (SAMPAIO, 1928)			
	Rochedo	AF		LP	Litotopônimo	Simple
	Vitória	AF		LP	Animotopônimo eufórico	Simple
Rio	Keller	AF		L ING	Antropotopônimo	Simple
	Pirapó	AF	Tupi: contr. pira-pora; pira-pora local do rio encachoeirado onde o peixe pula. (SAMPAIO, 1928)	LT	Hidrotopônimo	Simple
Total de topônimos de Mandaguari = 46 (AH = 12; AF = 34)						

A Tabela 16, que traz a classificação e frequência dos topônimos de Mandaguari, foi elaborada a partir dos dados do Quadro 17.

Tabela 16 – Tabela dos topônimos de Mandaguari e sua frequência taxionômica.

Taxionomia	AH	Nº	Porcentagem	AF	Nº	Porcentagem
hidrotopônimos		2	16.6%		1	3%
animotopônimos eufóricos		3	25.3%		4	11.7%
fitotopônimos		-	-		6	17.6%
hagiotopônimos			-		1	3%
sociotopônimos		-	-		1	3%
zootopônimos		2	16.6%		6	17.6%
litotopônimos		1	8.3%		5	14.8%
corotopônimos		-	-		3	8.8%
etnotopônimos		-	-		2	5.8%
antropotopônimos		1	8.3%		4	11.7%
cardinotopônimos		1	8.3%		-	-
não classificados		2	16.6%		1	3%
Total		12	100%		34	100%

Quanto ao município de Mandaguari, os topônimos referentes a acidentes humanos somados aos acidentes físicos apresentam uma incidência maior de zootopônimos (17%), os animotopônimos eufóricos (15%) e os fitotopônimos representam (13%). Ficaram sem classificação os povoados Caitu, Caituzinho e córrego Caituzinho.

3.3.2 Marialva

Mapa 20 – Município de Marialva

Fonte: IPARDES, 2010

Motivação: Homenagem ao cavaleiro português D. Pedro de Alcântara Menezes, o Marquês de Marialva. (ATEPAR, 1999)

Data de Instalação: 14.12.1952

Nome (s) anterior (es):

Área (Km²): 475,565

Mapa Municipal Estatístico / 2007 – Escala= 1:50.000 (IBGE)

População: 31.959 (IBGE, 2010)

Gentílico: marialvensense

Os dados de Marialva, distribuídos pelas taxionomias, apresentaram os seguintes números e percentuais expostos na Tabela 17:

Quadro 18 – Relação dos topônimos de Marialva e sua classificação

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Marialva	AH		LP	Axiotopônimo	Simple
Distrito	Santa Fé do Pirapó	AH		LP + LP + LP	Hierotopônimo	Composto híbrido
	São Luiz	AH		LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Miguel do Cambuí	AH		LP + LP + LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido
Povoado	Alemão	AH		LP	Etnotopônimo	Simple
	Boca de Burro	AH		LP + LP	Dirrematopônimo	Composto
	Caraná	AH	Tupi: É o nome da palmeira <i>Carnaúba</i> . (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Itajaí	AH	Tupi: rio pedregoso, com o leito cheio de pedras. (SAMPAIO, 1928)	LT	Litotopônimo	Simple
	Itiúba	AH	Tupi: mesmo que <i>tiuba</i> , a árvore dos tuins.	LT	Fitotopônimo	Simple

			(SAMPAIO, 1928)			
	Keller	AH		L ING	Antropotopônimo	Simple
	Pinguim	AH		LP	Zootopônimo	Simple
Água	Tesoura, da	AF		LP	Ergotopônimo	Simple
	Curral, do	AF		LP	Sóciotopônimo	
	Ipu ⁷⁶	AF		LNI	Fitotopônimo	Simple
	Iti	AF			N/C	
	Itiúba	AF	Tupi: mesmo que <i>tiuba</i> , a árvore dos tuins. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Mourão	AF		LNI	Antropotopônimo	Simple
Córrego	Apiáí	AF	Do guarani <i>apé-aí</i> , caminho ruim. (TIBIRIÇA, 1985)	LGU	Animotopônimo disfórico	Simple
	Belém	AF		LP	Corotopônimo	Simple
	Caraná	AF	Tupi: É o nome da palmeira <i>Carnaúba</i> . (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Mooca, da	AF	Tupi: a rancharia, o pouso. (SAMPAIO, 1928)	LT	Ecotopônimo	Simple
	Taquetá	AF	Tupi antigo “paca-etá”, que significa «muitas pacas» (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simple
	Moinho, do	AF		LP	Ergotopônimo	Simple
	Salto Grande, do	AF		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Espera	AF		LP	Animotopônimo	Simple
	Godói	AF		LP	Antropotopônimo	Simple
	Guaimbé	AF	Tupi: nome de uma planta ornamental da família das aráceas. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Guairá	AF	Nome que os guaranis davam à região de Sete-Quedas, considerada o seu paraíso terrestre. (TIBIRIÇA, 1985)	LGU	Animotopônimo eufórico	Simple
	Guaré	AF	Tupi: espécie de madeira. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Igaraçu	AF	Tupi: a canoa grande, o barco. (SAMPAIO, 1928)	LT	Ergotopônimo	Simple
	Itajaí	AF	Tupi: rio pedregoso, com o leito cheio de pedras. (SAMPAIO, 1928)	LT	Hidrotopônimo	Simple
	Jacaraú	AF	Tupi: comedouro de jacaré. (TIBIRIÇA, 1928)	LT	Zootopônimo	Simple
	Jarmon	AF			N/C	

⁷⁶ Para Aulete (DIGITAL) ipu nomeia uma espécie de planta (*Piptostegia pisonis*), da fam. das convolvuláceas, com raiz tuberosa us. como purgativa, de folhas cordiformes, flores branco-rosadas no exterior e púrpureas por dentro, e cápsulas com sementes negras; nativa do norte do Brasil e da Guiana Francesa.

	Juritano	AF	Derivado de juriti T. iuru'ti. Ave columbiforme da família dos peristerídeos. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	
	Miraí	AF	Tupi: pau delgado, vara. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Piaba	AF	Do tupi <i>pi'awa</i> denominação dada a algumas espécies de peixes de rio. (AULETE, 2012)	LT	Zootopônimo	Simple
	Scuveiro	AF			N/C	
	Tambaú	AF	Tupi: o marisco como ou vive; onde há mariscos. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simple
	Tanabi	AF	Tupi: pode-se traduzir por pedra-orelha, devido a forma característica de alguma pedra existente na localidade. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Litotopônimo	Simple
	Tuim	AF	Tupi: uma espécie de periquito. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simple
	Urupi	AF	Variante de Urupê? T. uru'pe. Espécie de fungo da família das poliporáceas, cogumelo. (CUNHA, 1998)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Venceslau	AF		LP	Antropotopônimo	Simple
Ribeirão	Alegre	AF		LP	Animotopônimo eufórico	Simple
	Aquidabã ⁷⁷	AF		LNI	Históriotopônimo	Simple
	Cambuí	AF	Tupi: a planta ou folha que se desprende. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Jaçanã	AF	Tupi: é a ave aquática. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simple
	Jaguarauna	AF	Tupi: a onça preta, o tigre. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simple
	Marialva	AH		LP	Antropotopônimo	Simple
	Pinguim	AF		LP	Zootopônimo	Simple
	Sarandi	AF	Tupi: arbusto de praias, terra marinha, ilhota pedregosa. (ATEPAR, 1999)	LT	Litotopônimo	Simple
	Keller	AF		L ING	Antropotopônimo	Simple
	Pirapó	AF	Tupi: contr. pira-pora; pira-pora local do rio encachoeirado onde o peixe pula. (SAMPAIO, 1928)	LT	Hidrotopônimo	Simple
Total de topônimos de Marialva = 52 (AH = 11; AF = 41)						

⁷⁷ De acordo com IBGE, o nome Aquidabã é uma homenagem à vitória do Brasil, no dia 11 de junho de 1870, na celeberrima Batalha do Riachuelo, da Guerra do Paraguai.

A Tabela 17, elaborada com os dados do Quadro 18, traz a classificação e frequência dos topônimos de Marialva.

Tabela 17 – Tabela dos topônimos de Marialva e sua frequência taxionômica.

Taxionomia	AH	Nº	Porcentagem	AF	Nº	Porcentagem
axiotopônimos		1	9.1%		-	-
hierotopônimos		1	9.1%		-	-
animotopônimos eufóricos		-	-		3	7.3%
animotopônimos disfóricos		-	-		1	2.5%
fitotopônimos		2	18.1%		8	19.5%
antropotopônimos		1	9.1%		5	12.2%
corotopônimos		-	-		1	2.5%
ecotopônimos		-	-		1	2.5%
zootopônimos		1	9.1%		9	22%
dirrematotopônimos		1	9.1%		-	-
litotopônimos		1	9.1%		2	4.8%
hagiotopônimos		2	18.1%		-	-
etnotopônimos		1	9.1%		-	-
hidrotopônimos		-	-		3	7.3%
ergotopônimos		-	-		2	4.8%
sociotopônimos		-	-		2	4.8%
historiotopônimos		-	-		1	2.5%
Não classificado		-	-		3	7.3%
Total		11	100%		41	100%

O município de Marialva é composto por 52 topônimos entre acidentes humanos e acidentes físicos, que somados apresentam a seguinte predominância: zootopônimos (19%), e os fitotopônimos, também com (19%), os antropotopônimos representam (11%). Não foram classificados, água Iti, córrego Jamon e córrego Scuveiro.

3.3.3 Maringá

Mapa 21 – Município de Maringá

Fonte: IPARDES, 2010

Motivação: A denominação foi inspirada na canção Maringá, composta em 1931; por isso o município é chamado de “Cidade Canção”. (ATEPAR, 1999)

Data de Instalação: 14.12.1952

Nome (s) anterior (es):

Área (Km²): 487,730

Mapa Municipal Estatístico / 2007 – Escala= 1:50.000 (IBGE)

População: 357.077 (IBGE, 2010)

Gentílico: maringaense

Maringá apresenta 36 topônimos conforme classificamos e apresentamos no Quadro 19.

Quadro 19 – Relação dos topônimos de Maringá e sua classificação.

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Maringá ⁷⁸	AH		LNI	Animotopônimo	Simple
	Floriano	AH		LP	Antropotopônimo	Simple
	Iguatemi	AH	Tupi: restos de bebedouro, lugar em que há remanescentes de antigos bebedouros. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Ergotopônimo	Simple
Povoado	Pinguim	AH		LP	Zootopônimo	Simple
Água	Pirapó, do	AF	Tupi: contr. pira-pora; pira-pora local do rio encachoeirado onde o	LT	Hidrotopônimo	Simple

⁷⁸ Para Aulete (DIGITAL, 2012) Maringá designa o bovino ou caprino cujo pelo claro é salpicado de preto.

			peixe pula. (SAMPAIO, 1928)			
	Içara	AF	Tupi: espécie de palmeira do sul do Brasil, de onde se extrai o palmito. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Inhanguaçu	AF	Tupi. ianuüa'su: ianu'ĩ 'aranha' + üa'su 'grande'. Aranha caranguejeira. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simple
	Itaituba	AF	Tupi: pedregulhal. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Litotopônimo	Simple
	Itapeva	AF	Tupi: o mesmo que itapeba, a pedra rasteira, a lage, o penedio. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Litotopônimo	Simple
	Roseira	AF		LP	Fitotopônimo	Simple
	Samba ⁷⁹	AF	De origem africana. (AULETE, 2012)	LAF	Animotopônimo	Simple
Córrego	Água Suja	AF		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Cleópatra	AF		LG	Antropotopônimo	Simple
	Louca, da	AF		LP	Animotopônimo disfórico	Simple
	Pitanga, da	AF	Tupi, <i>Pitanga</i> ...o fruto da pitangueira, que se qualifica pela sua cor avermelhada, que tem a pele vermelha, corada. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Romeira ⁸⁰ , da	AF		LP	Etnotopônimo	Simple
	Lombo ⁸¹ , do	AF		LP	Somatotopônimo	Simple
	Reino, do	AF		LP	Ecotopônimo	Simple
	Tauá, do	AF	Tupi: o mesmo que taguá, pedra ou argila de comer; barreiro. (SAMPAIO, 1928)	LT	Litotopônimo	Simple
	Miosótis ⁸² , dos	AF		LP	Fitotopônimo	Simple
	Reis, dos	AF		LP	Antropotopônimo	Simple
	Mandacaru	AF	Tupi: o feixe ou molho pungente, cheio de espinhos. (SAMPAIO, 1928)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Misto	AF		LP	N/C	Simple
	Pixiricuçu	AF	Pixurim. Var. picherim, pechurim, puchiry,	LT	Fitotopônimo	Simple

⁷⁹ De acordo com Aulete (DIGITAL, 2012), samba nomeia um tipo de dança de roda cantada, de or. africana, em compasso binário e acompanhamento sincopado, acompanhada ou não de umbigada e difundida pelo país com variantes coreográficas.

⁸⁰ Para Aulete (DIGITAL, 2012) é uma mulher que vai a romaria ou romagem a algum lugar santo; peregrina.

⁸¹ Aulete (DIGITAL, 2012) traz este lexia como designação de uma parte carnosa muito tenra que fica entre a espinha dorsal e as costelas, tanto de um lado quanto do outro, da rês (lombo de boi).

⁸² De acordo com Aulete (DIGITAL, 2012) é nome comum às plantas do gênero *Myosotis*, da fam. das boragináceas, nativas de regiões temperadas, de flores miúdas e vistosas, dispostas em racemos.

			pexurim . Tupi: pišurĩ. Planta da família das lauráceas, cujo fruto é também chamado noz- do-pará. (CUNHA, 1998)			
	Uaipó	AF	Variante de Igapó? T. ia'po. Charco, pântano coberto de mato. (CUNHA, 1998)		Hidrotopônimo	
	Zauna	AF			N/C	
Ribeirão	Atlântico	AF		LP	Hidrotopônimo	Simple
	Borba Gato	AF		LP + LP	Antropotopônimo	Composto
	Centenário	AF		LP	Numerotopônimo	Simple
	Chapécó	AF	Tupi: roça do sapé. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Morangueira	AF		LP	Fitotopônimo	Simple
	Floriano	AF		LP	Antropotopônimo	Simple
	Maringá	AF		LNI	Animotopônimo	Simple
	Paiçandu	AF	Tupi: ilha do padre ou ilha do pai. (ATEPAR, 1999)	LT	Corotopônimo	Simple
	Pinguim	AF		LP	Zootopônimo	Simple
	Sarandi	AF	Tupi: arbusto de praias, terra marinha, ilhota pedregosa. (ATEPAR, 1999)	LT	Litotopônimo	Simple
Total de topônimos de Maringá = 36 (AH = 04; AF = 32)						

No município de Maringá, os 36 topônimos permitiram elaborar a Tabela 18 com a classificação e frequência dos nomes referentes a acidentes físicos e acidentes humanos.

Tabela 18 – Tabela dos topônimos de Maringá e sua frequência taxionômica.

Taxionomia	AH	Nº	Porcentagem	AF	Nº	Porcentagem
animotopônimos eufóricos		1	25%		2	6.2%
animotopônimos disfóricos		-	-		1	3.2%
fitotopônimos		-	25%		8	25%
antropotopônimos		1	-		4	12.4%
corotopônimos		-	-		1	3.2%
ecotopônimos		-	-		1	3.2%
zootopônimos		1	25%		2	6.2%
litotopônimos		-	-		4	12.4%
etnotopônimos		-	-		1	3.2%
hidrotopônimos			25%		4	12.4%
ergotopônimos		1	-		-	-
ssomatotopônimos		-	-		1	3.2%
numerotopônimos		-	-		1	3.2%
Não classificado		-	-		2	6.2%
Total		04	100%		32	100%

Somando os topônimos referentes a acidentes humanos aos acidentes físicos, verificamos que em Maringá predominam os fitotopônimos (22%), seguido do antropotopônimos que representam (13%), os hidrotopônimos e litotopônimos, ambos representam (9%). Não foram classificados, córrego Misto e córrego Zauna.

3.3.4 Paiçandu

Mapa 22 – Município de Paiçandu



Fonte: IPARDES, 2010

Motivação: Faz referência ao ribeirão Paiçandu, que passa pelo município.. (ATEPAR, 1999)

Data de Instalação: 19.11.1961

Nome (s) anterior (es):

Área (Km²): 170,838

Mapa Municipal Estatístico / 2007 – Escala= 1:50.000 (IBGE)

População: 35.936 (IBGE, 2010)

Gentílico: paiçanduense

No município de Paiçandu, identificamos 13 topônimos que foram classificados e analisados segundo o Quadro 20.

Quadro 20 – Relação dos topônimos de Paiçandu e sua classificação.

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Paiçandu	AH	Tupi: ilha do padre ou ilha do pai. (ATEPAR, 1999)	LT	Corotopônimo	Simples
Distrito	Água Boa	AH		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
Povoado	Serrinha	AH		LP	Geomorfotopônimo	Simples
Água	Ibiapaba, do	AF	Tupi: a estância da terra alta, ou da chapada. (SAMPAIO, 1928)	LT	Geomorfotopônimo	Simples
	Corote ⁸³ , do	AF		LP	Ergotopônimo	Simples
	Itanapé	AF				
Córrego	Camcua	AF	Tupi: o bico do peito; colina pontiaguda; cabeça íngreme. (SAMPAIO, 1928)	LP	Geomorfotopônimo	Simples
	Água Suja, da	AF		LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
	Calixto, do	AF		LP	Antropotopônimo	Simples
Ribeirão	Bandeirantes do Sul	AF		LP + LP	Etnotopônimo	Composto
	Colombo	AF		LP	Antropotopônimo	Simples
	Paiçandu	AF	Tupi: ilha do padre ou ilha do pai. (ATEPAR, 1999)	LT	Corotopônimo	Simples
Rio	Fugitivo, do	AF		LP	Animotopônimo disfórico	Simples
Total de topônimos de Paiçandu = 13 (AH = 03; AF = 10)						

A Tabela 19, elaborada a partir dos dados do Quadro 20, expõe a classificação e frequência dos topônimos de Paiçandu.

Tabela 19 – Tabela dos topônimos de Paiçandu e sua frequência taxionômica.

Taxionomia	AH	Nº	Porcentagem	AF	Nº	Porcentagem
hidrotopônimos		1	33.3%		1	10%
antropotopônimos		-	-		2	20%
animotopônimos disfóricos		-	-		1	10%
ergotopônimos		-	-		1	10%
etnotopônimos		-	-		1	10%
corotopônimos		1	33.3%		1	10%
geomorfotopônimos		1	33.3%		2	20%
não classificados		-	-		1	10%
Total		03	100%		10	100%

Dessa forma, juntando os topônimos referentes a Acidentes Humanos aos Acidentes Físicos, observamos que predominam os geomorfotopônimos e corotopônimos com

⁸³ Para Aulete (DIGITAL) é uma espécie de barrilete para carregar água.

(30%), seguido dos antropotopônimos e hidrotopônimos (20%). Não foi possível classificar: água Itanapé.

3.3.5 Sarandi

Mapa 23 – Município de Sarandi



Fonte: IPARDES, 2010

Motivação: O nome faz referência ao ribeirão Sarandi, que passa pelo município. (ATEPAR, 1999)

Data de Instalação: 01.02.1983

Nome (s) anterior (es):

Área (Km²): 103,327

Mapa Municipal Estatístico / 2007 – Escala= 1:50.000 (IBGE)

População: 82.847 (IBGE, 2010)

Gentílico: sarandiense

O levantamento e classificação dos topônimos referentes a acidentes físicos e acidentes humanos do município de Sarandi permitiram elaborar o Quadro 21.

Quadro 21 – Relação dos topônimos de Sarandi e sua classificação.

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Sarandi	AH	Tupi: terra marinha, ilhota pedregosa. (ATEPAR, 1999)	LT	Litotopônimo	Simple
Povoado	Itajaí	AH	Tupi: rio pedregoso, com o leito cheio de pedras. (SAMPAIO, 1928)	LT	Hidrotopônimo	Simple
	Jaçanã	AH	Tupi: é a ave aquática. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simple
Água	Mara	AF		LP	Antropotopônimo	Simple

Córrego	Camanducaia	AF	Tupi: cercado ou choça para caça. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Ergotopônimo	Simple
	Guaiapó	AF	Variante de Igapó T. ia'po. Charco, pântano coberto de mato. (CUNHA, 1998)	LT	Hidrotopônimo	Simple
	Guaimbé	AF	Tupi: nome de uma planta ornamental da família das aráceas. (TIBIRIÇA, 1985)	LT	Fitotopônimo	Simple
	Ubá	AF	Tupi: a flecha para o arco. (SAMPAIO, 1928)	LT	Ergotopônimo	Simple
	Uvarana	AF			Fitotopônimo	Simple
Ribeirão	Aquidabã ⁸⁴	AF		LNI	Animotopônimo eufórico	Simple
	Jaçanã	AF	Tupi: é a ave aquática. (SAMPAIO, 1928)	LT	Zootopônimo	Simple
	Pinguim	AF		LP	Zootopônimo	Simple
	Sarandi	AF	Tupi: arbusto de praias, terra marinha, ilhota pedregosa. (ATEPAR, 1999)	LT	Litotopônimo	Simple
Rio	Itapuã	AF	Tupi: a pedra redonda; o bloco de pedra. (SAMPAIO, 1928)	LT	Litotopônimo	Simple
Total de topônimos de Sarandi = 14 (AH = 03; AF = 11)						

A Tabela 20, elaborada com os dados do Quadro 21, traz a classificação e frequência dos topônimos de Sarandi.

Tabela 20 – Tabela dos topônimos de Sarandi e sua frequência taxionômica.

Taxionomia	AH	Nº	Porcentagem	AF	Nº	Porcentagem
hidrotopônimos		1	33.3%		1	9%
antropotopônimos		-	-		1	9%
animotopônimos eufóricos		-	-		1	9%
zootopônimos		1	33.3%		2	18.2%
fitotopônimos		-	-		2	18.2%
ergotopônimos		-	-		2	18.2%
litotopônimos		1	33.3%		2	18.2%
Total		03	100%		11	100%

Considerando a soma entre os topônimos referentes a acidentes humanos e acidentes físicos, constatamos os seguintes percentuais predominantes: hidrotopônimos, zootopônimos e litotopônimos (30%), seguido dos antropotopônimos e hidrotopônimos (21%) cada.

⁸⁴ De acordo com IBGE, o nome Aquidabã é uma homenagem à vitória do Brasil, no dia 11 de junho de 1870, na celeberrima Batalha do Riachuelo, da Guerra do Paraguai.

CAPÍTULO IV ANÁLISE DOS DADOS

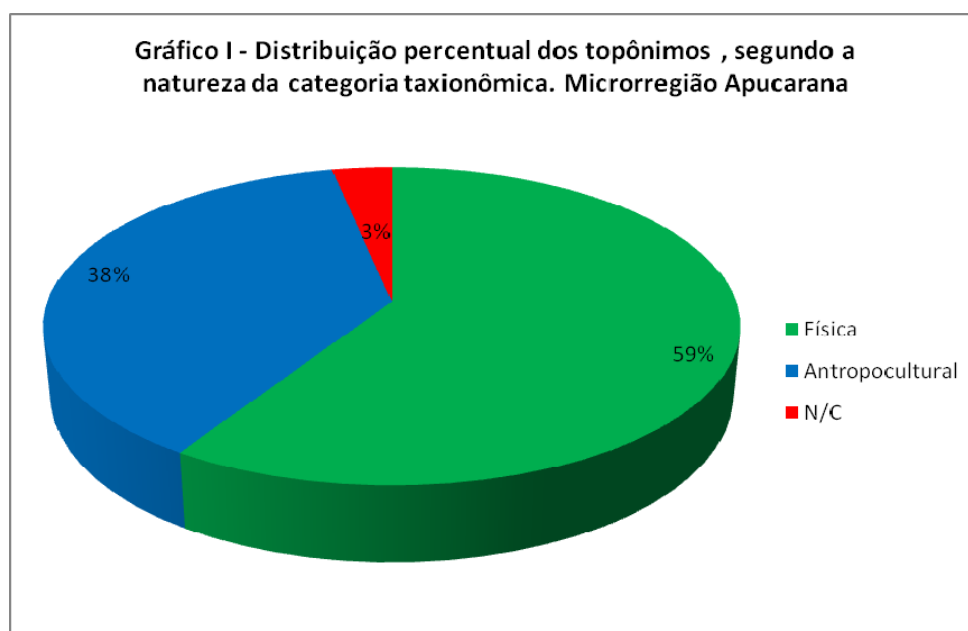
As três microrregiões do Norte Central Paranaense somaram um total de 901 topônimos. No primeiro momento, analisamos, separadamente, os topônimos de cada uma das três microrregiões estudadas e, na sequência, procedemos à análise de todos os topônimos estudados.

Essa análise foi pautada em dois aspectos: inicialmente demonstramos os dados gerais, o conjunto de topônimos nos moldes quantitativos e, na sequência, utilizamos gráficos que permitem uma visualização melhor dos resultados apurados.

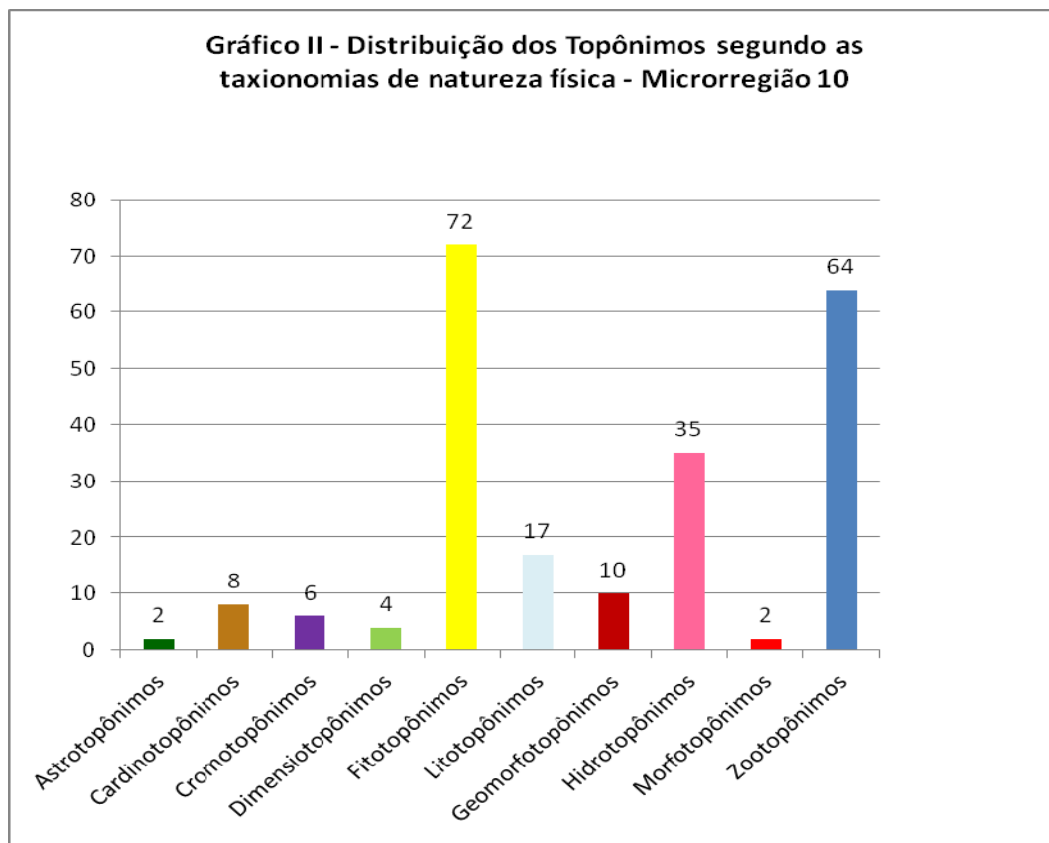
4.1 ANÁLISE DOS DADOS DA MICRORREGIÃO 10 APUCARANA

O *corpus* da microrregião 10, Norte Central Paranaense, contém um total de 373 topônimos, com predominância dos topônimos de natureza física, com uma incidência de 220 (59%) topônimos, e dos topônimos de natureza antropocultural 141 (38%). Não foram classificados nove topônimos, que representam 3%.

Os Gráficos I, II e III demonstram de forma quantitativa os topônimos identificados na microrregião de Apucarana, segundo a natureza da categoria taxionômica e a classificação dos topônimos (DICK, 1990).



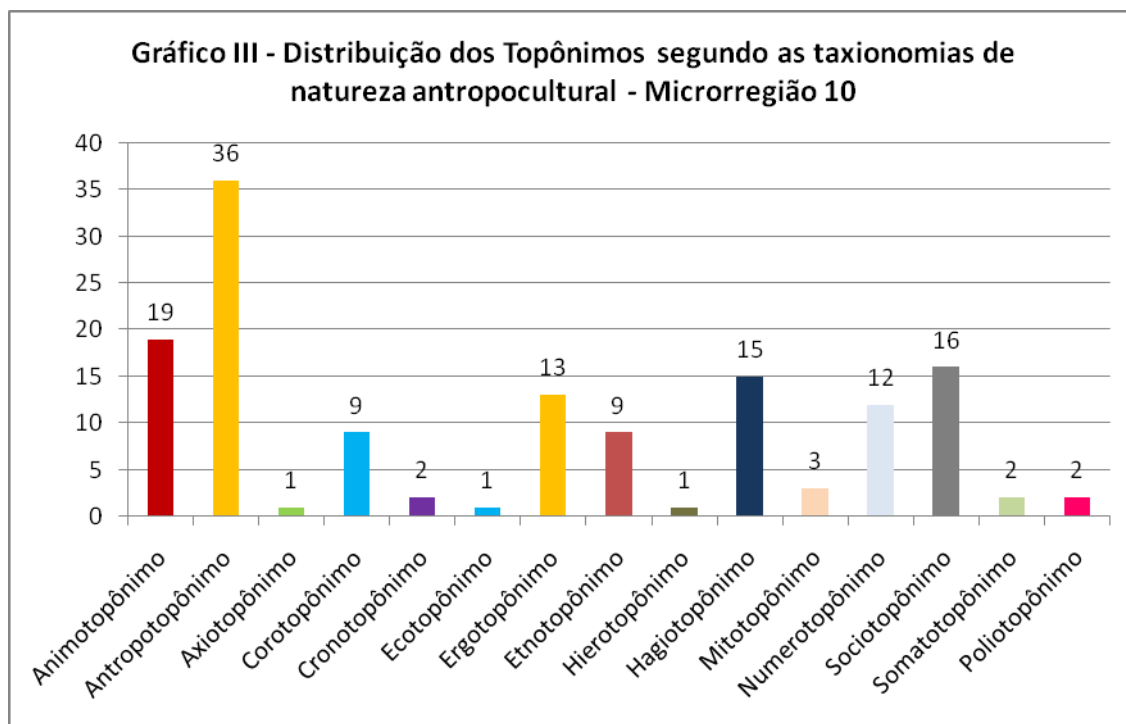
O Gráfico II mostra a incidência das taxionomias de natureza física da microrregião de Apucarana observadas na análise do *corpus*.



Os dados do gráfico II demonstram que, dentre os 220 topônimos de natureza física, da microrregião de Apucarana, predominam os fitotopônimos (72=32.7%), seguidos pelos: zootopônimos (64=29.3%), hidrotopônimos (35=15.9%), litotopônimos (17=7.7%), geomorfotopônimos (10=4.5%), cardinotopônimos (8=3.6%), cromotopônimos (6=2.7%), dimensiotopônimos (4=1,8%), astrotopônimos (2=0.9%) e morfotopônimos (2=0.9%).

Constata-se entre os topônimos de natureza física da microrregião de Apucarana, uma maior incidência dos fitotopônimos, seguidos pelos zootopônimos, que juntos revelam uma ocorrência de 62% do total.

O Gráfico III traz a incidência das taxionomias de natureza antropológica da microrregião de Apucarana, observada na análise do *corpus*.

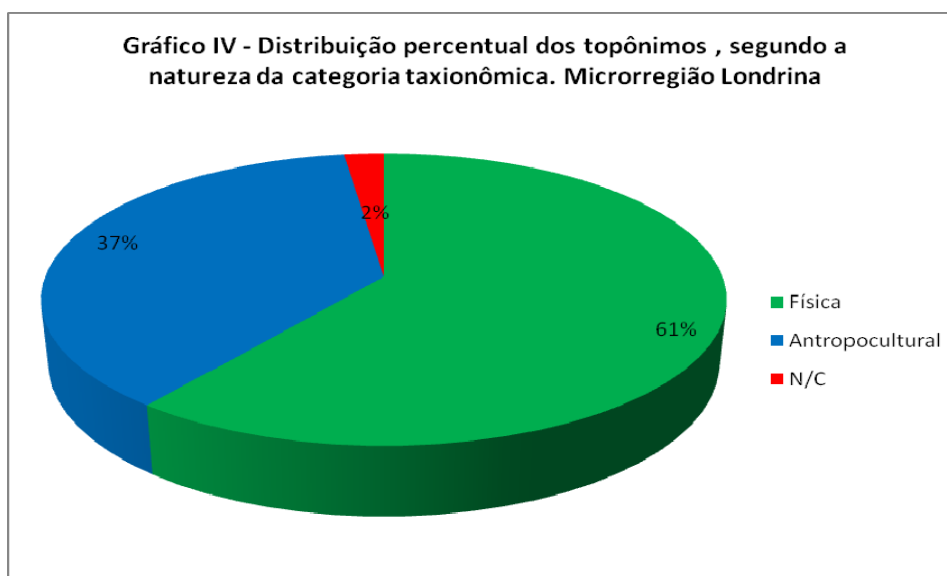


Observando o Gráfico III, entre todas as taxionomias de natureza antropocultural, ao todo foram 141 topônimos. Em ordem decrescente temos: antropotopônimos (36=25.7%), animotopônimo (19=13.6%), sociotopônimo (16=11.4%), hagiotopônimos (15=10.6%), ergotopônimo (13=9.2%), numerotopônimo (12=8.5%), corotopônimo (9=6.3%), etnotopônimo (9=6.3%), mitotopônimo (3=2.1%), cronotopônimo (2=1.4%), poliotopônimo (2=1.4%), somatotopônimo (2=1.4%), axiotopônimo (1=0.7%), ecotopônimo (1=0.7%), hierotopônimo (1=0,7%).

Entre os topônimos de natureza física e antropocultural, 12 topônimos não se enquadram em nenhuma classificação dos modelos utilizados, a saber: água Martá, água Juperagui, água Maripu, córrego Itacoarida, córrego Assori, córrego Lapuna, água Baguatá, córrego Brasa, água Sucuí, povoado Cimerezinho, bairro Sucuí.

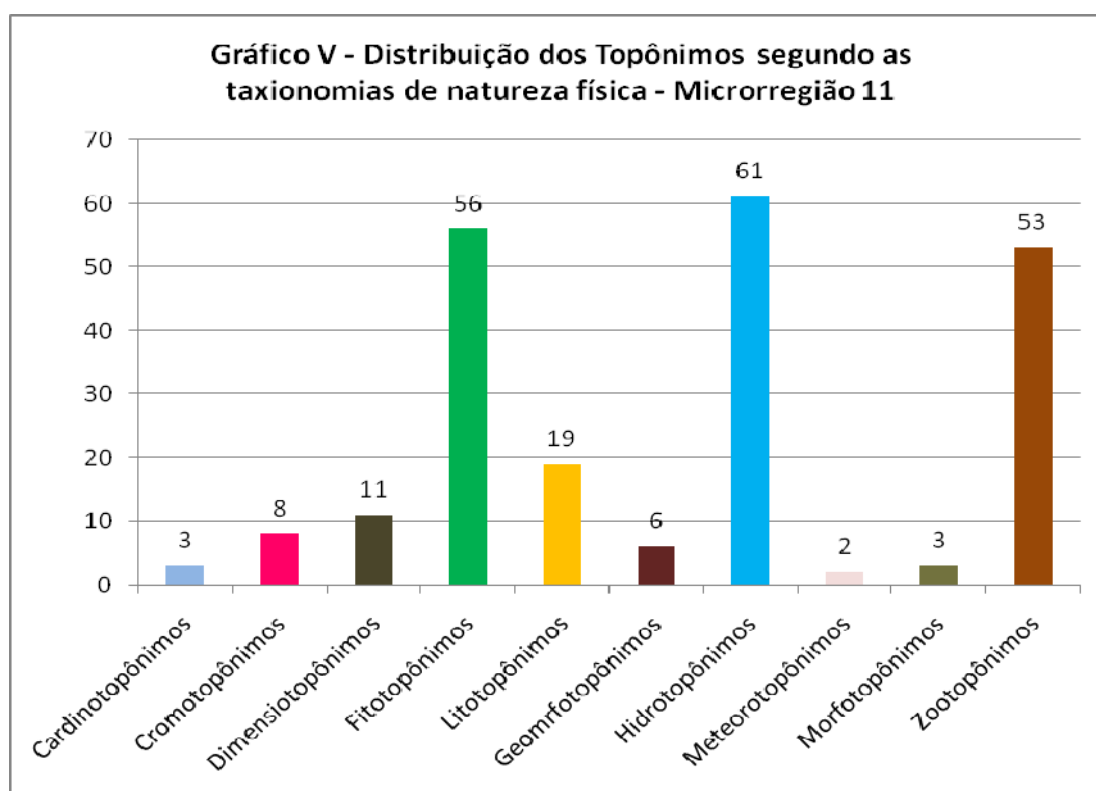
4.2 ANÁLISE DOS DADOS DA MICRORREGIÃO 11 LONDRINA

Na microrregião 11 de Londrina, detectamos 367 topônimos, dos quais 222 são de natureza física e 137 são de natureza antropocultural. Os gráficos IV, V e VI mostram os números relativos à microrregião geográfica de Londrina (11), segundo a natureza da categoria taxionômica e a classificação dos topônimos.



Constata-se que, nessa microrregião, a diferença entre os acidentes físicos e os humanos permanece grande, já que os primeiros representam 221 (61%) e os segundos 137 (37%). Os oito topônimos (2%) restantes não se enquadram em nenhuma classificação dos modelos utilizados.

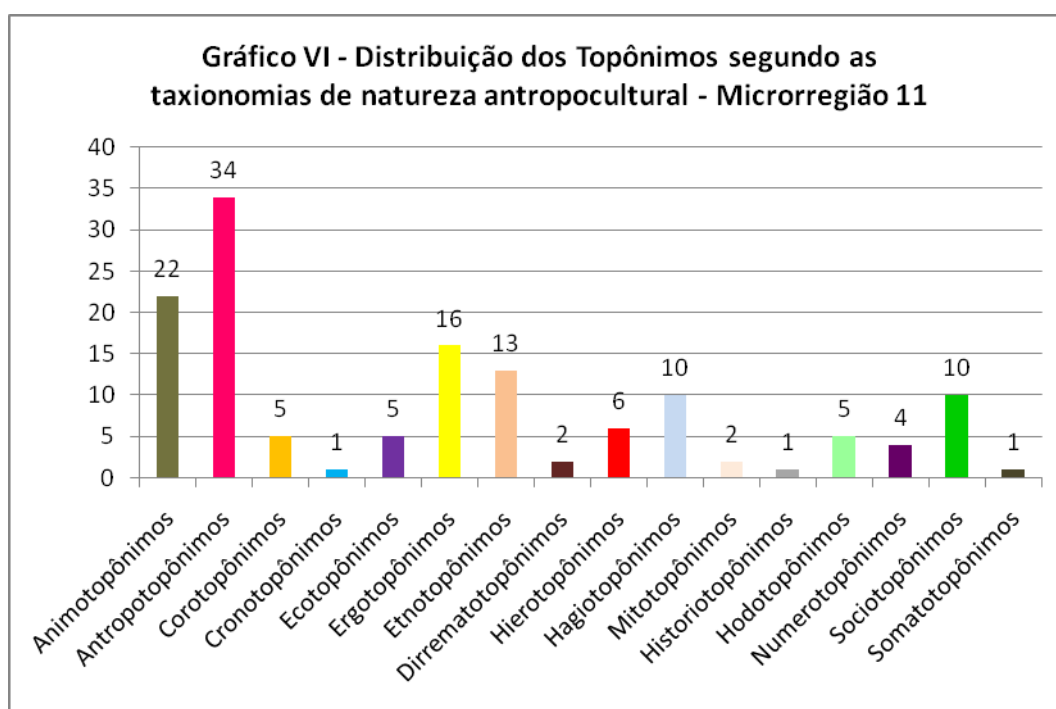
O gráfico V expõe os números relativos à distribuição taxionômica de natureza física.



Entre os 222 topônimos demonstrados no gráfico V, podemos verificar uma predominância dos hidrotopônimos em relação aos demais (61=27.4%), número que destoa do restante dos dados analisados, nos quais a incidência maior recai nos fitotopônimos. As demais classificações ficaram nessa ordem decrescente: fitotopônimos (56=25.4%), zootopônimos (53=23.9%), litotopônimos (19=8.5%), dimensiotopônimos (11=4.9%), cromotopônimos (8=3.7%), geomorfotopônimos (6=2.7%), cardinotopônimo (3=1.3%), morfotopônimos (3=1.3%) e meteorotopônimos (2=0.9%).

Verifica-se a grande presença de topônimos classificados com elementos da hidrografia, o que demonstra o deslumbramento com a natureza por parte dos pioneiros desta região.

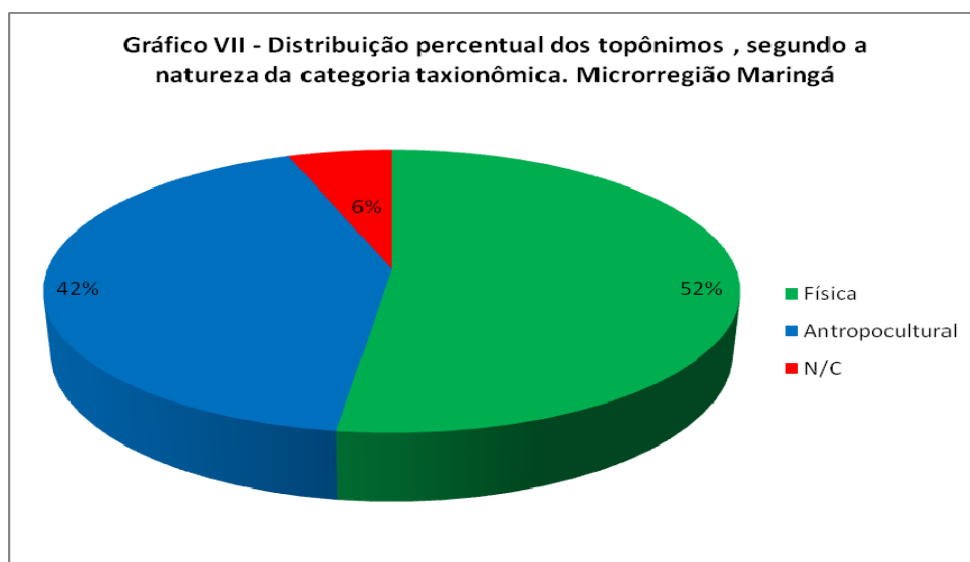
Passamos agora a analisar a distribuição de natureza antropocultural.



Observando o gráfico VI, notamos que, entre os 137 topônimos classificados, predominam as seguintes categorias (em ordem decrescente): antropotopônimos (34=24.8%), animotopônimos (22=16.3%), ergotopônimos (16=11.6%), etnotopônimos (13=9.4%), hagiotopônimos (10=7.4%), socioopônimos (10=7.4%), hierotopônimos (6=4.5%), corotopônimos (5=3.6%), ecotopônimos (5=3.6%), hodotopônimos (5=3.6%), numerotopônimos (4=2.9%), dirrematopônimos (2=1.4%), mitotopônimo (2=1.4%), historiotopônimo (1=0.7%), cronotopônimos (1=0.7%) e somatotopônimo (1=0.7%).

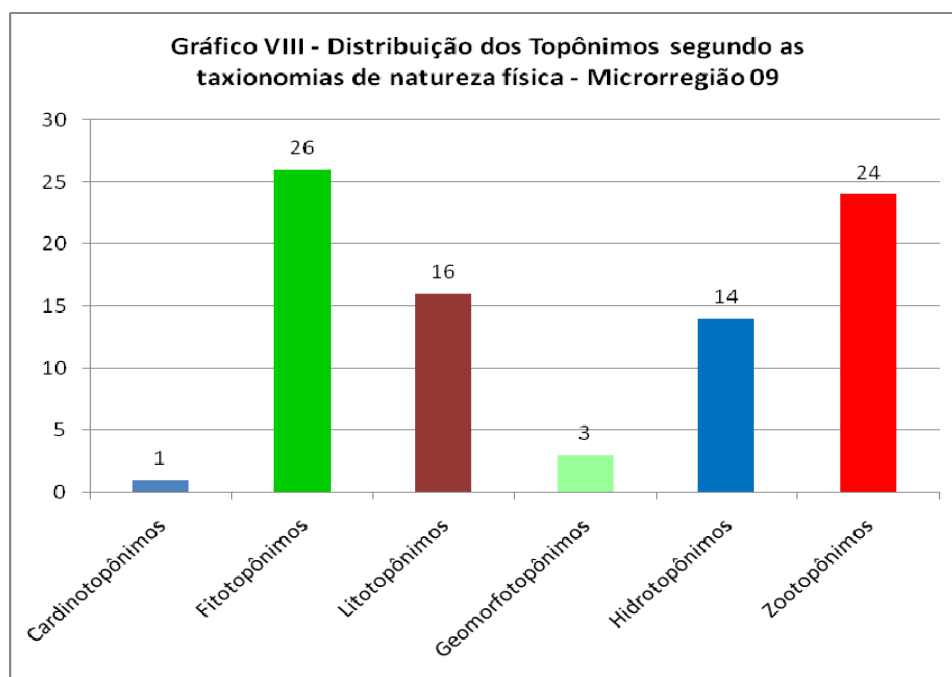
4.3 ANÁLISE DOS DADOS DA MICRORREGIÃO 09 MARINGÁ

Passamos agora à análise dos dados referentes à microrregião 09 Maringá, incluída na mesorregião do Norte Central Paranaense. O gráfico VII traz a distribuição toponímica de natureza física e antropocultural.



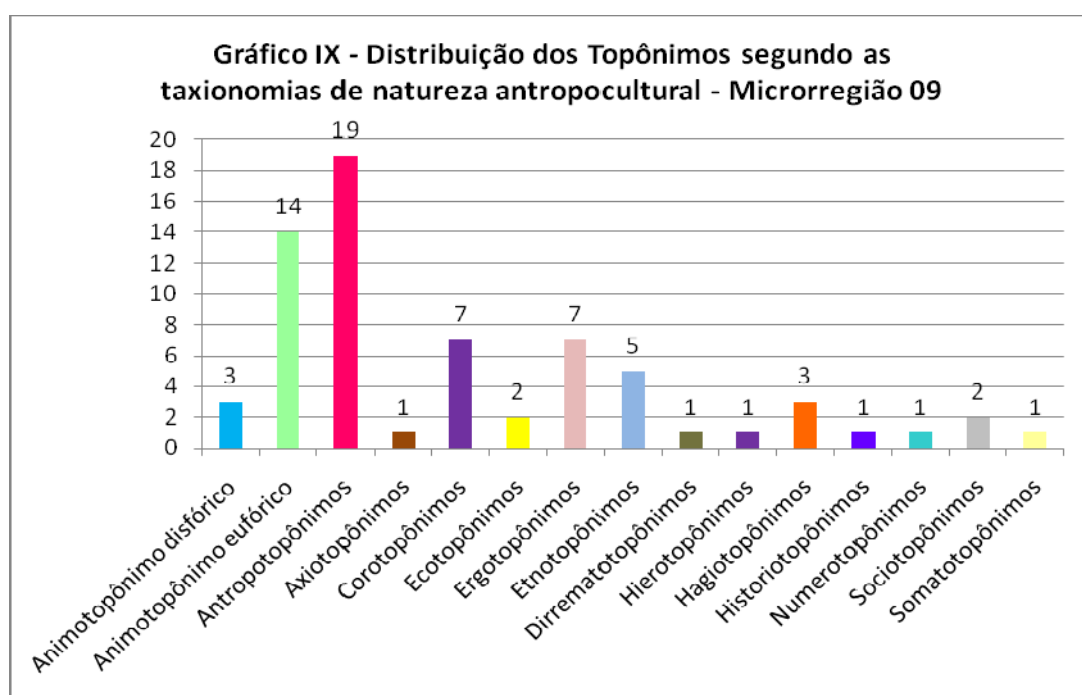
Observa-se no gráfico VII, novamente a maior incidência de topônimos de natureza física (84=52%), de um total de 161. Já os de natureza antropocultural obtiveram números consideráveis (68=42%). Não foram classificados nove topônimos, que correspondem a 6%.

O gráfico VIII mostra a distribuição das taxionomias dos topônimos de natureza física.



De acordo com o gráfico VIII, podemos verificar novamente a maior incidência dos fitotopônimos (26=30.9%) dentre os 84 topônimos classificados. Na sequência, em ordem decrescente temos: zootopônimos (24=28.5%), litotopônimos (16=19.2%), hidrotopônimos (14=16.8%), geomorfotopônimos (3=3.5%), cardinotopônimos (1=1.1%).

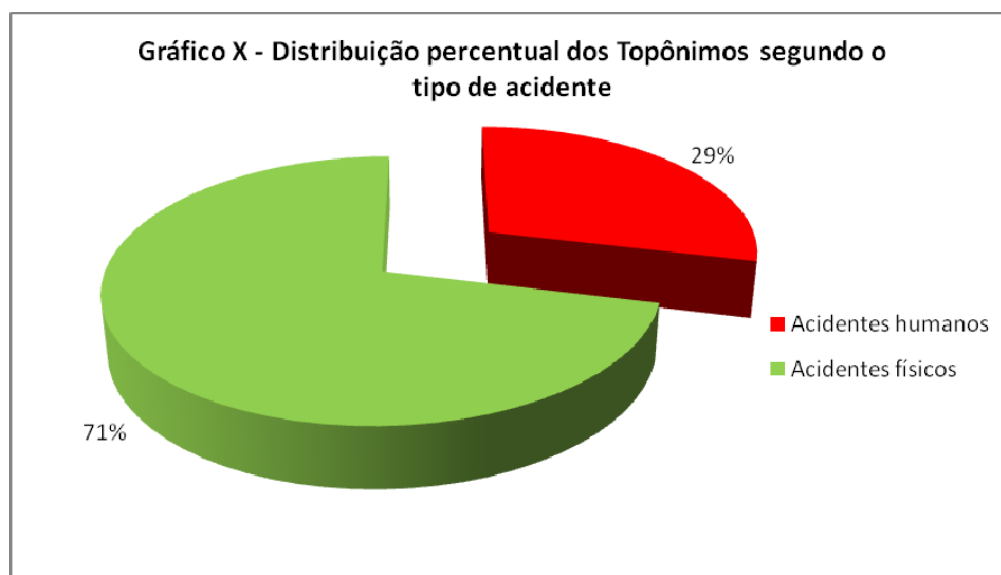
O gráfico IX apresenta a distribuição numérica das taxionomias de natureza antropológica.



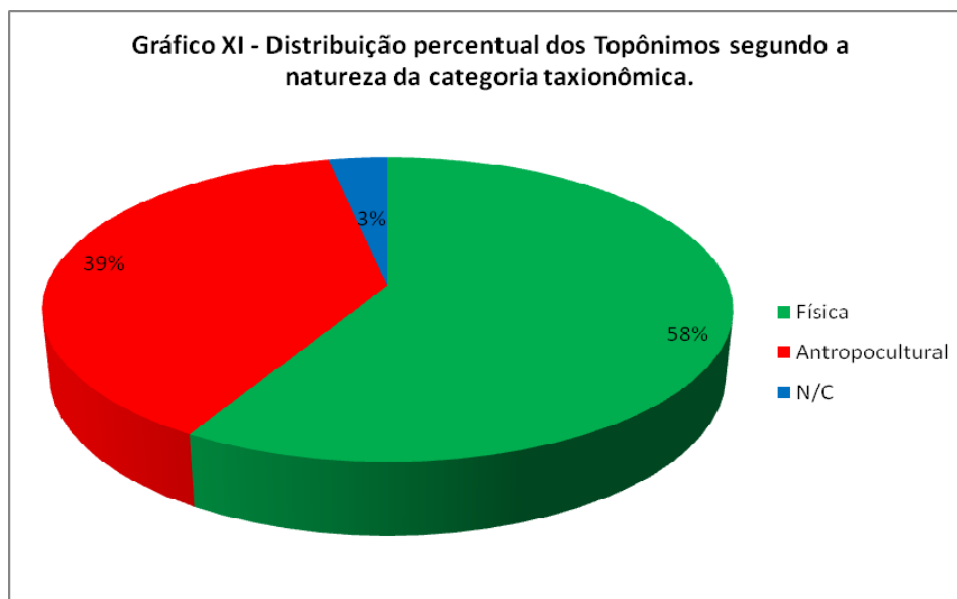
O gráfico IX, que apresenta 68 topônimos de natureza antropocultural, mostra uma proximidade entre os antropotopônimos (19=27.9%) e os animotopônimos eufóricos (14=20.6%), fato não observado até então nas outras microrregiões estudadas. As demais classificações, em ordem decrescente, ficaram assim dispostas: ergotopônimos (7=10.3%), corotopônimos (7=10.3%), etnotopônimos (5=7.3%), animotopônimos disfóricos (3=4.4%), hagiopônimos (3=4.4%), ecotopônimos (2=2.9%), sociotopônimos (2=2.9%), axiotopônimo (1=1.5%), dirrematotopônimo (1=1.5%), hierotopônimo (1=1.5%), historiotopônimo (1=1.5%), numerotopônimos (1=1,5%), e somatotopônimos (1=1,5%).

4.4 ANÁLISE CONJUNTA DO *CORPUS*

O *corpus* deste trabalho reúne topônimos relativos a três microrregiões do Norte Central do Paraná: Apucarana, Londrina e Maringá. A análise conjunta nos mostrará a distribuição total entre topônimos relacionados a acidentes físicos e acidentes humanos; também revelará o resultado final entre topônimos de natureza física e antropocultural e os percentuais de suas taxionomias.

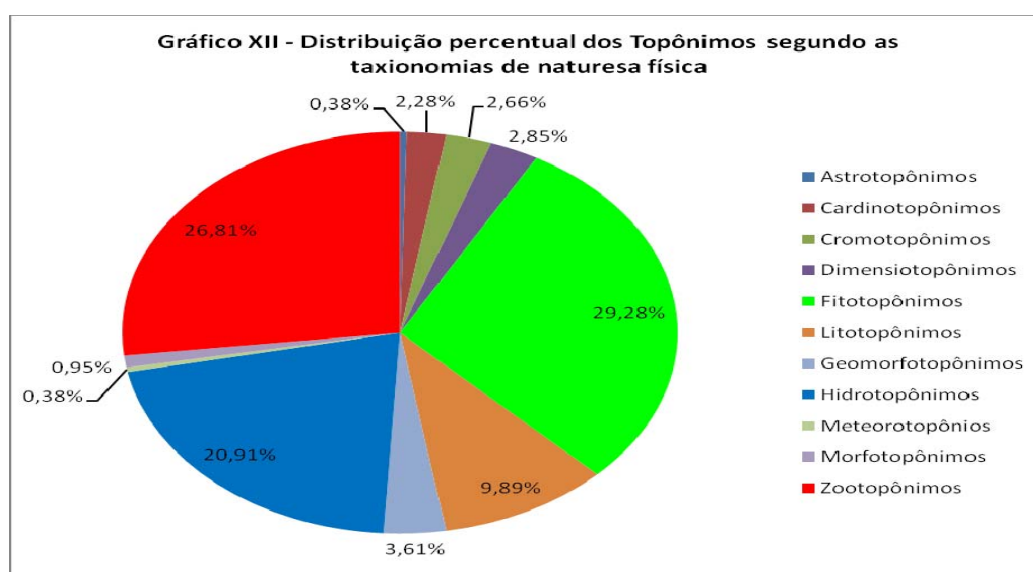


No montante, elencamos 901 topônimos neste *corpus* de pesquisa, 259, ou seja, 29% são nomes de acidentes humanos (nomes de povoados, distritos, cidades, colônias e lugarejos). Para os acidentes físicos (nomes de rios, riachos, arroios, ribeirões, morros, montes, serras e sangas), contabilizamos 642 topônimos, ou, 71% do total.



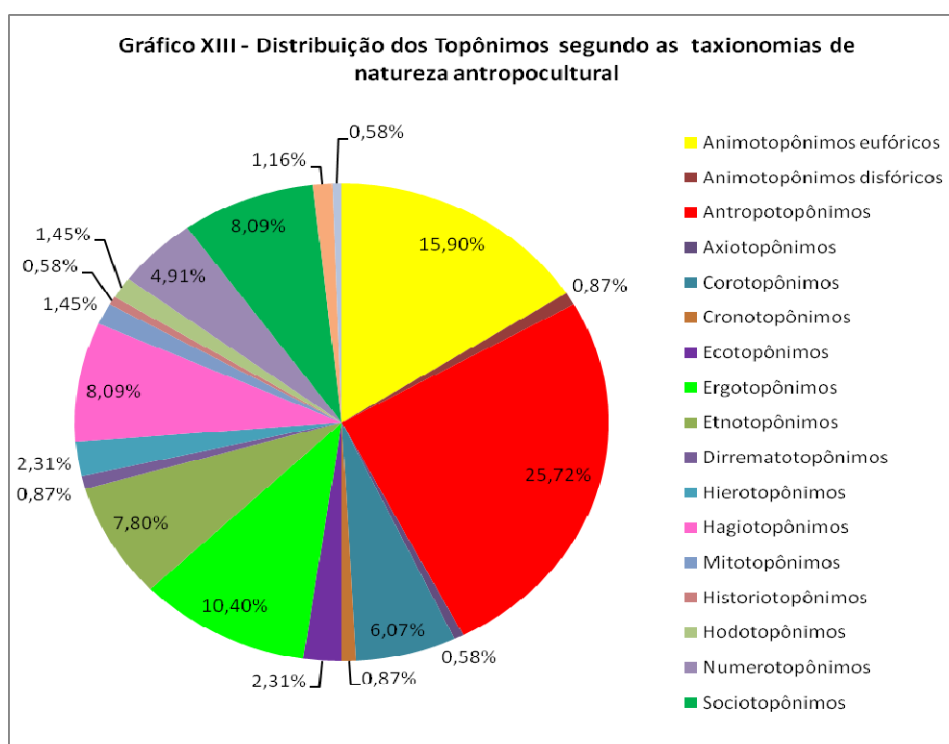
Seguindo o modelo proposto por Dick (1990, p.31-34), esses dados referem-se à natureza das taxionomias física e antropocultural. Os resultados obtidos revelaram os seguintes fatos: 526 topônimos foram classificados pelas taxes de natureza física, correspondendo a 58% do total e, 346 receberam classificação com as taxes de natureza antropocultural, o que representa 39% dos topônimos pesquisados. Os 29 topônimos restantes, que representam 3%, não se enquadraram em nenhuma classificação utilizada neste trabalho.

A maior incidência de taxionomias de natureza física flagra a predileção dos povos em nomear os lugares com nomes dos elementos físicos da natureza que o cerca. Resultados semelhantes foram registrados por Moreira (2006) e Zamariano (2006) entre outros.



Ao observar o gráfico XII, verificamos que, dentre as onze taxas de natureza física, que ao todo somam 526 topônimos, as três primeiras, fitotopônimos (29.28%=154), zootopônimos (26.81%=141) e hidrotopônimos (20.91%=110) totalizam 405 incidências, ou seja, 77% do total reunido. Esses dados refletem a tendência do homem em utilizar os elementos da natureza no momento da nomeação. Especificamente no Norte Paranaense, a fauna e a flora no início da venda de terras, capitaneadas pela Companhia de Terras Norte do Paraná, eram abundantes, as áreas ainda estavam sendo abertas, a história dessa região começara a se formar. Esses elementos naturais podem ter levado os pioneiros a optarem por elementos paisagísticos, vegetativos e da fauna, como núcleo principal para se chegar a uma nomeação.

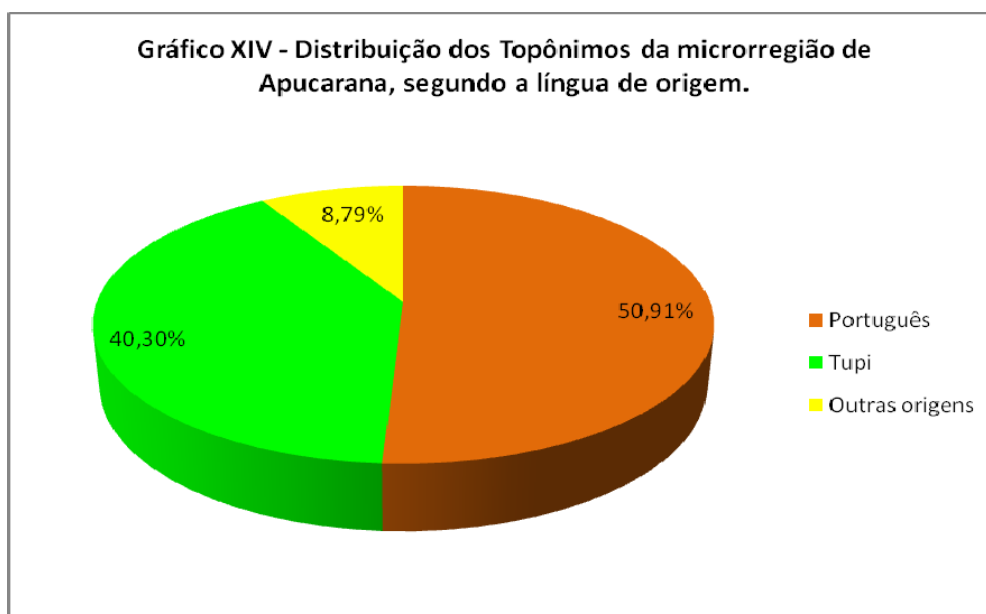
O gráfico XIII representa a produtividade dos topônimos de taxionomias conforme a natureza antropocultural em todo o inventário toponímico estudado.



Observando o gráfico XIII, do total de 346 topônimos, as três maiores incidências antropoculturais são: antropotopônimos com 25.72%, somando 89 registros, animotopônimos eufóricos com 15.9%, que correspondem a 55 incidências e ergotopônimos que representam 10.4%, que equivalem a 36 ocorrências. Esses números demonstram a preferência do denominador por nomes de pessoas, nomes relativos ao estado anímico das

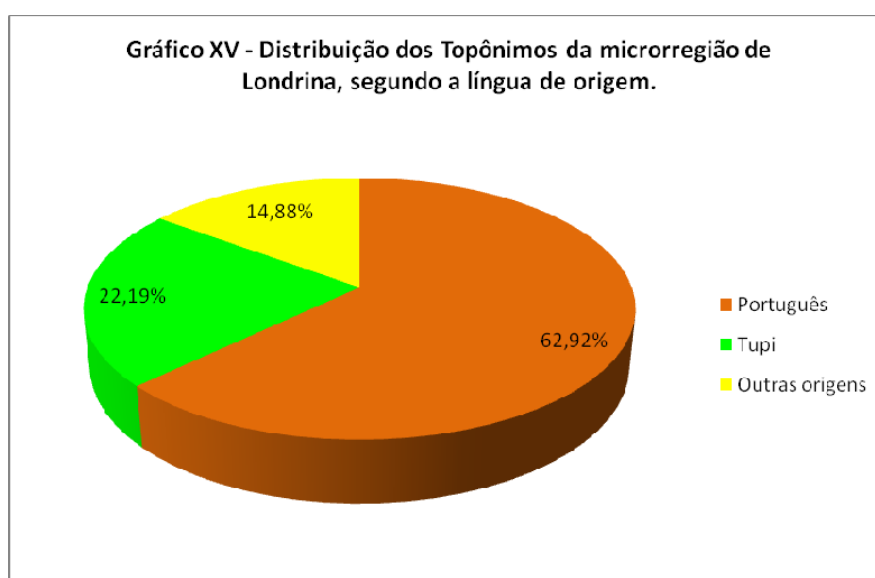
peças, nomes de elementos da cultura material do homem e da religião. As quatro primeiras taxionomias juntas traduzem um total de 54.02% das ocorrências pesquisadas.

4.5 ANÁLISE DOS DADOS SEGUNDO A LÍNGUA DE ORIGEM



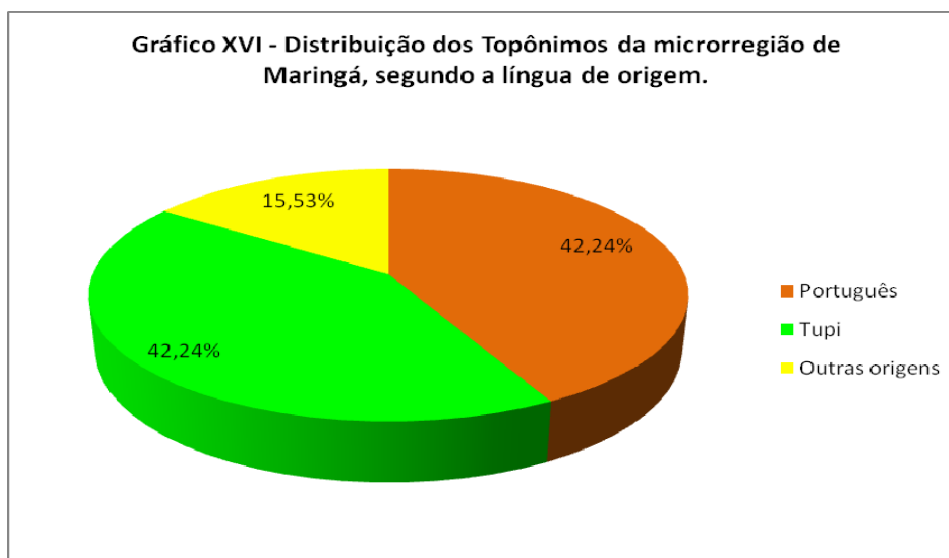
O número de topônimos com a etimologia Tupi é marcante na microrregião de Apucarana, representando um total de 40.30% do total etimológico, ainda que, inferior aos topônimos com etimologia da Língua Portuguesa, que representam um total de 50.91%.

O gráfico XV traz o percentual dos topônimos com etimologia Tupi, Português e outras origens, situado na microrregião Londrina.



No Gráfico XV, a etimologia de Língua Portuguesa representa 62.92% do total dos topônimos, porém a presença do extrato Tupi ainda representa um número elevado de 22.19%.

O Gráfico XVI, representa o percentual toponímico das etimologias referentes ao Tupi, a Língua Portuguesa e outras línguas.



O número dos topônimos referentes a etimologia Tupi, volta a ter crescimento na microrregião de Maringá, igualando percentualmente a Língua Portuguesa, comprovadamente pelos números a seguir: Português 42.24%, Tupi 42.24% e outras origens 15.53% do total.

4.6 SÍNTESE DOS DADOS TOPONÍMICOS DE CADA MUNICÍPIO

Refletindo sobre os dados demonstrados tanto ao longo do trabalho, consideramos importante verificar em cada município a predominância das taxionomias atribuídas a cada lugar.

4.6.1 Topônimos da Microrregião de Apucarana

Iniciando pela microrregião de Apucarana, composta por nove municípios, verificamos que o município que dá nome a essa microrregião possui uma tendência maior no momento da nomeação a optar por nomes de animais silvestres como, por exemplo: tatuzinho,

abutre, araras, beija-flor, entre outros, o que nos leva a deduzir que os acidentes nomeados não foram influenciados pela ação do homem, mas causados pela admiração da fauna existente neste local, então, quanto à classificação taxionômica predominante, temos os zootopônimos. Em seguida, nesse mesmo município, temos os fitotopônimos como predileção a nomeação do acidente; certamente influenciado pela beleza de sua flora. Enfim, decorrente da abundante reserva hídrica desta localidade, temos os hidrotopônimos, como por exemplo, o rio Pirapó, cuja nascente principal está localizada nesse município. Esse mesmo topônimo é utilizado para nomear um importante distrito dessa cidade, *distrito do Pirapó*.

Já para o município de Arapongas, onde todas as ruas são nomeadas com nomes de pássaros, identificamos uma predominância acentuada, em relação às demais, de fitotopônimos (coqueiral, parlmeirinha, alecrim, damasco, etc), fato que nos leva novamente a deduzir o deslumbramento humano em relação à natureza local. Esse município, apesar de vizinho de Apucarana (que obteve uma predominância de zootopônimos), recorreu à flora no momento da nomeação.

Para o município de Califórnia, verificamos uma sintonia em relação a Arapongas, tendo assim, um predomínio dos fitotopônimos, seguidos pelos zootopônimos e hidrotopônimos, mostrando, assim, que no momento da nomeação, nesses três municípios vizinhos (Apucarana, Arapongas e Califórnia), a natureza, ainda nativa, foi preponderante e fascinante para o colonizador ao atribuir nomes aos acidentes.

O município de Cambira vai comungar com os demais já mencionados neste capítulo optando pelos fitotopônimos; o fato incomum, até o momento, fica reservado à segunda predileção, que serão os litotopônimos (povoado Pedreira, água Itapé, ribeirão Itacolomi, etc), ainda que relacionado à natureza do local, destoa dos demais municípios vizinhos.

Em relação ao município de Jandaia do Sul, verifica-se que os nomes de aves, a partir do próprio nome da cidade, são fatores decisivos, já que os zootopônimos nomeiam tanto acidentes humanos (povoado Dourados), quanto físicos (água do Bagre, córrego Araruana) dessa localidade, fator que deixa latente a empolgação humana com a fauna dessa região.

Em Marilândia do Sul, identificamos a discrepância mais considerável nessa microrregião em relação à predileção taxionômica. Sendo que os antropotopônimos ficam com preferência no ato da nomeação, independentemente do tipo de acidente (povoado Alves, povoado Faleiros, povoado Franco; água do Fortunato, água do Robertão, ribeirão Alcântara, etc). Mesmo que a natureza apresentasse as mesmas características dos demais municípios

dessa microrregião, a opção por homenagear pessoas e famílias pioneiras dessa localidade foi determinante para batizar os acidentes, mesmo assim, os fatores naturais, principalmente a diversidade da fauna, não foram deixados de lado, mostrando presença, principalmente nos acidentes físicos (ribeirão do Tigre, córrego do Macaco, etc.), reiterando uma característica regional no momento da nomeação.

O município de Mauá da Serra tem uma diversidade taxionômica agregada ao pequeno número de acidentes que, apesar de mostrar uma predominância dos antropotopônimos (Mauá da Serra e rio Valêncio) e dos cardinotopônimos, revela-se um tanto quanto difícil perceber a real motivação no ato da nomeação, visto que os rios não nascem naquele município (rio do Meio e ribeirão do Meio), adotando, assim, nomes já estabelecidos anteriormente por colonizadores de outra região.

Fechando essa microrregião, temos os municípios de Novo Itacolomi e Sabudia, ambos com predomínio de fitotopônimos, seguidos dos zootopônimos, fato que enfatiza novamente a riqueza natural dessa microrregião e a empolgação do homem ao se deparar com tal maravilha.

Verifica-se então que, além das riquezas naturais já mencionadas, outro fator relevante é o uso da língua tupi para buscar a nomeação dos acidentes, as expressões indígenas mostraram-se fundamentais e valorizadas pelo homem, que de maneira indireta homenageou os primeiros habitantes dessa região. Constata-se também que o cultivo do café nessa região foi preponderante para o avanço populacional e econômico, no entanto, não exerceu influência no momento da nomeação.

4.6.2 Topônimos da Microrregião de Londrina

O município de Cambé demonstrou um predomínio de zootopônimos principalmente em acidentes físicos (água do Bugio, Cateto, Guará, Jabuti, Javali, etc), e ainda demonstra uma unanimidade na escolha de animais silvestres em detrimento aos domésticos. Esse fato se dá pelo motivo de que essa região (como vimos no capítulo histórico) era totalmente tomada por mata fechada, logo, seus recursos naturais eram abundantes e diversificados.

Já para os municípios de Ibiporã e Londrina, identificamos uma predominância idêntica, pela ordem: hidrotopônimos, litotopônimos e zootopônimos. Além de vizinhos, esses municípios são ricos em recursos hídricos, principalmente em se tratando do rio Tibagi, que, com grande potencialidade hídrica, percorre uma extensão aproximada de

69,25 km no município de Londrina, contando ainda com vários ribeirões. Essa abundância hídrica colaborou para motivar a nomeação de acidentes humanos e físicos como: bairro Barra Funda, povoado Água Boa, Água do Itai, Água do Japira, etc. Outros aspectos representativos nos dois municípios foi a exuberância da fauna e a flora, zootopônimos e fitotopônimos, respectivamente.

No município de Pitangueiras, há um forte predomínio dos fitotopônimos. Verifica-se a tendência em nomear atribuindo nomes da vegetação local, partindo do próprio nome do município, estendendo-se tanto aos acidentes humanos quanto aos físicos.

A discrepância de dados encontra-se no município de Tamarana, em que há o predomínio dos antropotopônimos na nomeação de acidentes de natureza humana e física (povoado Moreira, povoado Viana, córrego Faustino, ribeirão dos Moraes). Constata-se então que, no momento da nomeação, foram homenageadas as famílias daquela localidade.

É evidente que as riquezas naturais foram usadas para nomear os acidentes estudados. A língua tupi novamente mostra-se presente nessa microrregião, sendo usada frequentemente para nomeação de acidentes. Constata-se também que o cultivo do café nessa região foi preponderante para o avanço populacional e econômico, no entanto, não houve influência no momento da nomeação.

4.6.3 Topônimos da Microrregião de Maringá

Quanto ao município de Mandaguari, constatamos um fenômeno até então não encontrado quanto à classificação taxionômica, o predomínio de animotopônimos eufóricos (povoado Vitória de São Pedro, povoado Vitória do Alegre, córrego Bonito, ribeirão Alegre, etc), seguido de perto pelos zootopônimos e fitotopônimos. Esse fato (predomínio de animotopônimos) revela que, além de possuir uma beleza natural capaz de motivar o homem a nomear algo, o desejo, o otimismo e a fé dos colonizadores desse local foram maiores e determinantes na escolha dos nomes.

Para os municípios de Maringá, Marialva e Sarandi, com localização próxima uma das outras, o que influenciou no momento da nomeação foram os elementos naturais, principalmente a vegetação, que predominou nos municípios de Maringá (água Içará, água Roseira, córrego Pitanga, etc.) e Marialva (povoado Caraná, povoado Itiúba, córrego Guaimbé, etc.), ou seja, novamente a beleza nativa foi determinante para o colonizador no momento da nomeação. Em relação a Sarandi, observa-se que, apesar de a natureza ser a

principal motivação, nesse município o litotopônimo foi o que mais prosperou (Sarandi, Itapuã, etc.).

A nomeação de acidentes com etimologia tupi, nessa microrregião, foi a mais produtiva entre todas as microrregiões estudadas.

Uma das hipóteses que levantamos de início é que a agricultura, principalmente a cafeicultura, que atraiu de imediato milhares de fazendeiros e outros trabalhadores da terra procedentes de quase todos os pontos do Brasil, com ênfase na presença dos mineiros, paulistas, paranaenses do sul e nordestinos de vários estados, fosse um fator importante na nomeação dos lugares descobertos ou explorados. No entanto, embora a cafeicultura tenha sido a maior alavanca para o povoamento e desenvolvimento da região, não registramos nenhum topônimo referente às várias etapas dessa lavoura: nomes de instrumentos, locais de trabalho, meios de transportes ou fases do cultivo. Muito recentemente na década de 80 a rodovia 376 que liga o norte à capital foi denominada Rodovia do Café.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente é importante destacar que a mesorregião estudada (Norte Central Paranaense) é composta por oito microrregiões e o recorte para esta dissertação centrou-se nas microrregiões de Apucarana, Londrina e Maringá. Sendo assim, admite-se que um campo para novas investigações fica aberto para estudos posteriores.

Neste trabalho, a busca por topônimos relacionados ao café, produto que marcou uma época na história econômica e social do Paraná, especificamente, o norte paranaense, foi o fio condutor para a seleção do objeto da pesquisa. Até a década de 70 o café gerou centenas de milhares de empregos, colocou alimento na mesa de milhares de famílias e gerou muita riqueza, a ponto de ser o maior produtor nacional. A cultura cafeeira proporcionou oportunidades nas diversas etapas de sua produção: no plantio e capina das roças; na colheita, na comercialização e transporte até as máquinas de beneficiamento. Sem dúvida, o ciclo do café contribuiu de forma significativa e única para a formação do Norte do Paraná.

Foi justamente o ciclo cafeeiro aliado à importância cultural e econômica do Norte Central paranaense, que representa 9% do território desse Estado, o critério adotado para a seleção da área investigada neste estudo, que teve como objetivo identificar e catalogar os topônimos dos acidentes geográficos, físicos e humanos, coletados em mapas oficiais de 20 municípios.

Posteriormente à elaboração do inventário toponímico, efetuamos uma descrição de cada topônimo quanto à língua de origem, à etimologia, à classificação taxionômica e a estrutura morfológica.

As questões estabelecidas para a pesquisa foram as seguintes: (i) o topônimo reflete na língua os aspectos físicos e as influências étnicas, sociais, religiosas, culturais e econômicas de um povo que se fixaram em determinado local; (ii) a toponímia dos municípios pesquisados revela marcas do ciclo econômico do café na história social do estado do Paraná.

Ao final do trabalho, pudemos concluir que a primeira hipótese se confirma, visto que designativos como colônia *Esperança* e povoado *Bom Progresso* remetem às expectativas de vida do morador da região; rios *Jacutinga*, *Tibagi* e *Pirapó* - nomes de origem da língua tupi - e água *Mijoleira* - nome de origem quimbundo - revelam influências étnicas e históricas dos diversos povos que viveram na região estudada. A segunda hipótese não se confirmou. Apesar da grande influência do cultivo do café no Norte do Paraná, esse

produto não se ramificou para a toponímia, com exceção dos topônimos: água *Ouro Verde*, ribeirão *Cafezal*, além de Povoado de Monjolo, Povoado de Monjolinho, Água do Monjolinho e Água Mijoleira, únicos indícios toponímicos na região. Como a fauna e a flora eram abundantes nessas localidades, certamente foram as inspiradoras na nomeação dos acidentes, justificando a alta frequência de zootopônimos e fitotopônimos descritos neste trabalho.

Outro aspecto que merece destaque é a questão das taxes mais produtivas: *fitotopônimos* (154), *zootopônimos* (141) e *hidrotopônimos* (110), taxionomias de natureza física; *antropotopônimos* (89) e *animotopônimos* (58), entre as de natureza antropocultural. Essas cinco taxionomias respondem, nesta pesquisa por 552 topônimos, representando 61.26% do *corpus*.

A preferência por nomes dessas categorias é algo comum na toponímia em geral; o homem procura homenagear o que tem de mais valioso no local em que conquista como a vegetação, os rios e os animais.

Quanto aos *antropotopônimos*, verificamos a prática de atribuir nomes de pessoas em designativos de lugares, como forma de prestar homenagens a pessoas ilustres da região. Para exemplificar, usamos o caso do distrito *Correia de Freitas*, designativo que simboliza uma homenagem a Manuel Correia de Freitas, deputado federal pelo Paraná no início do século XX. O registro de 89 registros (9.87%) de *antropotopônimos* confirma essa tendência no ato de nomear espaços que ocupa.

Outro fator marcante no *corpus* desta pesquisa é a presença marcante dos *animotopônimos*, que revelam o estado de ânimo dos desbravadores que chegaram ao estado do Paraná. Palavras e expressões que exaltavam o ânimo dos habitantes não faltaram no momento da nomeação. Dentre outros podemos citar os topônimos água *Bela Vista* e rio *Bom*.

Ao final da pesquisa, com os resultados apurados, podemos afirmar que a metodologia adotada necessita de melhoramentos, principalmente sob dois aspectos: os mapas utilizados para a pesquisa são de qualidade questionável, visto que a visualização em certos pontos é quase impossível, pois não são mapas específicos para esse tipo de pesquisa; outro fator que poderia contribuir para aumentar a qualidade do trabalho é a pesquisa *in loco* – a visita em cada município deixaria o pesquisador mais próximo da realidade, além de possibilitar o acesso a prefeituras, museus e principalmente alguns depoimentos de moradores mais antigos. No entanto, considerando os objetivos estabelecidos, a metodologia e o suporte teórico adotados, podemos afirmar que os resultados foram satisfatórios para um trabalho dessa natureza.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Atlas Linguístico do Paraná – veredas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org). **A geolinguística no Brasil** – caminhos e perspectivas. Londrina: Editora UEL, 1998.
- ALBINO, Lídia. **A relação da hidrotponímia com a história social no Paraná:** uma descrição diacrônico-contrastiva. 2004. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- ALBINO, Lídia. **A substituição do nome de lugar:** um ato essencialmente motivado. 2002. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- ANDRADE, Karylleila dos Santos. **Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins.** Tese de Doutorado. 2006. Universidade de São Paulo.
- ANJOS, Marcelo Alessando Limeira dos. **Marcas toponímicas em solo piauiense:** seguindo as trilhas das águas. Tese de Doutorado. 2012. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- ATEPAR – Esboço de um Atlas Toponímico do Estado do Paraná. **Glossário.** Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas – Universidade Estadual de Londrina, Londrina – 1999. (inédito)
- AULETE, Francisco Júlio de Caldas. **Dicionário contemporâneo de língua portuguesa.**
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 13.ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2009.
- BALHANA, Altiva Pilatti; MACHADO, Brasil Pinheiro. **História do Paraná.** Curitiba: Grafipar, 1969 – 1 v.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística:** linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BORDONI, Orlando. Dicionário – **A língua tupi na geografia do Brasil.** Campinas: Gráfica Muto Ltda, s/d.
- BRAZ, Fábio Cezar. **História do Paraná – das origens à atualidade.** Arapongas, El Shaday, 2000. 2 v.
- BRITO, Adriano Naves de. **Nomes próprios:** semântica e ontologia. Brasília: UNB, 2003.
- CANCIAN, Nadir Aparecida. **Cafeicultura paranaense:** 1900/1970. Curitiba: Grafipar, 1981.
- CARDOSO, Armando Levy. **Toponímia brasileira.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.

CARDOSO, Elisângela Costa Rebello. **Especificidades da motivação toponímica na microrregião de Campo Mourão**. 1996. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

CARVALHO, Mônica Emmanuelle Ferreira de. **Língua e cultura do norte de minas: a toponímia do município de Montes Claros**. 2010. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CASIMIRO, Lúcia Helena Alves. **Toponímia: uma contribuição aos estudos dos topônimos no Estado do Paraná**. 1996. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

CASTIGLIONI, Ana Claudia. **Glossário de topônimos do bolsão sul-mato-grossense**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

CAZAROTTO, Suely Aparecida. **Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses: uma proposta**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

COLONIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO NORTE DO PARANÁ. São Paulo: Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná, 24 de setembro 1975.

COSTA, Nivaldete Aparecida Santos. **Topônimos dos municípios paranaenses da região sudoeste**. 1996. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

CUNHA, Antônio Geraldo da (1998). **Dicionário histórico das palavras de origem Tupi**. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos.

DARGEL, Ana Paula Tribesse. **Entre buritis e veredas: o desvendar da toponímia do Bolsão Sul-Mato-Grossense**. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas (MS).

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A estrutura do signo toponímico. In: **Língua e literatura**. São Paulo: USP, 1980.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo. Edições Arquivo de São Paulo, 1990 – Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas; Universidade de São Paulo.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e questões terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: o atlas toponímico do Estado de São Paulo. In: **Investigações – Linguística e Teoria Literária**. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística/UFPE, 1999.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antroponímia no Brasil. – coletânea de estudos**. 2.ed. São Paulo: serviço de Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/USP, 1990b.

DURANTI, Alessandro. **Linguistic anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. ver. Amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **O Paraná e seus municípios**. Maringá: Memória Brasileira, 1996.

FRANCISQUINI, Ignez de Abreu. **O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos em treze municípios da microrregião de Paranavaí**. 1996. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

FRANCISQUINI, Ignez de Abreu. **O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranavaí**. Londrina, 1998 Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

GONSALVES, Doraci da Luz. **Um estudo da toponímia da porção Sudoeste de Mato Grosso do Sul: acidentes físicos e humanos**. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

HOUAISS, Antônio. **Elementos de bibliologia**. Reimpressão fac-similar. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL: Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE – **Instituto brasileiro de geografia e estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf>>

ISQUERDO, Aparecida Negri. **O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural**. 1996. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara.

ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. 2. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

JORNAL FOLHA DE LONDRINA, ed. 13.04.1980, p.25.

LAZIER, Hermógenes. **Paraná: terra de todas as gentes e de muita história**. 2005. 3. ed. Francisco Beltrão: GRAFIT – Gráfica e Editora Ltda.

LIMA, Emanoela Cristina. **A toponímia africana em Minas Gerais**. 2012. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MAGALHÃES, Erasmo D' Almeida et al. **Dicionário de geografia do Brasil com terminologia geográfica**. 2 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. 3. ed. Curitiba: editora Limitada, 1953.

MATOS, Olga Kyrylko. **Estudos toponímicos das regiões oeste e noroeste do Paraná**. 1996. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

MENDES, Leticia Rodrigues Guimarães. **Hidronímia da região do rio das velhas: de Ouro Preto ao Sumidouro**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MENEZES, Maria de Campos. **O léxico toponímico nos domínios de dona Joaquina de Pompéu**. 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MOREIRA, Hélio Costa. **A toponímia paranaense na rota dos tropeiros: caminho das missões e estrada de Palmas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

MOREIRA, Igor. **O espaço geográfico – geografia geral e do Brasil**. São Paulo: Ática, 1998. ed. 38.

OLIVEIRA, Leodmar Romam de. **Esboço de um Atlas Toponímico**. 2000. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

OROZCO, Antonio. **Mãe de Deus e nossa mãe**. Iniciação à Mariologia. Lisboa: Diel, 1997.

PEREIRA, Mara Dutra. **A toponímia norte-paranaense: uma tentativa taxionômica**. 1996. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

PEREIRA, Renato Rodrigues. **A toponímia de Goiás: em busca da descrição de nomes de lugares do município do sul goiano**. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. **Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança**. [Orientador: Suzana Alice Marcelino Cardoso]. Salvador: ILUFBA/ PPGLL, 2008. [Tese de Doutorado], 3 vol.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. Bahia: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artífices, 1928.

SANTOS, Célia Dias dos. **Topônimos londrinenses: uma proposta taxionômica com base no motivo da nomeação**. 1996. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 3. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1971.

SCHNEIDER, Marlene. **Um olhar sobre os caminhos do pantanal Sul-Mato-Grossense: a toponímia dos acidentes físicos.** 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo.** 2004. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte.

SILVA, Claudécir da. **Estudo toponímico em doze municípios do norte do Paraná.** 1996. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SILVA, Marlene F. da. **Nomes vulgares de plantas amazônicas.** Belém: INPA, 1977.

SOUZA, Carla Regina de. **A toponímia da rota da retirada da Laguna: marcas da história na nomenclatura geográfica.** 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

SPERANDIO, Elaine Maria. **Investigação toponímica dos municípios de Campina da Lagoa, Cascavel e Curitiba.** 1996. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia Dias. **História do Paraná – do século XVI à década de 1950.** Londrina: Editora UEL, 2002.

TAVARES, Marineide Cassuci. **Estudo toponímico da região centro-norte de Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história.** 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

TIBIRIÇA, Luiz Caldas. **Dicionário de topônimos brasileiros de origem Tupi.** São Paulo: Traço Editora, 1985.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado.** 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná.** 4 ed. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina Ltda, 1977.

ZAMARIANO, Márcia. **Estudo da toponímia de Londrina e municípios limítrofes.** 2004. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

ZAMARIANO, Márcia. **Toponímia paranaense do período histórico de 1648 a 1853.** 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

ZAMARIANO, Márcia. **Estudo toponímico no espaço geográfico das mesorregiões paranaenses: metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro.** 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.